



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM  
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



**WARAXOWO'I MAURICIO TAPIRAPÉ**

**ENSINO DE PALAVRAS MASCULINAS E FEMININAS NA LÍNGUA APYÃWA:  
RESISTÊNCIA CULTURAL E LINGUÍSTICA**

**BARRA DO BUGRES-MT  
DEZEMBRO/2022**

WARAXOWO'I MAURICIO TAPIRAPÉ

**ENSINO DE PALAVRAS MASCULINAS E FEMININAS NA LÍNGUA APYÃWA:  
RESISTÊNCIA CULTURAL E LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino

Linha de Pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Centurion Gambarra e Gomes

Coorientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele Cruz

BARRA DO BUGRES-MT  
DEZEMBRO/2022

## CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T172e Tapirapé, Waraxowo'l Maurício.

Ensino de palavras masculinas e femininas na Língua Apyãwa: resistência cultural e linguística / Waraxowo'l Maurício Tapirapé. – Barra do Bugres, 2022.  
132 f.; 30 cm.; il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

Orientadora: Dra. Rejane Centurion Gambarra e Gomes.

Coorientadora: Dra. Mônica Cidele da Cruz.

1. . Ensino de Palavras Masculinas e Femininas. 2. Palavras Distintas. 3. Saber Apyãwa. 4. Valorização da Língua e da Linguagem. I. Centurion, R., Dra. II. Cruz, M. C. da, Dra.III. Título. IV. Título: um estudo de caso com o Povo Negarotê do Município de Comodoro-MT.

CDU 81-21(=1-82)(81)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

**WARAXOWO'I MAURICIO TAPIRAPÉ**

**ENSINO DE PALAVRAS MASCULINAS E FEMININAS NA LÍNGUA APYÃWA:  
RESISTÊNCIA CULTURAL E LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Barra do Bugres, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 15 de dezembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rejane Centurion Gambarra e Gomes (PPGECEI/UNEMAT)  
Orientador(a)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Eunice Dias de Paula (PPGECEI/UNEMAT)  
Examinadora Interna

---

Profa. Dra. Mônica Veloso Borges (UFG)  
Examinadora Externa

Dedico estes estudos à minha comunidade Apyãwa-Tapirapé, pelo acolhimento de  
sempre.  
À minha mãe, Regina Eirowa Tapirapé.  
À minha avó materna Taparawoo Tapirapé.  
E minha família!

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, eu agradeço aos meus pais, Paxepytygi Cláudio Tapirapé e Eirowa Regina Tapirapé. Também agradeço ao Sr. Awarao Timóteo Tapirapé (In Memoriam), que esteve contando as histórias.

E não deixo de agradecer também, à irmãzinha de Jesus, Elisabeth, por ela ter dedicado os seus cuidados à minha mãe, quando estiveram acompanhando nos momentos difíceis da saúde dela.

Ao meu irmão e à sua esposa, Taroko Edmundo Tapirapé e Koxawiri Tapirapé, que me ajudaram com algumas informações sobre as palavras distintas.

Não me esqueço de agradecer Demilson Makarore Tapirapé, pela amizade, que também fez da minha pesquisa, contribuindo com sua experiência.

Agradeço à minha comunidade, que ainda realiza vários outros conhecimentos tradicionais, valorizando com as suas práticas de vida, mostrando as suas habilidades culturais com o potencial de ser o povo Apyãwa.

Não me esqueço de agradecer às Irmãs de Jesus que tanto colaboraram com a minha comunidade, que deram ao povo Apyãwa a oportunidade de continuar existindo em meio a tantos outros povos indígenas. Então, não me esqueço de agradecer às Irmãs de Jesus em nome da minha comunidade, Elisabeth Ribeiro da Silva, Odila de Jesus e a Genoveva de Jesus (In Memoriam), que dedicaram as suas vidas para estar com os Apyãwa por muito tempo na aldeia.

À minha orientadora, Professora Rejane Centurion, pela orientação prestada, pelo seu incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou. Aqui lhe exprimo a minha gratidão. Obrigado pela confiança e por me atender com paciência todas as vezes que precisei. Agradeço por todos os ensinamentos compartilhados de forma admirável. Muito obrigado por tudo!

Agradeço a todos. Muito obrigado!

## MARAGETÃ MAATOREJXEÃWA

‘Ã ywyrabe kwaxiamatãta kwee wetepe axe’apeãwetyk ee, marygato wete’omara apaãwa re, akoma’e xe’ega re, koxỹ xe’ega ne, ikwaxiaãta inoga xerexaope Apyãwa ramõ, marygato ywyrabe pe xerexe’ega magyãwa re xapyykãwa aoxekato xanewe. Axekwe kwee xexe’apeãwa Apyãwa apito’ãkwera re, marygato aoxekato ipyroãwa re xerete’omata xema’eãjpe ranõ. Maryn kwee epewera re axe’apeãwetyk, ‘ã ywyrabe ikwaxiaãta irota pitywera pyroãwyma ramõ, ixema’eãjpe emimagy ryma ramõ.

A’era kwee emiga re wema’ẽwo ate’omat aga pe ikwaxiãta irota xerexaope Apyãwa xe’ega apyrepyrera, akoma’e xe’ega, koxỹ xe’ega ne, ipoenowakamatãta xerexaope ywyrabe imagetã pyra pe, axema’ema’e agỹ we xema’eãjpe ranõ. Emanynie ekwe a’e ramõ axema’ema’e agỹ ramõ xikwaãp, xipoenop imanawo irekawo Apyãwa ramõ xerexeka. A’e ete ramõ ‘ã naxe’ega magyãwa ixeratyryki aawo akawo, a’era mõ ‘ã xete’omara pe itowi axekwaxiãta Apyãwa xe’ga. ‘Agã pe te’omara iapapyra a’e ramõ aoxekatoete imagywo pitywera we xema’eãjpe ipyroãwa ramõ, i’ywyrabe magetaãwa re, i’ywyrabe kwaxiaãwa re ranõ, xerexe’ega magyãwa re Apyãwa ramõ.

Emanyn a’e ramõ ekwe imagyãwa, emanyn kwee ie xexe’apeãwa ee, Apyãwa apito’ãkwera gỹ xema’eãwa ramõ, ywyrabe imagetapyra pe inoga ikwaxiãta xerexaope. Aoxekatoete emanyn iapawo xerexewe te’omara pe inoga xerexeka imagyãwa, xema’eãjpe xema’eãwa ramõ, aoxekatoete xanepyroãwa xanexema’eãwa re. ‘Ã ywyrabe kwakaj a’e ramõ aapa axema’ema’e gỹ xema’eãwa ramõ, emimagetã ramõ, emimagy ramõ, a’erẽ xowe a’egỹ irota ee axe’apeãwa ikome’owo ranõ.

Axekwe ekwe ‘ã ywyrabe ikwaxiãripyra itowi imagypataãra gỹ we, imagetamataãra gỹ we, ee axema’ematãra ma’e agỹ we. Agã pe ekwe ‘ã itowi akoma’e xe’ega re, koxỹ xe’ega ne xema’eãwa xanewe xaneremiexãka ramõ, xapyroãra ramõ. Emanyn a’e ramõ xe’apeãwa ‘ã ywyrabe kwaxiaãwa re, Apyãwa xe’ega re, akoma’e xe’ega re, koxỹ xe’ega ne.

**XE’EGETEAWYMA:** Akoma’e xe’ega, koxỹ xe’ega; Apyãwa xe’ega; Apyãwa reka; Teka re xapyykãwa; Xe’ega magyãwa maxywyãwa.

## RESUMO

O propósito deste trabalho é apresentar a importância de uso das palavras masculinas e femininas para manutenção das epistemologias linguísticas Apyãwa, como símbolo da resistência cultural e linguística da comunidade, no que diz respeito aos saberes e sobre organização social, cantos, comunicação, festas tradicionais, rituais e conexão com o mundo sobrenatural, segundo explicação cosmológica Apyãwa. Pretende, pois, investigar as metodologias utilizadas ou abordadas pelos professores Apyãwa para os estudantes de série diferenciada, para criar um caminho que atenda à demanda de inclusão do ensino das palavras masculinas e palavras femininas na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, e assim recuperar o fortalecimento e valorização da identidade própria do saber, e do povo Apyãwa, no contexto de uso de língua materna. Como dizem os sábios (as) da comunidade, na concentração dos nossos saberes, está o conhecimento que partilhamos e vivenciamos, de modo especial, durante todos os períodos da nossa vivência em uma relação com os nossos saberes milenares. A comunicação entre os Apyãwa gira em torno da movimentação dos saberes, que ocorre por meio de sinais e manifestações simbólicas, interpretados por nós como linguagens cósmicas. São linguagens que, de certo modo, garantem a identidade própria dos sexos masculino e feminino, com o ser Apyãwa. Este trabalho traz, portanto, um conjunto de reflexões sobre o uso da palavra masculina e feminina, sobre os conhecimentos linguísticos, interpretados a partir do fluxo do discurso social Apyãwa, que expressa conhecimentos produzidos mediante diferentes modos de viver. Foram realizadas entrevistas com sábios (as), com alguns professores das aldeias Apyãwa, além da participação em algumas oficinas e seminários, também em atividades culturais na aldeia, atividades escolares, participação das conversas noturnas na Takãra, onde são abordados assuntos e problemas relacionados ao povo e seus conhecimentos como Apyãwa. Foi feita uma documentação de palavras masculinas e femininas da língua materna Apyãwa “Tapirapé”, que são ensinadas pelos pais, e dentro da família, a qual será disponibilizada para uso exclusivo da escola da comunidade, como o produto pedagógico de ensino, voltado ao fortalecimento das palavras distintas Apyãwa. O referido produto traz ilustrações feitas pelos alunos, com diversas situações de uso envolvendo pessoas dos sexos masculino e feminino.

**Palavras-chave:** Ensino de palavras masculinas e femininas; Palavras distintas; Saber Apyãwa; Valorização da língua e da linguagem.

## ABSTRACT

The purpose of this work is to present the importance of using masculine and feminine words to maintain Apyãwa linguistic epistemologies, as a symbol of the cultural and linguistic resistance of the community, with regard to knowledge and about social organization, songs, communication, traditional festivals, rituals and connection with the supernatural world, according to Apyãwa cosmological explanation. As the sages of the community say, in the concentration of our knowledge, there is the knowledge that we share and experience, in a special way, during all the periods of our experience in a relationship with our millenary knowledge. Communication among the Apyãwa revolves around the movement of knowledge, which occurs through signs and symbolic manifestations, interpreted by us as cosmic languages. These are languages that, in a way, guarantee the identity of the male and female sexes, with the Apyãwa being. This work therefore brings a set of reflections on the use of the masculine and feminine word, on linguistic knowledge, interpreted from the flow of the Apyãwa social discourse, which expresses knowledge produced from different ways of living. Interviews were carried out with wise men, with some teachers from the Apyãwa villages, in addition to participating in some workshops and seminars, also in cultural activities in the village, school activities, participation in night conversations at Takãra, where subjects and problems related to the people and their knowledge as Apyãwa. A documentation of masculine and feminine words of the Apyãwa mother tongue "Tapirapé" will be made, which are taught by parents, and within the family, which will be made available for the exclusive use of the community school, as the pedagogical teaching product, aimed at strengthening of the masculine and feminine words Apyãwa. This research intends, therefore, to investigate the methodologies used or approached by the Apyãwa teachers for the students of different grades, to create a path that meets the demand of inclusion of the teaching of masculine words and feminine words in the State Indigenous School "Tapi'itãwa", and thus recover the strengthening and valorization of the own identity of knowledge, and of the Apyãwa people, in the context of the use of the mother tongue.

**Keywords:** Masculine and feminine words; distinct words; Know Apyãwa; Appreciation of language and language.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Apresentação no barracão da comunidade  
Figura 2 - Apresentação no barracão da comunidade  
Figura 3 - Estágio no Ensino Médio  
Figura 4 - Habilitação Magistério  
Figura 5 - Habilitação Magistério  
Figura 6 - Educação Intercultural “UFG”  
Figura 7 - Formatura  
Figura 8 - Oficina de confecção de arcos e flechas  
Figura 9 - Contação de histórias  
Figura 10 - Caçada  
Figura 11 - Caçada  
Figura 12 - Caçada  
Figura 13 - Preparação do jirau no acampamento  
Figura 14 - Carne do porcão defumado no acampamento  
Figura 15 - Confecção de peyra  
Figura 16 - Confecção de peyra  
Figura 17 - Confecção de peyra  
Figura 18 - Estágio  
Figura 19 - Atividade de aluno sobre a festa Marakãxawaja  
Figura 20 - Atividade de aluno sobre o pagamento das mulheres Apyãwa  
Figura 21 - Minha Família  
Figura 22 - Minha Família  
Figura 23 - Minha Família  
Figura 24 - Minha Família, crianças  
Figura 25 - Formação Continuada dos Professores  
Figura 26 - Mapa da Área Indígena Tapirapé/Karajá  
Figura 27 - Majtyritãwa  
Figura 28 - Majtyritãwa  
Figura 29 - Educação Infantil  
Figura 30 - Educação Infantil  
Figura 31 - Cursistas, Ensino Médio  
Figura 32 - Plantando mudas de plantas nativas da região, Ensino Médio  
Figura 33 - Tapi’itãwa  
Figura 34 - Mapa da Terra Indígena Urubu Branco (Satélite)  
Figura 35 - Mapa da Terra Indígena Urubu Branco (Desenho)  
Figura 36 - Tapi’itãwa  
Figura 37- Takãra/Tataopãwa “O ritual de alimento/Oferenda de alimento”  
Figura 38 - Tataopãwa “O ritual de alimento/Oferenda de alimento”  
Figura 39 - Tataopãwa/’Ipirã “O ritual de alimento/Oferenda de alimento”  
Figura 40 - Tataopãwa/’Ipirã “O ritual de alimento/Oferenda de alimento”  
Figura 41 - Tataopãwa/Kawi “O ritual de alimento/Oferenda de alimento”  
Figura 42 - Tataopãwa/Kawi “O ritual de alimento/Oferenda de alimento”  
Figura 43 - Barreira sanitária  
Figura 44 - Barreira sanitária  
Figura 45 - Visitas domiciliares dos agentes de saúde

Figura 46 - Barreira sanitária

Figura 47 - Isolamento das pessoas com Covid

Figura 48 - Isolamento das pessoas com Covid

Figura 49 - Takãra/Tapi'itãwa

Figura 50 - Seminário de Política linguística “Tapi'itãwa”

Figura 51 - Seminário de Política linguística “Tapi'itãwa”

Figura 52 - Seminário de Política linguística “Tapi'itãwa”

Figura 53 - Seminário de Política linguística “Tapi'itãwa”

Figura 54 - Seminário de Política linguística “Tapi'itãwa”

Figura 55 - Escola Indígena Estadual “Tapi'itãwa”

Figura 56 - Oficina de confecção de arcos e flechas em Tapi'itãwa

Figura 57 - Oficina de confecção de arcos e flechas em Tapi'itãwa

Figura 58 - Preparação de mandioca em Tapi'itãwa

Figura 59 - Alimentando filhote de papagaio na aldeia Wiriaotãwa

Figura 60 - Desenho da Koxamy'i mostrando as falas apropriadas entre uma mulher e um homem

Figura 61 - Mensagem de texto, via WhatsApp

Figura 62 - Estudantes de ensino médio

Figura 63 - Estudantes de ensino médio

Figura 64 - Estudantes de ensino médio

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - regras de respeito na família

Quadro 2 - palavras de uso das mulheres

Quadro 3 - palavras de uso das mulheres para chamar seus parentes

Quadro 4 - palavras de uso dos homens para chamar os parentes

Quadro 5 - palavras que só os homens podem pronunciar nas suas falas – “palavras masculinas”

Quadro 6 - formas de se chamar, ou se comunicar com o cunhado - “palavras masculinas”

## SUMÁRIO

|                                                                |            |
|----------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                        | <b>14</b>  |
| <b>1. RELATOS DA MINHA VIDA: O PROFESSOR PESQUISADOR.....</b>  | <b>16</b>  |
| 1.1 ORIGEM.....                                                | 16         |
| 1.2 TRAJETÓRIA DE ESTUDOS.....                                 | 22         |
| <b>2. O POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ.....</b>                          | <b>55</b>  |
| 2.1 MITO DE ORIGEM.....                                        | 59         |
| 2.1.1 Narrativa em língua materna.....                         | 59         |
| 2.1.2 Narrativa em língua portuguesa.....                      | 61         |
| 2.2 O POVO APYÃWA E A PANDEMIA DA COVID-19.....                | 68         |
| <b>3. POLÍTICA LINGUÍSTICA DO POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ.....</b>    | <b>74</b>  |
| 3.1 LÍNGUA MATERNA E OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS APYÃWA....  | 81         |
| 3.2. EDUCAÇÃO TRADICIONAL APYÃWA.....                          | 81         |
| <b>4. ESTUDO SOBRE AS PALAVRAS FEMININAS E MASCULINAS.....</b> | <b>88</b>  |
| <b>5. AS PALAVRAS DISTINTAS E SEU ENSINO.....</b>              | <b>106</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                               | <b>112</b> |
| <b>CONSULTORES NATIVOS.....</b>                                | <b>114</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                        | <b>115</b> |

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, temos por objetivo apresentar uma proposta de ensino da língua materna Apyãwa “Tapirapé”, especificamente das palavras distintas masculinas e femininas que são ensinadas pelos pais, e dentro da família, cujo papel é muito importante para valorizar e fortalecer o uso das palavras antigas e atuais do povo Apyãwa, dos sexos masculino e feminino. Além da proposta de ensino, também é objetivo disponibilizar, para uso exclusivo da escola da comunidade, um produto pedagógico de ensino, voltado ao fortalecimento de tais palavras. Na pesquisa, foram realizadas entrevistas com anciãs e alguns Professores Apyãwa, os quais contribuíram com a sua experiência, somando conhecimento a mais em relação ao que foi colocado nas entrevistas. De acordo com a transmissão de conhecimento, as informações foram coletadas diretamente com as pessoas que praticam o saber, no intuito de levar o material registrado ao alcance dos educadores que estão lecionando em sala de aula, inserindo na metodologia dos professores, o ensino das palavras masculinas e femininas, na sala de aula e na comunidade Apyãwa, assim fortalecendo e valorizando a nossa realidade.

O tema da minha pesquisa está alinhado à descrição e documentação de palavras distintas masculinas e femininas Apyãwa, cuja escolha se deu por interesse de registrar, e para buscar entender melhor como ocorre o processo de ensino dessas palavras dentro da família Apyãwa, culturalmente. Além disso, também me chamou muita atenção que na sala de aula os professores não estão ensinando os alunos (as) com esse saber específico do povo Apyãwa, da forma como a comunidade deseja um ensino para os jovens, por escrito e nas teorias, para os meninos e as meninas, sobre as diferenças das palavras que existem nas falas. Então, percebendo que está acontecendo um distanciamento sobre o fortalecimento das palavras masculinas e femininas Apyãwa, me interessei em documentar as palavras distintas, e assim disponibilizar o resultado da pesquisa para o uso da escola, através do trabalho com os professores.

Em busca de melhorar o ensino, e solucionar essa fragmentação, buscamos criar outro meio para incluir a forma de ensinar essas palavras para os jovens Apyãwa, fazendo política de fortalecimento dentro da nossa escola também, da forma como traz o LDBEN (1996), garantindo o ensino diferenciado dentro das escolas indígenas. Fazendo acontecer esse trabalho, os futuros Apyãwa dos gêneros masculino e feminino vão poder ter oportunidade de conhecer e aprender essa especificidade da sua língua na família e na escola. Com essa política linguística, a língua materna se torna firme para ser usada pelo seu usuário, adequadamente, por isso, os professores Apyãwa têm um papel muito importante de levar o conhecimento com as práticas pedagógicas para a sala de aula, podendo ensinar temática sociocultural do seu próprio

povo para incentivar os estudantes, até mesmo atualizando os conhecimentos e formando jovens lideranças Apyãwa no mundo próprio do seu saber.

Por essa razão, nos interessamos em realizar a pesquisa para refletir sobre o processo de ensino das palavras masculinas e femininas, na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, em Tapi’itãwa, e também nas escolas anexas de outras aldeias Apyãwa, como em Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa I, Wiriaotãwa II, Inataotãwa, Myryxitãwa e Akara’ytãwa, na Terra Indígena Urubu Branco. Todos trabalham na realidade da comunidade, para fortalecer, ou para recuperar o uso de alguns conhecimentos que já não estavam mais sendo usados pelos Apyãwa. E a partir disso, os professores Apyãwa e as escolas começam a analisar as informações coletadas pelo planejamento escolar, para, então, propor a adoção de novas metodologias que também fortaleçam por meio das atividades escolares, as práticas das nossas realidades, a referência política linguística do nosso povo Apyãwa. O planejamento escolar é feito pelos professores Apyãwa, com a participação dos pais de estudantes, por meio de reuniões, com debates, no intuito de melhorar ainda mais o ensino para as crianças, jovens e adolescentes Apyãwa. Então, a partir do planejamento geral é que cada professor/a faz o seu plano individual para trabalhar as suas atividades na sala de aula, conforme a fase de seus alunos/as, para atender à necessidade da comunidade, por meio das atividades escolares.

Essa pesquisa pretendeu, pois, investigar as metodologias utilizadas ou abordadas pelos professores Apyãwa para os estudantes de série diferenciada, para criar um caminho que atenda à demanda de inclusão do ensino das palavras masculinas e palavras femininas na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, e assim recuperar o fortalecimento e valorização da identidade própria do saber, e do povo Apyãwa, no contexto do uso de língua materna.

O produto pedagógico que eu pretendo disponibilizar ao uso da escola Apyãwa, é um catálogo ilustrado com diferentes situações de uso das palavras masculinas e femininas dos seus próprios falantes, a identidade própria do nosso povo Apyãwa, especificamente as palavras usadas pelos homens e mulheres do nosso povo, que na nossa língua materna chamamos de “**akoma’e xe’egã** e **koxy xe’egã**”, as quais fazem parte da nossa cultura tradicional, e acredito que será uma maneira muito eficiente de ajudar as crianças em fase de alfabetização na escola e nas famílias também, pois, ao mesmo tempo em que elas aprenderão nas aulas, também ensinarão outras pessoas a usarem as palavras distintas. E para facilitar ainda mais, estarão adquirindo através da escrita, a documentação das palavras.

## **1. RELATOS DA MINHA VIDA: O PROFESSOR PESQUISADOR**

### **1.1 ORIGEM**

Eu, Waraxowo'i Mauricio Tapirapé, nasci no dia 31 de março de 1988, na aldeia Orokotãwa “Área Indígena Tapirapé/Karajá”, no município de Santa Terezinha – MT. Hoje resido em Tapi'itãwa, “Terra Indígena Urubu branco”, no município de Confresa – MT, no extremo nordeste do estado de Mato Grosso, médio Araguaia. Também já morei em Majtyritãwa, “Área Indígena Tapirapé/Karajá”, Xapi'ikeatãwa e Towajaatãwa, “Terra Indígena Urubu Branco”.

A minha mãe, Regina Eirowa Tapirapé, é a filha do Sr. Korira Tapirapé com a Sr.<sup>a</sup> Taparawoo Tapirapé. Os meus avós maternos são produtores rurais da etnia Tapirapé, artesãos, que vêm das gerações anteriores da família, e que continuaram praticando as atividades de produzir os alimentos na roça. Com essas experiências de vida, souberam cuidar e sustentar bem da sua família, para dar os alimentos do dia a dia aos seus filhos (as) comerem. Segundo a minha mãe, a refeição do dia a dia era de produtos da roça, da pescaria, e das caças que o pai dela, o meu avô trazia para a família, para dentro de casa. E algumas vezes também produziam artesanatos para vender aos turistas que naquele tempo passavam na aldeia, ou às vezes trocavam os seus enfeites por produtos alimentícios. Também a mãe lembra que o pai dela vendia os produtos da roça às outras pessoas, além de fazer a venda dentro da aldeia. Com esse dinheiro, muitas vezes também iam comprar alguns insumos no armazém de Santa Terezinha – MT, vila que ficava próxima da aldeia.

Desde então, a minha mãe vem enfrentando o problema de saúde dela. Com os 10 anos de idade, ela lembra que começou a sentir uma dor intensa na perna. E como de costume, os pais dela faziam o possível tratamento com os pajés, sem saber que isso era o começo da osteomielite. Então, a minha mãe teve esse problema de saúde desde muito nova, e até agora ela encontra muita dificuldade, e claro, nós também sentimos essa dificuldade que ela passa todos os dias. E para amenizar um pouco essa dor imensa que sentia, ela tinha que ser tirada da aldeia para a cidade, à procura de tratamento nos hospitais da cidade, acompanhada de Irmãzinha de Jesus, Elizabeth, chamada de Xaryj'i pelos Apyãwa (minha avozinha), que chegou no ano 1952, na aldeia Apyãwa.

A Elizabeth quem foi acompanhante dela nos tratamentos; por ela conviver com os Apyãwa, os pais da mãe depositaram a confiança nela, para poder fazer o tratamento da saúde fora da aldeia. “Com o mais, ficar longe da família, era difícil”, dizia ela. Com isso, ela passou alguns anos fora da casa da família, aonde acostumava de ficar com os pais, e teve que se afastar do que gostava de fazer na aldeia, por conta de que ali não tinha como fazer o tratamento dela.

Então, na cidade, conseguiu fazer tratamento, para amenizar um pouco da dor imensa que passava, até fez a cirurgia para drenar o pus que já tinha infeccionado as pernas dela. Na volta para casa, “não podia sair por aí passeando como fazia e ficava com receio de acompanhar as minhas irmãs”, dizia ela, porque precisava ficar de repouso para se recuperar da cirurgia, também. Mesmo tendo o possível tratamento com os pajés da aldeia, não descobria o que de fato ela tinha, não descobria o que tinha provocado tanta dor nas pernas. E quando voltou para a aldeia, já era na fase de adolescente. Só recebia a visita dos pais, onde ela ficava fazendo o tratamento, ou vinha na aldeia rapidamente e logo voltava para a cidade, para continuar fazendo o tratamento dela (porque o meu avô não se acostumava ficar na cidade, por isso voltava para a aldeia, e só a minha mãe ficava no hospital). A minha mãe também se lembra de que recebeu o primeiro atendimento no hospital de Belém, e depois fez tratamento em Belo Horizonte; e também que a mãe dela mesma confeccionava as roupas para os seus filhos (as) usarem.

O meu pai Cláudio Paxepytygi Tapirapé, é o filho do Sr. Awarao Timóteo Tapirapé com a Sr.<sup>a</sup> Mikato Tapirapé, ambos da etnia Apyãwa (Tapirapé) e relata que se lembra dos pais dele, de como viviam em família; apesar de encontrar muitas dificuldades, também conta que eles produziam muitos produtos da roça, e que os alimentos consumidos vinham de pescas, caças, além de serem artesanãos, como meus avós maternos. Todos os artesanatos que produziam era a forma de ter a renda, sendo nas vendas deles que ganhavam dinheiro para manter o sustento da família em casa. Ele se lembra muito das dificuldades que passavam, mas o que conseguia, sempre era bem-vindo para eles.

E com a separação dos pais dele ainda aumentaram as dificuldades, porque o pai saía em busca de alimento e ainda na volta tinham de preparar também, e por não outra escolha, era preciso enfrentar diferente o que passou. Então, o meu pai e o seu irmão passaram a morar com a avó, para poder se cuidarem entre eles, já que eram apenas dois irmãos, porque um dos irmãos se suicidou. Certo dia, também perderam a mãe, e a partir de então conviveram mais com a avó, desde muito novos. Por tudo o que passaram enfrentando, ao crescer começaram a praticar alguns trabalhos que aprenderam com o pai, para manter a casa e seus sustentos. Também começaram a mariscar para os compradores de pirarucu, e passavam os dias mariscando, conseguindo, assim, ter mais uma renda com os peixes que vendiam, e o dinheiro, eles dividiam entre os irmãos, como diz o meu pai.

Então, os meus pais se conheceram e se casaram através dos pais deles também, como culturalmente acontecia o casamento no nosso povo Apyãwa: os pais que escolhiam a noiva, ou noivo para o filho (a) se casar. E assim os pais deles combinaram, porque eram colegas mais

próximos, casaram os meus pais e eles formaram a nossa família, que tiveram nós, os cinco filhos, as três irmãs e um irmão perdemos.

Tudo que eu me lembro da minha infância, poucas lembranças me recordo, até porque muito tempo já se passou. E como o tempo passou, algumas partes da minha história foram se apagando aos poucos, ou seja, estão sendo esquecidas por mim, porque de lá para cá, tantas coisas já aconteceram também, mas ainda há lembranças que ficaram marcadas de dias felizes, e de tristezas em algumas vezes. É por isso que me recordo em poucas coisas, os acontecidos que eu presenciei na aldeia, sempre junto com a minha família. Diante das dificuldades (ou não), nós continuamos levando as nossas vidas junto com a família, superando várias outras dificuldades, e na luta de sempre, seguimos com tranquilidade.

De acordo com a nossa tradição Apyãwa “Tapirapé”, nós sempre nos preocupamos com os próximos dentro da nossa família, e em nossa comunidade, com o bem viver da nossa população. Por isso, todos os dias, os pais de famílias, avós e avôs, enfim, as famílias todas se reúnem para ensinar aos jovens da sua comunidade, as práticas culturais do seu povo. Sempre tivemos essa oportunidade, a conexão, esse acesso de contribuir com a nossa população, de ensinar, de orientar, de dar o conselho aos seus educandos, procurando tornar cada um destes a pessoa mais justa, responsável, honesta e ser bem respeitada na comunidade, que atenda à necessidade do seu povo, com a sua responsabilidade, de levar a nossa forma de ensinar adiante. E como nós, Apyãwa, sabemos da nossa educação tradicional, das nossas aprendizagens, culturalmente, não há um espaço limitado para isso, pelo que sabemos. Os nossos professores sempre fizeram aulas práticas com os seus alunos, e nem mesmo tem a limitação de número de alunos para serem ensinados. Desde a infância dos seus filhos, os pais de famílias acompanham os desenvolvimentos dos aprendizados, para poder ensiná-los nas atividades preparatórias, conforme a cultura Apyãwa nos oferece. Esses ensinamentos que nós recebemos dos pais, das avós, dos avôs, e das famílias, antes mesmo de formar a nossa família própria, é praticado para se ter uma noção de como poderia cuidar da família no futuro. Então, essa preparação acontece antes mesmo dos jovens casarem-se, por isso, todos os ensinamentos são fundamentais, em relação aos jovens Apyãwa.

Por isso, os Apyãwa, quando formam a família, já vem com essa preparação, com a responsabilidade de continuar repassando os conhecimentos Apyãwa para os seus filhos e netos no futuro, também. É por isso que nós, Apyãwa, ou seja, os pais de família, desde a gestação da mulher, cuidadosamente entramos em reclusão, para iniciarmos à nossa maneira de aprendizagem, educadamente, dentro do nosso conhecimento. Assim, deixamos de consumir certos alimentos, para não prejudicar o desenvolvimento da criança dentro do ventre da mãe.

Desde então, os Apyãwa começam a conversar com os seus filhos, contando as historinhas, cantando as músicas, porque assim nós acreditamos que começamos os ensinamentos às crianças que ainda vão chegar ao nosso mundo. Também neste momento de gravidez, não são consumidos certos alimentos, especificamente o consumo de aves e animais, até as crianças atingirem certas idades, após o nascimento dela. A partir daí, já passam um pouco da responsabilidade para a própria criança, de oferecer o alimento limitado a ela, para que não faça mal o próprio alimento consumido pela criança. Então, esse cuidado que os pais de família têm também com os seus filhos, é uma orientação própria do nosso povo Apyãwa às crianças. Assim, todos os Apyãwa sempre vêm repassando os conhecimentos com os próximos, dentro da comunidade.

Sou natural da aldeia Orokotãwa, onde nasci, e onde também morávamos há muito tempo, desde o meu nascimento, em 1988, até nos anos 1993, quando nós fizemos a mudança para Tapi'itãwa. E pouco tempo passávamos em aldeia, porque o maior tempo nós passávamos na roça junto com a família, onde cultivávamos os produtos da roça. Ficávamos na aldeia, quando era o tempo de fazer a roça, ou quando os produtos da roça ainda ficavam em crescimento, quando os plantios ainda não atingiam o tempo certo de colheita, mas quando chegava o tempo de colheita, praticamente a mudança era feita para a roça, onde ficávamos com tempo. A família toda se mudava para a roça, e de lá é que os meus irmãos vinham para estudar na escola da aldeia. Isso foi apenas uma das dificuldades encontradas naquele tempo, mas a rotina de vida sempre tudo ia certo, na aldeia e na roça, porque naquele tempo, a comunidade trabalhava muito na roça, produzindo muitas coisas, muita alimentação tipicamente do povo. O povo Apyãwa é um povo agricultor, que produz alimentos típicos da comunidade na roça. Em meio a essas tantas atividades comunitárias, as atividades familiares são realizadas, por família extensa, conforme a tradição Apyãwa. A nossa educação tradicional sempre se manteve ativa e como sempre, para formação de mais jovens lideranças na comunidade. Nossa forma de aprender sempre foi nas observações e após, nas práticas, e sempre acompanhada pelos professores tradicionais, especialmente pelos pais.

Em Orokotãwa também tivemos muitos lugares bonitos para apreciar, onde nós fazíamos acesso quase todos os dias, no rio Araguaia, nas praias, nos lagos para pescar, ou até mesmo indo só a passeio. Também íamos nos cerrados e varjão para brincarmos, ou para coletar as frutas nativas daquela região. Aquela região “Área Indígena Tapirapé/Karajá” era muito rica de peixes, animais, aves e frutas, na qual a economia Apyãwa ficava equilibrada, com a extensa preservação do território. Por isso, a fartura de alimento também era muito significativa, onde se encontravam muitos alimentos naturais, tirados na hora para o consumo, sem estar

desmatando a floresta da região. A riqueza natural era utilizada da maneira sustentável, sem fazer a mudança por meio de exploração inadequada sem sentido, sem necessidade.

Mudamos de Orokotãwa para Maityritãwa, uma nova aldeia que foi aberta, um pouco mais à frente da aldeia antiga, de onde a população estava se mudando. Então, ali se abriu a segunda aldeia maior do povo Apyãwa, situada num afluente do rio Araguaia. A aldeia ali se abriu, para encurtar um pouco a distância da mata, onde o pessoal fazia as suas roças de toco, para produção de alimentos na roça, porque a aldeia antiga ficava um pouco longe da entrada da mata. Ali, nós moramos também, por algum tempo, antes de fazemos a mudança para Tapi'itãwa.

Isso acontecia com toda família Apyãwa, em tempo de colheita dos produtos da roça. A família toda tinha essa prática de produzir na roça, de viver de mudanças da aldeia para a roça, em todos os anos. Dessa forma, a nossa convivência vem sendo atualizada na comunidade, com todas as práticas que ainda temos em conhecimentos Apyãwa.

Aos meus 5 anos de idade, no dia 20 de novembro de 1993, junto com a minha família, vim para Tapi'itãwa, onde até hoje resido, quando a “Terra Indígena Urubu branco” ainda não era reconhecida como terra indígena, e muito menos demarcada e registrada como “Terra indígena Urubu Branco”, como sabemos nos dias atuais. Em meados de 1993, Confresa também não era como está sendo hoje, quando a nossa família, por parte do avô materno, teve iniciativa de se mudar para Tapi'itãwa. E então viemos para cá, porque os meus avós não se esqueciam tão fácil do lugar, onde eles já tinham vivido na sua infância, de onde o seu irmão foi raptado pelos Kayapó. Por isso, decidiram vir para Tapi'itãwa, no lugar onde nós Apyãwa retomamos. E na época que nós tínhamos chegado, a fazenda ainda era ativa aqui no local, tinham rebanho de gado, e com vaqueiros em atividade, mas mesmo assim, ficamos na sede da fazenda, onde as casas ficavam. E com medo, aos poucos foram retirando as coisas da fazenda. Então, as casas foram construídas de palhas também, com poucas pessoas que estavam ali, e no início com sete casas, e que depois aos poucos foram aumentando. A fazenda era vigiada todos os dias e noites, mas nós sempre ficamos ali também, juntamente com a família, acompanhando a movimentação pela redondeza da sede da fazenda. E ao passar do tempo, os Apyãwa, aos poucos foram chegando, se juntando a nós, por aqui.

Em Tapi'itãwa, é que eu comecei a estudar na escola, aos meus 7 anos de idade, então, comecei a conhecer outro ambiente de estudo, local de aprendizagem não indígena, que é a escola convencional, começando o contato com as palavras escritas e numeração ocidental. No início, a aprendizagem foi difícil, porque era praticamente diferente do que acompanhava um pouco nas escolas tradicionais Apyãwa, onde as atividades são feitas diretamente nas práticas,

como nas pescarias, ou nos plantios de algumas plantas na roça, nas atividades comunitárias, ou entre familiares, que é bem diferente das atividades escolares, onde já se usa outra metodologia de ensino. Isso porque a educação Apyãwa sempre funcionou em práticas de conhecimentos, com os trabalhos braçais, e na educação convencional funciona em outro sentido, como nas escritas, numeração, pesquisas. Por isso, também, a demora de me adaptar com esse modo de ambiente, de acompanhar a aprendizagem na sala de aula. Mesmo o professor sendo da aldeia, próprio do povo Apyãwa, havia dificuldades em acompanhar as atividades escritas e tudo parecia ser impossível de ler e até mesmo escrever. Nesse tempo, estudar não era o meu foco, uma coisa que por não entender, não me interessava, nunca considerei isso como uma coisa importante, nunca se passou isso pela minha cabeça, por isso, naquela época, nunca levei a sério o meu estudo, e poucas vezes frequentava a escola. Só depois de muito tempo, comecei a entender o que era estudar em sala de aula, os preparativos que faz, o que de fato oferece para nós. A partir de então, depois de entender, já se passando alguns anos, comecei a valorizar a minha aprendizagem na sala de aula junto com os professores. Também percebi que isso me ofereceu outra caminhada, como uma das oportunidades preparatórias para somar com os professores Apyãwa, e para continuar lutando pelos direitos dos povos indígenas. Percebi que com isso outras portas iriam se abrindo para mim, no caminho de mais preparatórios, de pesquisas, até mesmo com o trabalho, como profissionalmente em alguns cargos. Desde então, sempre lutei para continuar tentando aproveitar o máximo de oportunidade nos estudos, para garantir outras qualificações, outras experiências por meio de ensino.

Também, depois de algum tempo, nós tivemos que nos mudar para outro lugar, então fomos para Xapi'ikeatãwa, onde era a sede da fazenda Sapeva, próximo ao rio Xapi'ikeãwa. Logo depois que a fazenda foi desocupada pelos não indígenas, a gente tinha se mudado para lá, abrindo uma nova aldeia com a família, tio, tia, avós. Naquele lugar, havia muitos peixes, frutos do cerrado, caças e aves. Lá ficamos por alguns anos, e após, foi criada uma nova aldeia, bem à frente da outra, bem na entrada da mata, porque aldeia ficava no meio das pastagens, já que era a sede da fazenda, e lá nós encontrávamos muita necessidade de não ter a água suficiente para nós, porque no verão o poço secava. Por este motivo, tivemos que nos mudar desse lugar. Então, foi aberta a aldeia Towajaatãwa, próxima à serra Towajaãwa, também conhecida por serra “São João”, pelos não indígenas. Então, por algum tempo, nós tínhamos voltado para Tapi'itãwa de novo, passando uns anos, e só depois retornamos para Towajaatãwa, novamente. De lá, tivemos que mudar para Xapi'ikeãwa de novo, e, depois, viemos de mudança para

Tapi'itãwa, onde nós estamos residindo até agora. Durante esses alguns anos, nós ficamos de mudança, de um lugar para outro.

## 1.2 TRAJETÓRIA DE ESTUDOS

### **Curso Projeto Aranowa'yao II – “Novos Pensamentos”, Ensino Médio**

Como já estava vindo me preparando para minha qualificação no futuro, sempre continuei lutando atrás dos meus sonhos. E até que depois de muitas batalhas, aos meus 19 anos de idade, em 2007, eu frequentei o curso Projeto Aranowa'yao II – “Novos pensamentos”, nível ensino médio, que conclui no dia 18 de dezembro de 2009. Essa foi uma das minhas primeiras conquistas após concluir a educação fundamental, e dentro da aldeia Tapi'itãwa, juntamente com os colegas cursistas Apyãwa, com a segunda turma do ensino médio, e com os próprios professores Apyãwa, em sua maioria. Nessas aulas, com os professores Apyãwa, como sempre, tive o privilégio de estudar os nossos conhecimentos tradicionais, como as histórias, músicas e artes, nas aulas práticas. Também tivemos os professores não indígenas, que também sempre trabalharam os conhecimentos próprios da nossa comunidade, por meio de escrita e numeração.

O curso acontecia por etapas, duas vezes ao ano, aula intensiva e intermediária, tudo dentro da aldeia Tapi'itãwa. Nas aulas intensivas, que aconteciam nos meses de janeiro e julho, nós estudávamos presencialmente por um mês, com as disciplinas e com os professores diferentes em cada semana. Todas as atividades estudadas eram voltadas à realidade do nosso povo Apyãwa, das dificuldades e das necessidades. Também neste curso tivemos o privilégio de estudar nas aulas, as artes Apyãwa, as músicas, e a língua materna, além de outros saberes tradicionais da comunidade. E durante cinco meses, nós fazíamos as atividades intermediárias, com pesquisas e entrevistas juntamente com os sábios da aldeia, bem como alguns encontros com os professores para nos orientar nas atividades.

Durante os três anos de estudo, em todas as etapas, em todos os finais de semana, nós fazíamos apresentação das atividades que estudávamos na sala de aula, para a comunidade, no barracão da comunidade, no centro da aldeia, as quais eram feitas com uso de cartazes, na leitura, ou até mesmo em teatro (dramatização), para mostrar de alguma forma o resultado de ensino e aprendizagens aos pais dos estudantes, que os acompanhavam muitas das vezes, quando não saiam aos trabalhos. Os pais, os anciões e o público em geral colaboravam com os conhecimentos, com as experiências de vida, com os debates, para motivar e incentivar ainda mais os estudantes aos seus estudos.

E para o trabalho final de conclusão de curso no ensino médio, eu escolhi o tema “APYÃWA RARYWA - CICLOS RITUAIS”, porque eu achei muito importante e me

interessei em aprofundar mais o meu conhecimento sobre as regras de uso dos antigos Apyãwa, como que valorizavam os seus próprios conhecimentos para o povo. Então, é por isso, que eu me interessei em fazer pesquisa sobre a cultura do meu povo, para conhecer os outros rituais e festas que já não eram mais realizados. Para isso, tive de entrevistar os mais velhos e gravar a história contada, da forma como narraram, e depois transcrever, para deixar registrado para os leitores interessados.



Imagem: 1 – apresentação no barracão da comunidade (Foto: Luiz Gouvêa de Paula)



Imagem: 2 – apresentação no barracão da comunidade (Foto: Luiz Gouvêa de Paula)

## **Estágio na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, no Ensino Fundamental e Ensino Médio**

Também além de estudar no ensino médio, já tinha começado o meu estágio na sala de aula, acompanhando o professor titular, para adquirir um pouco das suas experiências. Dava para dividir o meu tempo para fazer a minha pesquisa de estudo, entrevistas, para acompanhar a aula, até porque as aulas no ensino médio aconteciam por etapa, em janeiro e julho, duas vezes ao ano. No ensino fundamental, tive a oportunidade de acompanhar a aula na língua portuguesa, com a professora Koxawiri, na aldeia Tapi’itãwa, “Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa”. Desde então, comecei a acompanhar os professores e alunos voluntariamente em busca de aprofundar ainda mais o meu aprendizado e conhecimentos, como monitor. Também tive a oportunidade de acompanhar os professores titulares na terceira turma do ensino médio, na aula de língua materna junto com o professor Jeremy’i, na área de língua portuguesa com Tenywaãwi, e na aula de informática junto com Awaetekato’i “André”.

Todos foram os meus professores no ensino médio, quando ingressei na segunda turma do Projeto Aranowa’yão II – “Novos Pensamentos”, e eu tive privilégio de acompanhar as aulas deles como monitor no Projeto Aranowa’yao III – “Novos Pensamentos”, estagiando junto com eles, para poder adquirir as experiências de trabalhos na sala de aula com os estudantes, o que exige muito das experiências, da responsabilidade e muita paciência, para se preparar como professor. Por isso, eu dediquei o meu tempo com essa aprendizagem também, além dos meus estudos que estava fazendo naquele mesmo tempo. As trocas de experiências foram feitas da melhor forma possível entre os demais que estavam ali presentes, por meio das atividades.



Imagem: 3 – Estágio no Ensino Médio (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2011)

### **Curso Projeto Aranowa'yao I – “Novos Pensamentos”, Habilitação Magistério Indígena**

Aos meus 22 anos, eu estava cursando o “Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos – Habilitação Magistério Indígena”, na aldeia Tapi'itãwa “Terra Indígena Urubu Branco”, antes mesmo de entrar na Universidade Federal de Goiás - UFG, em 2010, e concluir em 25 de fevereiro de 2012. Na Habilitação Magistério Indígena também tinha os colegas Iny “Karajá”, estudando, junto com os Apyãwa. Este curso também acontecia por etapa, só em tempo de férias, para não interromper as aulas dos alunos da educação fundamental da aldeia local, até porque os cursistas do projeto também eram os professores das aldeias, tanto da Terra Indígena Urubu Branco quanto da Área Indígena Tapirapé/Karajá, que atuam na escola em sua localidade.

Neste curso, também as pesquisas sempre foram feitas voltadas às atividades comunitárias, sobre os conhecimentos locais do povo. Para o trabalho de conclusão de curso, eu escolhi o tema “*XETANOGÃWA*”, que é um saber Apyãwa, de acordo com o qual as pessoas que ficam no resguardo têm o seu momento de praticar as coisas boas para levar na vida, um exemplo no trabalho, caso contrário, pode fazer, mas isso ficará para a vida da pessoa, porque para a nossa comunidade, esse é o momento de definir o seu comportamento, enfim, o seu jeito de viver. Por isso eu achei muito importante e me interessei em aprofundar mais o meu conhecimento sobre os modos das regras de usos, como é que os antigos Apyãwa valorizavam os seus próprios conhecimentos para o seu povo e para conhecer as outras regras de usos que já não são mais realizadas. Parte da pesquisa foi feita entrevistando duas pessoas, coletando as informações importantes junto com a minha mãe Regina Eirowa Tapirapé, o meu avô Awarao Timóteo Tapirapé, já falecido, que foi um grande sábio, um conhecedor de saberes tradicional Apyãwa, que eu tive a oportunidade gravar as histórias contadas por ele sobre o ritual *Xetanogãwa*, e assim ficou mais fácil de transcrevê-las depois.



Imagem: 4 – Habilitação Magistério (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2012)



Imagem: 5 – Habilitação Magistério (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2012)

### **Curso em Educação Intercultural da UFG**

Em janeiro de 2011, eu ingressei na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia – GO, aos 23 anos de idade, conclui o curso de graduação na área de Ciências da linguagem, em 2015, e no dia 17 de maio de 2016, ocorreu a colação de grau da nossa turma. O curso da Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG) também acontecia por etapas intensivas em Goiânia, e na etapa intermediária, em aldeia, sendo dois meses de estudos presenciais ao ano, em Goiânia, na universidade, e duas vezes ao ano, estudos nas terras indígenas, coordenados pelos comitês orientadores dos acadêmicos. As orientadoras do Comitê

Tapirapé foram as professoras Mônica Veloso Borges “Koxamy” e Themis Bruno Rocha “Noxa’i”, que acompanhavam as atividades dos acadêmicos na aldeia Tapi’itãwa, “Terra indígena Urubu Branco”, por uma, ou duas semanas, orientando, e para acompanhar as pesquisas desenvolvidas. Por meio da Educação Intercultural da UFG, nós, acadêmicos, tivemos a oportunidade de trabalhar com a nossa comunidade em um Projeto Extraescolar, que foi voltado aos conhecimentos Apyãwa, onde conseguimos envolver todos os professores tradicionais das nossas aldeias, juntamente com jovens, para uma das aulas mais amplas, com a participação de todas. Em todas as etapas em terra indígena, nós fazíamos o trabalho em Projeto Extraescolar, e em todas as etapas nós escolhíamos um tema para trabalhar com a comunidade. Nossa turma Apyãwa escolheu dois temas diferentes um do outro, para atender às nossas necessidades com as atividades femininas e masculinas, e a pedido da nossa comunidade, por meio do Projeto extraescolar, trabalhávamos a caçada tradicional com os homens, e as meninas trabalhavam tecelagem com as mulheres. Além disso, também trabalhamos em sala de aula, por meio de estágio, juntamente com os alunos, mas sempre trabalhando os nossos conhecimentos tradicionais, narrados pelos sábios da nossa aldeia. E todas as atividades foram relatadas e registradas, durante a sua realização dentro da comunidade. Na Educação Intercultural, também produzimos alguns materiais didáticos próprios, pensado nos estudantes e nossa escola Apyãwa, sobre as caças, peixes, aves, alimentação Apyãwa, histórias Apyãwa “Apyãwa remi’o xirõwera, Xaneywypara”.

Todos esses saberes Apyãwa foram repassados na prática, com a participação de toda a comunidade das aldeias da Terra Indígena Urubu Branco, onde a realização da atividade sempre foi centralizada. Nesse sentido, as atividades sempre foram realizadas no intuito de motivar os jovens Apyãwa no uso de conhecimentos tradicionais, para que sejam fortalecidas e movimentadas as suas práticas na comunidade. Por isso, os conhecedores de saberes sempre foram convidados, também, para contribuir por meio das experiências com estudantes, explicando a forma adequada de realização das atividades comunitárias, passo a passo, para que todos os participantes entendessem as práticas dos saberes do povo. Isso foi fundamental para reativar o uso dos conhecimentos, aqueles que já não estavam mais em uso pelo próprio Apyãwa, mas que através do Projeto Extraescolar, foi importante mostrar, a partir do convite às pessoas que conheciam os saberes, para assim expressarem o seu conhecimento para a sua comunidade, com isso fortalecendo a si mesmo, como Apyãwa, porque ser um Apyãwa, é usar língua materna, cantar as suas músicas, dançar suas danças, usar pintura corporais com jenipapo e urucum, e saber usar outros conhecimentos milenares do nosso povo, entender seus

significados. Todos esses saberes que os conhecedores partilham com os seus educandos na comunidade, contribuem para a formação de jovens líderes na aldeia.



Imagem: 6 – Educação Intercultural “UFG” (Fotos: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 7 – Formatura (Fotos: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2015)

### **Momentos de Construir a Experiência por meio de Estágio e Projetos Extraescolares**

Neste trabalho, eu exponho a minha experiência de estudo que construí durante cinco anos junto com os professores da Educação Intercultural na Universidade Federal de Goiás e

junto com os professores tradicionais do povo Apyãwa, dentro da aldeia, por meio do Projeto Extraescolar, no qual as atividades comunitárias são executadas junto com a comunidade, e por meio do Estágio, o trabalho que é executado na sala de aula junto com os estudantes. Os dois projetos nos quais eu trabalhei a nossa realidade, refletiram bastante politicamente dentro da aldeia, comovendo a comunidade Apyãwa para a valorização da importância de conhecimentos tradicionais, e percebendo os seus valores significativos culturalmente.

Para executar as nossas atividades por meio do Projeto Extraescolar, sempre procuramos inserir pessoas especialistas em conhecimento tradicionais, ou seja, os sábios que conhecem as práticas culturais Apyãwa, para nos acompanhar nos trabalhos, ensinando nos usos adequados das atividades tradicionais do nosso povo. Com esse trabalho, sempre trabalhamos em grupos, e sempre envolvendo os homens, conduzindo e incentivando para continuar valorizando as suas práticas culturais, para continuar executando os conhecimentos dos homens nas caçadas “Ataãkera”.

E por meio do Estágio, o trabalho foi desenvolvido individualmente na sala de aula junto com os estudantes, com tema voltado à nossa realidade (Músicas e a educação tradicional), o qual nós discutimos com os estudantes, conduzindo e incentivando-os também a fazer as pesquisas na comunidade, para recolher as informações necessárias.

O tema contextual<sup>1</sup> “Ataãkera”, que nós estávamos executando por meio de Projeto Extraescolar, resultou em grande valorização de conhecimento para o nosso povo Apyãwa, já que nós, jovens, estávamos nos preparando como Apyãwa, pelos sábios, a conhecer as nossas práticas culturais, com o objetivo de continuar fortalecendo os nossos conhecimentos tradicionais. Com a execução do Projeto Extraescolar, a gente ganhou um pacote de experiência, acompanhando uma aula prática muito produtiva na atualização de cultura e de tradição da nossa sociedade, conhecendo a importância de cada saber, o valor de cada tradição do povo Apyãwa. Hoje, nós conhecemos muito bem a finalidade do Projeto Extraescolar, em qual situação trabalhar na comunidade, qual o papel dele na sociedade envolvente, e por meio dele, nós, Apyãwa, estamos retomando algumas das nossas realidades que estavam sendo adormecidas, o conhecimento que já estava quase desaparecendo da cultura Apyãwa. Todos os resultados das atividades estavam sendo correspondidos pela comunidade, graças à discussão, porque num momento como esse é fundamental fazer as trocas de experiências, para que assim nós possamos fazer um bom trabalho na nossa comunidade, com objetivo de dar uma oportunidade de aprendizagem para todos nós, junto com outras pessoas intelectuais,

---

<sup>1</sup> Que se pode referir a contexto; que é dependente do contexto; que varia de acordo com a situação ou circunstância: expressão de significação contextual.

possuidores de saberes ancestrais. Com essa política de mobilização de conhecimento, todos aprendemos juntos, através das trocas de experiências de vida, do conhecimento, de repetir o próximo, reconhecendo o valor cultural de todos, através do estudo, contávamos com o apoio dos professores da Educação Intercultural, e o trabalho era acompanhado pelos professores orientadores na aldeia Tapi'itãwa, dos quais recebíamos orientações sobre a realização do trabalho. E nessas ocasiões não aprendemos somente o que é escolhido como tema, mas vários outros conhecimentos a ele ligados, os quais também entram nas aulas práticas dos professores tradicionais do nosso povo.

O resultado recolhido da atividade também era discutido na Educação Intercultural da UFG, em Goiânia, apresentado para as colegas de estudos, e para outros povos indígenas que se encontravam na Universidade Federal de Goiás, para que assim nós pudéssemos fazer uma boa troca de experiência no contexto intercultural. Com essa modalidade de ensino, a Educação Intercultural da UFG foi reconhecida como um instrumento de espaço que deu oportunidade para fazermos a política sustentável para a nossa comunidade, na qual a aquela tem mostrado outra perspectiva, ou seja, oferecendo um ensino diferenciado e tendo uma nova história construída junto com os professores indígenas. Na Educação Intercultural, os conhecimentos estão sendo ensinados com o tema contextualizado de forma transdisciplinar, referente aos saberes tradicionais dos povos indígenas, correspondendo aos conhecimentos e às práticas comunitárias de todos os povos.

O nosso objetivo por meio deste trabalho foi o de continuar contribuindo para a nossa comunidade Apyãwa em relação aos nossos conhecimentos, para continuarmos valorizando a nossa cultura tradicional, língua materna, festas tradicionais do nosso povo, rituais e outros conhecimentos milenares da nossa comunidade. Através das discussões feitas junto com a comunidade Apyãwa, nós apresentávamos a nossa proposta, como trabalhar, e como começar a executar as atividades por meio do Projeto Extraescolar, e a nossa Escola Indígena Estadual "Tapi'itãwa" abraçou a causa junto com a gente, para trabalharmos juntos esse meio de ensino e aprendizagem, e continuar dando a oportunidade de preparação e fortalecendo o trabalho como uma escola específica e diferenciada, para atender às necessidades de acordo com o desejo da comunidade. Compartilhar o conhecimento e ter oportunidade de conscientização da comunidade, orientando e, ao mesmo tempo, aprofundar as aprendizagens nas práticas culturais em relação ao uso diário dos saberes Apyãwa, é o que é fundamental para nós. Também refletir e discutir a importância dos valores tradicionais, identificando os aspectos principais dos conhecimentos tradicionais do povo Apyãwa, principalmente por qual motivo a maioria dos conhecimentos está começando a ser desvalorizado. E, ainda, por meio do trabalho, encontrar

uma saída para nos prepararmos para a valorização de saberes Apyãwa, e continuar planejando o trabalho antes mesmo da execução do Projeto Extraescolar para combater o conhecimento indesejado na comunidade, ou seja, contra o conhecimento ocidental, que é o causador de danos nos saberes indígenas em geral, levando os conhecimentos tradicionais ao desaparecimento.

Entendemos que a cultura e a nossa tradição precisam ser fortalecidas na comunidade Apyãwa, para continuar sendo movimentadas, ativadas e atualizadas de acordo com as nossas aprendizagens, mas, percebemos também que pode haver algumas mudanças, porque nós entendemos também que a cultura é dinâmica, mas a mudança nunca se faz para desvalorizar a cultura existente, com ela, nós só ganhamos mais conhecimento, mais experiências para a nossa vida. Para que o nosso conhecimento continue sendo transmitido entre o povo Apyãwa, nós precisamos enxergar melhor que o nosso conhecimento não seja substituído pelo conhecimento não indígena. Nesse sentido, na nossa turma de 2011, os acadêmicos Apyãwa fizeram uma proposta para trabalhar no tema “Ataãkera”, a partir do qual foi feita a discussão maior junto com a comunidade para executar essa prática cultural por meio do Projeto Extraescolar, e por meio desta discussão, percebemos que os Apyãwa estavam perdendo o conceito desse conhecimento, que reúne vários outros saberes tradicionais, algo muito complexo. De acordo com a nossa cultura, sabemos que ela significa alegria, atividades, línguas, rituais, símbolo, história, e também as preparações de instrumentos de defesas (confeção de instrumento). Todas as informações ligadas à nossa tradição precisam ser atualizadas entre os vários membros da comunidade, considerando que assim a gente se prepara para sermos líderes de um conhecimento do nosso povo, função da qual nos orgulhamos. Essas informações, os conhecimentos, são fundamentais que sejam adquiridos através das pessoas experientes da comunidade por meio de pesquisa, da observação e da entrevista junto com os conhecedores dos nossos saberes tradicionais.



Imagem: 8 – Oficina de confecção de arcos e flechas (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 9 – Contação de histórias (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 10 – Caçada (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)

O trabalho que nós estávamos realizando na nossa comunidade por meio do Projeto Extraescolar estava sendo feito para a motivação dos jovens que precisam conhecer as nossas práticas culturais e ao mesmo tempo, oferecendo uma grande oportunidade de ensino e aprendizagem ao povo Apyãwa, para que assim o domínio de conhecimento tradicional seja feito coletivamente, nas práticas de regras culturais que geralmente são importantes. Quando tivemos trocas de conversas entre nós, acadêmicos Apyãwa da turma 2011, no Projeto Extraescolar, a gente queria focar mais nas atividades masculinas, especialmente da caçada tradicional Apyãwa “Ataãkera”, sobre a qual é muito importante saber a preparação, como é organizada, quais instrumentos de armas são necessários a ser usados nesse momento, e como o grupo de caçadores é organizado. Para aprofundar os conhecimentos em relação a isso, nós conduzimos os homens para o espaço específico da caçada, onde os conhecimentos podem se praticar com tranquilidade, a céu aberto na floresta, conforme a nossa educação funciona, para especializar as novas lideranças, ou seja, as pessoas jovens como conhecedores tradicionais, pois tudo isso é fundamental ser discutido com as pessoas mais adultas, bem como em oficinas, palestras e nos momentos de rituais. Por isso, também não perdíamos o tempo em realizar a nossa caçada tradicional, para as quais nós convidamos os homens das aldeias, para participar e nos ensinar nessa atividade.



Imagem: 11 – Caçada (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 12 – Caçada (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)

Quando nós começamos a executar o nosso tema “Ataãkera”, a comunidade não entendia bem a execução do trabalho nas práticas, ou seja, nas caçadas, nas oficinas, sobre a confecção dos nossos instrumentos (arco e flecha), e mesmo sendo explicado nas discussões pela nossa turma, ainda não ficava claramente para eles, e, assim, tivemos de voltar a discutir o assunto entre nós, acadêmicos, para encontramos uma solução para esclarecer melhor a nossa

atividade para a comunidade. E foi através das discussões que a comunidade foi entendendo o conceito do Projeto, foi quando começou a contribuir com a gente, nos mostrando as nossas práticas culturais, que são relacionadas com outros conhecimentos. Muita gente da comunidade só entendia o Projeto Extraescolar e o Estágio como fonte de estudo para os acadêmicos e como fonte de renda, para ganhar “Bolsa PIBID”. Por isso, em alguns momentos, só nós, acadêmicos, realizávamos o trabalho por meio do Projeto Extraescolar, mas nunca desistimos da nossa comunidade, e sempre continuávamos convidando-a, para juntar-se a nós, porque ela sempre foi a nossa referência em relação aos conhecimentos do nosso povo, e através da nossa explicação, fomos conquistando os interesses das pessoas, atraindo os homens da nossa comunidade para participar do nosso trabalho.

Para podermos entender melhor a nossa própria atividade comunitária, tivemos de contar com a contribuição dos sábios Apyãwa, para nos explicar melhor a finalidade do nosso tema. Só precisávamos que os conhecimentos fossem feitos nas práticas, mostrando como realmente o conhecimento é praticado culturalmente. E com esse objetivo, estávamos contribuindo uns com os outros na comunidade. E só assim também pudemos entender melhor o que nós tínhamos de aprender junto com a nossa comunidade, pela contribuição dos professores tradicionais da comunidade, que fazem ação, movimentando a nossa tradição. Por meio do Projeto Extraescolar é que nós estamos sustentando os nossos saberes Apyãwa, tornando-os cada vez mais fortalecidos em nossa realidade. Consideramos que a nossa comunidade ganhou um grande parceiro, a Educação Intercultural da UFG, que vem contribuindo no contexto de interculturalidade, dialogando com o povo Apyãwa sobre a relação de cultura diferenciada, no sentido de repassar os conhecimentos tradicionais de forma contextualizada, trocando os conhecimentos sem interferir nas outras, muito pelo contrário, uma tem respeito total às outras culturas e tradições.

O trabalho feito por meio do Projeto Extraescolar estava sendo realizado direto na prática, envolvendo a comunidade Apyãwa de toda a aldeia, pois nós, acadêmicos, nos preparávamos com antecedência, preparando o planejamento para podermos nos auto orientar sobre a realização do trabalho. Em todas as atividades realizadas, foi fundamental ser feito o planejamento para encaminhar a forma de trabalhar adequadamente e os resultados dessas conversas dialógicas que nós apresentávamos para a nossa comunidade, para que eles participassem do nosso trabalho desde o início, se o nosso planejamento estava sendo feito de acordo com a nossa realidade. O planejamento era sempre apresentado para a comunidade, para que todo mundo junto fizesse a consulta sobre a execução da atividade e assim pudesse marcar uma data de realização. Toda vez que a gente fazia o trabalho, a equipe da coordenação da

escola era avisada com antecedência, para que assim contemplasse o nosso trabalho no calendário escolar, ou seja, para deixar agendado o dia da sua realização, assim nos dando uma oportunidade de trabalhar junto com os alunos. A “Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa” contribuiu bastante para o desenvolvimento de nosso projeto também, favorecendo o trabalho com os alunos na sala de aula por meio do Estágio e deixando os estudantes e os professores à nossa disposição para colaborar com a gente, para aprendermos junto. A divulgação do trabalho estava sendo feita diretamente com a população da aldeia. Os convites, gente fazia nas casas das pessoas, porque nós contávamos com a colaboração deles, por isso, o convite ficou na nossa responsabilidade como os Acadêmicos da UFG, da turma 2011.

Dessa forma, nós conduzíamos a comunidade na nossa discussão, e na realização do trabalho, nas pesquisas para entrevista, para que assim pudéssemos elaborar o relatório do nosso trabalho. Através disso, nós continuamos realizando o nosso trabalho com a comunidade, com o objetivo de buscar fortalecer nossos conhecimentos milenares, e em busca de aprofundar os nossos conhecimentos nas aprendizagens sobre a realidade do nosso povo. Todas as atividades realizadas trouxeram uma enorme construção de experiência para cada educando, para crescer na vida como um grande conhecedor da cultura Apyãwa.



Imagem: 13 – Preparação do jirau no acampamento (Fotos: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 14 – Carne do porcão defumado no acampamento (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 15 – Confecção de peyra (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 16 – Confeção de peyra (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)



Imagem: 17 – Confeção de peyra (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2013)

Peyra é um saber masculino, confeccionado com a folha de bacaba e usado somente pelos homens para carregar produtos das roças, peixes ou caças, nas costas, com a quantidade maior, com muito peso. Então, para isso é que serve a peyra, para facilitar o carregamento das coisas com a carga maior nas costas, já que, muitas das vezes, não é possível carregar as coisas nas mãos, e para facilitar isso é que as peyras são utilizadas pelos homens Apyãwa.

Nessas aulas, praticamos o nosso conhecimento tradicional junto com os conhecedores de saberes tradicionais do povo Apyãwa, observando várias atividades dos homens que são praticadas nas caçadas. Com isso, a aula ficou superprodutiva de experiência, através da colaboração das pessoas interessadas que nos acompanharam para nos ensinar as nossas próprias práticas culturais. Aprender todo mundo junto, contribuindo para o próximo, é fundamental para o nosso aprendizado, o que nos possibilita ter uma oportunidade de melhorar a nossa experiência, de aprofundar o nosso conhecimento, o que a gente já conhecia. Dessa forma, acreditamos que aprendemos melhor as nossas práticas culturais, observando algo a ser feito pelos outros e acompanhando ativamente todos os processos das atividades.

Para nós podermos aprender de verdade as atividades da nossa comunidade, também precisamos ser muito prestativos, participando ativamente de todos os acontecidos, o que é feito junto com a comunidade. É fundamental que a observação seja feita de perto, para acompanhar as atividades culturais, e isso nos enche de curiosidade, por isso, é muito importante perguntar também, para que assim tiremos as dúvidas.

Por meio do Estágio, nós estávamos nos preparando para melhorar as práticas pedagógicas na sala de aula, executando as atividades junto com os estudantes. Sempre trocávamos ideias, discutindo sobre os nossos saberes Apyãwa dentro da sala de aula também. E sempre que nós pudemos abrir as portas para os convidados, convidávamos os sábios para a nossa sala, na escola, aonde eles também contribuía muito para a nossa experiência, contando às histórias que eles sabem, contribuindo para a nossa aprendizagem. Esse modo de aprendizagem é que nós acreditamos na nossa comunidade, porque assim as atividades comunitárias milenares são repassadas para os jovens, pelo ensino cultural Apyãwa.

Também conduzíamos os alunos até a residência dos sábios para pesquisas, onde a entrevista era feita para aprofundar o conhecimento voltado à nossa realidade. Assim, estavam sendo realizadas as atividades dentro da sala de aula entre estudantes e professores, para podermos discutir os assuntos importantes da nossa comunidade, discutindo as consequências que hoje nós enfrentamos, acreditando que com essa política nós podemos ter mais chance de valorizar e de fortalecer os nossos conhecimentos tradicionais. E todas as atividades que nós trabalhamos na sala de aula junto com os estudantes, as questões eram feitas voltadas à nossa realidade, para nós aprofundarmos ainda mais o nosso conhecimento através da discussão, para conhecer o ponto de vista dos estudantes. Para isso, a rodada de discussão foi fundamental ter sido feita na sala de aula, e a partir disso as ideias surgem para as nossas atividades também. Com essa troca de experiência, nós contribuimos bastante um para o outro, com objetivo de

incentivar outras pessoas da nossa comunidade a participar das atividades comunitárias e assim continuar valorizando para nós, que somos usuários de conhecimentos tradicionais.



Imagem: 18 – Estágio (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2016)

## Maraka xawaja parageta

Xaripy'i

Maraka xawāja aie ramō xamerary  
ua Apyāwa ramō. Apyāwa rarywete aie  
ramō maraka xawaja, maryn mĩ xireka  
we xeraxarywa ramō.

Axe tanã mĩ Apyāwa ixemaxerexaka to  
apy maraka xawaja apamatãta. Xane aie ra  
mō Apyāwa ramō maraka xawaja apa mat  
ata Xi xemaxerexakãto.

Axe tanã mĩ marakayja pawire ima  
ypy maraka xawaja, a xepyypẽ mĩ aãwo  
'opa aporaãja ma'e agỹ takãwyte ri pe.  
Axe pyypẽ mĩ aãwo 'opa aporaãja, xamẽ  
rarywa aie ramō ekwe emamyn aka t  
akãwyte ri pe.

Axe tanã ekwe wemiakaka xe iraporaãj  
akomae, naweraporaãj ekwe amō tee wemĩ  
akakawi, wemiakaka xe ekwe weraporaãj  
akomaiẽ. Maryn xane maraka xawaja re  
poraãj tãwa aoxekato ikwãpa Apyāwa ramō.

Axe tanã koxỹ wemimatare re ikwãj  
akomaiẽ, taxão re, kwaxi re, mĩ ma'emaiẽ  
wemimatare re. ymy rakaiẽ mĩ ikwãj ko  
xywera akomae temiara re, ywaripe tanã  
mĩ maira mamaekwera re xe kare ikwãj  
akomae kwera koxwera, tyro re, xopykawa re,  
inimare, mĩ ma'emaiere.

Axe tanã mĩ koxwera ywaripe irapo  
raãj matari iywyrã pemaiẽ xe karẽ, iy  
wyrã pe eymĩ ~~tanã mĩ~~ maie tanã mĩ  
naãkapatari ywaripe.

Imagem: 19 – Atividade de aluno sobre a festa Marakãxawaja (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2016)

| levantamento dos nomes do<br>pagamento das mulheres Apyãwa. |                  | 24/03/2014 |
|-------------------------------------------------------------|------------------|------------|
| <u>ywara</u>                                                | <u>ymywarera</u> |            |
| inima                                                       | Хавахио          |            |
| tyre                                                        | Хавахиоула       |            |
| хаге                                                        | таркão           |            |
| авахи́и                                                     | Хи́ваи́          |            |
| Хаму                                                        | Квахи            |            |
| таула                                                       | Кохю             |            |
| Хе́гави́                                                    | И́рига           |            |
| мууле                                                       | Хару́рига        |            |
| Хета́готуло́ава                                             | та́лашуква́      |            |
| 'аи́таи́шва                                                 | шуга́            |            |
| Хару́ри́и                                                   |                  |            |

Imagem: 20 – Atividade de aluno sobre o pagamento das mulheres Apyãwa (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2016)

No trabalho de estágio, na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, juntamente com os estudantes, no intuito de pesquisar profundamente sobre a festa Marakãxawaja, uma das festas tradicionais Apyãwa em que as mulheres participam juntamente com os homens, nós trabalhamos para discutimos um pouco sobre as formas de pagamentos, que nos dias atuais tem as mudanças, principalmente pelos objetos da cidade, como por exemplo: tênis, roupa, celular e outros, mas que no passado o pagamento era a partir de caças, peixes, produtos da roça. Essas mudanças fazem com que trabalhem nossos próprios saberes, para termos a consciência de valorizar o nosso saber tradicional. Por isso, foi fundamental trabalhar esse saber na escola junto com os estudantes, também no sentido de motivação das práticas e também para registrar isso na escrita para os leitores interessados, e, mais importante, para os próprios Apyãwa.

Também uma experiência muito importante a ser feita no trabalho de estágio é o trabalho fora da sala de aula, ao ar livre, conforme a educação Apyãwa, sempre feita no pátio (de dia/de noite), no trabalho, com a presença das crianças e dos adolescentes, que foi mais realizada nas práticas junto com a família, para que assim nós ensinássemos mais rápido as práticas à nossa geração. Nessas horas, é fundamental a colaboração de todas as pessoas adultas da família, para construir o conhecimento de pequenos Apyãwa, transmitindo as ideias de pessoas adultas para os jovens, para que no futuro sejam criativos, para colaborar com a comunidade no fortalecimento de cultura Apyãwa, pois é assim que os Apyãwa preparam os seus filhos para

conhecer a sua realidade, para conhecer o modo de viver da sua comunidade, da forma simples de viver, de educar a sua geração, nos trabalhos, de saber respeitar pessoas e a riqueza da natureza que está ao redor. E todas as aprendizagens são acompanhadas pelos pais, pelos avós, pelos responsáveis de ensino, para que o conhecimento seja compreendido do jeito que é praticado pelo Apyãwa. No momento de aprendizagem, todas as dificuldades encontradas são esclarecidas, e para isso tem que ser curioso em tudo, fazendo perguntas ao professor para tirar dúvida, pedindo mais informação esclarecida em todas as atividades estudadas.



Imagem: 21 – Minha Família (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2014)



Imagem: 22 – Minha Família (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2014)



Imagem: 23 – Minha Família (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2014)



Imagem: 24 – Minha Família, crianças (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2014)

Então, em relação a isso, nós, estudantes e a comunidade Apyãwa, só temos de colaborar um com o outro, contribuindo para a movimentação de conhecimento junto com a nossa sociedade, para que assim nós possamos continuar mantendo as nossas sabedorias vivas no povo Apyãwa. E durante cinco anos de estudo, o nosso objetivo foi voltado à realização de uma parte de conhecimento, respeito com a família, histórias, práticas de festas, rituais, e ouvindo muito conselho dos sábios sobre a valorização de saberes tradicionais. Quando percebemos que a prática deste conhecimento não estava sendo favorecida, mais, como antigamente, indo para o desaparecimento, nós focamos nele diretamente, para trabalharmos intensamente, para fortalecer e valorizar sua realização.

### **Formação Continuada de Professores Tapirapé: Produção de Saberes, Práticas e Materiais de Apoio Didático/Pedagógico no Contexto da Escola**

Também tive a oportunidade de participar de outros cursos de formação continuada, ofertadas pela escola, tanto pela Unemat, na pessoa do professor Adailton (Xyre), Luiz

(Tenywaãwa), Eunice (Kato'ywa) e de outros idealizadores, apoiadores que acompanham eles também. Nessas oficinas, trabalhamos a produção de materiais didáticos próprios da nossa escola, produzidos pelos professores Apyãwa aos seus alunos, nas quais, sempre estão presentes os sábios da aldeia, para nós colhermos as informações, as histórias, as músicas e os conhecimentos em geral, para relatar na forma escrita. Todos os materiais produzidos ***“Marageta'ieyjete, Historinhas Divertidas e Xanexema'eãwa Paragetã – História da Educação Escolar Apyãwa”***, são pensados e voltados para o uso exclusivo da nossa escola, para os professores aplicarem em sala de aula, e, para isso, a escola realiza a oficina todos os anos, com a intenção de preparar os seus profissionais nas atividades escolares, para oferecer o ensino de qualidade para os estudantes. Um trabalho como esse ajuda bastante os professores atuantes em sala de aula, porque, em eventos como esse, acontecem várias trocas de experiências entre os professores, desde a maneira de organizar os planos de aulas, e de como conduzir os trabalhos, em sala de aula.



Imagem: 25 – Formação Continuada dos Professores (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2012)

### **Projeto Mais Educação – Tapi'itãwa**

Em 2013 e 2015, trabalhei no Projeto Mais Educação, no ensino fundamental, para acompanhar de perto os estudantes que encontravam dificuldades, tendo sido convidado ao trabalho para dar assistência aos estudantes, no processo de aprendizagem, específicos para os alunos que ainda precisavam de um acompanhamento para fazer a leitura, e até mesmo para produzir os textos. E essas aulas aconteciam durante um mês, mas divididas em quatro

disciplinas selecionadas para atender às necessidades dos estudantes, sendo que a cada semana, trocávamos de professores, para trabalhar com os estudantes. Com essa oportunidade, eu comecei a trabalhar como monitor na sala de aula, mas assumia aula como professor titular e aos poucos fui ganhando a confiança no serviço. Depois dessa experiência, também fui convidado a participar de outras atividades escolares.

Neste projeto, eu trabalhava mais na produção de frases, textos e leitura, com a disciplina língua portuguesa. Essa experiência foi útil para a minha formação individual como profissional da educação escolar, a serviço da comunidade Apyãwa, juntamente com a geração mais nova da nossa população. Sempre que pude, eu fiz o meu melhor para conduzir as atividades, e os estudantes nos meus trabalhos, para poder atender adequadamente os estudantes. Assim, eu conduzi a minha aula no Projeto Mais Educação, sempre procurando fazer um bom atendimento a cada estudante ali presente na minha aula, notando neles que gostavam do meu modo de trabalho.

### **Escola Estadual Tapirapé – Maityritãwa**

Na aldeia Maityritãwa, Área Indígena Tapirapé/Karajá, também trabalhei em 2016, a convite da comunidade e da gestão escolar local, como professor substituto de uma professora que estava de licença maternidade, para trabalhar no ensino fundamental, na Escola Estadual Indígena Tapirapé. Durante um ano, trabalhei na alfabetização com as crianças de lá, na produção de texto e da leitura e todos os finais de semana, eu voltava para Tapi'itãwa, percorrendo um pouco mais de 130 km, indo e voltando.

O meu maior foco nesse trabalho sempre foi na pronúncia de palavras usadas do dia a dia para a comunicação da comunidade local, juntamente com os estudantes, para tratarmos um pouco da situação sociolinguística também. Com isso, nós não trabalhamos de forma aprofundada, até para respeitar o nível de aprendizagem da turma, mas trabalhei a base do conhecimento, que certamente trata do assunto abordado.

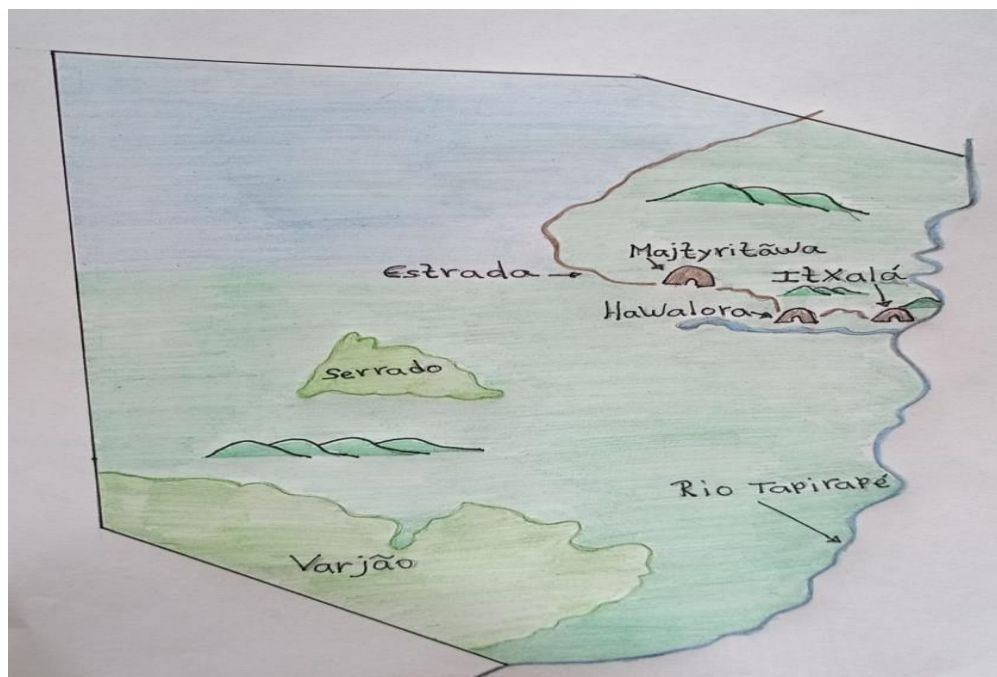


Imagem: 26 – Mapa da Área Indígena Tapirapé/Karajá (Desenho: Taroko Edimundo Tapirapé, 2022)



Imagem: 27 – Majtyritāwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2016)



Imagem: 28 – Majtyritãwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2016)

### **Educação Infantil**

Na Educação Infantil, trabalhei em 2017, na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, “Terra Indígena Urubu Branco”, pela prefeitura de Confresa e para atuar nesse ensino, eu tive que concorrer às vagas no processo seletivo do município de Confresa, lançado pela prefeitura, me inscrevendo juntamente com os demais colegas Apyãwa. Consegui, então, ocupar uma das vagas, destinada para a nossa escola, para a área de Educação Infantil, que no momento atende duas aldeias, Tapi’itãwa e Tapiparanytãwa, mas nessa ocasião eu trabalhei na escola sede (Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”), e junto comigo foram selecionados mais três professores Apyãwa.

Sendo assim, duas professores trabalharam na escola sede, na qual eu atuei com mais um colega de trabalho, para nós conduzirmos as nossas aulas juntas, e mais duas lecionaram na escola anexa. E com toda certeza, o trabalho era ministrado da melhor forma possível para o nosso ensino, apesar de não ter uma sala específica para essa turma dentro da nossa escola. Uns dias, as aulas aconteciam na sala de aula, uns dias acontecia aula do campo, e no tempo de festas tradicionais, todo mundo participava do evento. O ensinamento ia muito mais além do que se esperava, com a contribuição de todos, com a sua demonstração de conhecimento, de alguma forma, aos estudantes que chegavam no local em busca de melhor aprendizagem.



Imagem: 29 – Educação Infantil (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2017)



Imagem: 30 – Educação Infantil (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2017)

### **Projeto Aranowa'yao – Ensino Médio**

Em 2018, comecei a trabalhar no Projeto Aranowa'yão - Ensino Médio, como professor titular, com as 1ª, 2ª e 3ª turmas, na Escola Indígena Estadual “Tapi'itãwa”, e aproveitando essa primeira oportunidade no trabalho, eu e meus alunos/as trabalhamos no reflorestamento da nascente “Ipirakwari”, que tem no nosso território, perto da nossa aldeia Tapi'itãwa. Além disso, também trabalhamos na teoria, na sala de aula, para discutirmos a importância dos conhecimentos, oralmente e produzindo textos. Com todas as outras experiências adquiridas

por meio do trabalho escolar, também venho construindo a minha experiência na profissão onde atuei e me aprofundando ainda mais nos meus conhecimentos pessoais, como cidadão Apyãwa, dentro da minha comunidade.

As atividades que nós viemos trabalhando no ensino médio junto com os estudantes, a gente sempre vem aprendendo através dos diálogos, pelas trocas de conversas nos debates, tratando dos assuntos abordados em sala de aula sempre no intuito de defender a importância dos nossos conhecimentos Apyãwa, defendendo o que somos nós na terra. Também trabalhamos em registrar algumas histórias que são narradas pelos nossos sábios, da oralidade para escrita. Isso nós fazíamos nas aulas presencias como atividade, ou então era realizada como atividade intermediária, encaminhada para os estudantes como atividade da disciplina na qual venho atuando como professor, até agora. Com todas as experiências que cada um dos estudantes levava para debater na escola, sempre foi um conhecimento a mais.

Portanto, todos juntos adquiríamos muitos conhecimentos, advindos até mesmo da experiência de vida de cada um dos estudantes. E esse ensino médio acontecia em formato quinzenal: quinze dias aconteciam aulas presencias e, mais quinze dias de intermediárias, para que os estudantes fizessem as pesquisas das atividades que encaminhávamos para eles.



Imagem: 31 – Cursistas, Ensino Médio (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)



Imagem: 32 – Plantando mudas de plantas nativas da região, Ensino Médio (Fotos: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)

Em todas as oportunidades que eu tive, e tenho na vida, sempre tento fazer o melhor de mim para atender e fazendo assistência aos meus alunos/as, da melhor possível, para nós trabalharmos sempre juntos, trocando as ideias na sala de aula. Assim também venho construindo os meus conhecimentos com os estudantes com quem já trabalhei. Além de estudar na sala de aula, sempre acompanho as atividades comunitárias, quando são realizadas, porque ganhar essa experiência de vida também é fundamental para nós, como pessoa, para ter mais conhecimento, habilidade e fortalecer mais os nossos conhecimentos tradicionais de acordo com a nossa tradição. Na comunidade, nós continuamos fazendo as nossas práticas culturais, trabalhos na roça, na pescaria, na caçada, na organização dentro da aldeia, nas festas tradicionais, na reunião e em outras atividades que fazemos em coletividade.

Para a educação, não há espaço limitado, assim, conhecemos os espaços onde nós aprendemos os nossos conhecimentos tradicionais. Os nossos aprendizados com o povo Apyãwa são ministrados nos nossos espaços territoriais, tradicionalmente, e não há terra indígena demarcada para esse tipo de ensino, conforme a nossa realidade ancestral e atual.

### **Saberes Indígenas na escola**

Na Tapi'itãwa, “Terra Indígena Urubu Branco”, em 2018, eu tive a primeira oportunidade de ser convidado para participar das atividades de Saberes Indígenas, na Escola

Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, a convite do professor Yrywaxa (Koria). Nessa atividade, nós trabalhávamos na produção de material didático próprio do povo Apyãwa, na transcrição do material em língua materna, para atender a uma das necessidades da nossa escola para aprendizagem das crianças na comunidade. Portanto, essa atividade exigia muito que os professores Apyãwa fizessem pesquisas juntamente com os sábios da aldeia, para poder registrar as informações coletadas a partir das entrevistas. Cada professor escolhia um tema para pesquisar e transcrever as histórias, porque é muito importante que os conhecimentos assim sejam registrados na escrita. Na comunidade Apyãwa, ainda há uma carência muito grande de ter o material pedagógico próprio, na língua materna, que atenda de fato ao ensino e aprendizagem, a partir do ensino fundamental. Esse tipo de material é necessário para que os professores e a escola trabalhem mais no hábito de valorização dos conhecimentos Apyãwa.

Existem também outras formas de registrar a partir das atividades escolares, como na língua portuguesa, para que assim também por meio de materiais pedagógicos alcancem outros públicos, levando os conhecimentos e as práticas pedagógicas Apyãwa a outros lugares. De forma geral, todos os resultados são para atender à necessidade do povo Apyãwa, o que não impede que leitores interessados tenham acesso ao material produzido.

Então, por meio dos Saberes Indígenas na Escola, tivemos a oportunidade de transcrever muitos dos conhecimentos para a produção de materiais pedagógicos próprios dos Apyãwa. Com isso, o projeto contribuiu bastante para o povo, para que com esse material próprio, na língua materna, melhorasse ainda mais o ensino e aprendizagem das crianças, jovens e adolescentes nas escolas Apyãwa.

E para essa produção de material pedagógico, eu estou fazendo parte da coordenação de organização de um livro, juntamente com a professora Mônica Veloso Borges (Koxamy) e Themis Nunes da Rocha Bruno (Noxa’i), que, na verdade, é mais que uma experiência super produtiva. Nessa atividade escolar, nós estamos organizando o material pedagógico para publicação dos livros *Xenexe’egyao* (novas palavras), *Xemaryj’ygãwa pe ma’ema’e re xema’eãwa* (brincando e aprendendo) e *Apyãwa remi’o Xirôwera* (as diversidades alimentares do povo apyãwa), que é o resultado de trabalho dos acadêmicos da UFG, da turma 2010, por meio do Projeto Extraescolar. Esse material pedagógico que estamos organizando, é todo transcrito na língua materna Apyãwa, para atender ao ensino e aprendizagem nas escolas anexas das aldeias “Myryxitãwa, Akara’ytãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa 1 e 2, Inataotãwa, e na escola sede, Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, na Terra Indígena Urubu Branco.

Além disso, também estou organizando um dicionário *Apyãwa xe'ega, maira xe'ega pe*. Algumas palavras de uso foram coletadas e com o seu sentido transcritas na língua portuguesa, para que isso também sirva de escolar na comunidade; é muito importante fazer o registro das palavras para o uso das escolas Apyãwa, para fortalecer a língua materna, enquanto todos falam na oralidade. Através desse trabalho, as crianças, os jovens, estudantes, o povo Apyãwa em geral, podem praticar mais os nossos costumes e valorizar mais a nossa cultura. Isso é muito importante para a comunidade, porque vem trazendo resultado, e com isso os pais vêm acompanhando os processos de aprendizagens dos filhos também.

A nossa escola sede oferece o ensino nas etapas infantil, fundamental e médio, enquanto as escolas anexas nas aldeias, apenas os ensinos fundamentais. Através desse trabalho com ensino, acredito eu que contribuo para a minha comunidade no fortalecimento e na valorização da nossa língua materna, tanto é que sempre falamos no uso da língua Apyãwa em sala de aula, que é um dos assuntos mais discutidos na escola, e nas famílias.

## 2. O POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ



Imagem: 33 – Tapi'itãwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2017)

A comunidade indígena do povo Apyãwa fica no estado de Mato Grosso, no centro do país brasileiro. Apyãwa é autodenominação do povo Tapirapé. O povo Apyãwa é falante de uma língua da família Tupi-Guarani, que é classificada no tronco Tupi (Rodrigues, 1986). Além da língua Apyãwa, a família Tupi-Guarani também inclui as línguas Assurini, Kamayura, Kaiabi, Avá-Canoeira, Apiaká, Guajajara, Guarani, Guarani Mbya, entre outras línguas classificadas. Também existem outras famílias de línguas que pertencem ao tronco Tupi.

O povo Apyãwa se localiza no nordeste do estado de Mato Grosso, na Terra Indígena Urubu Branco, e dentro da terra indígena, existem seis aldeias pertencentes a dois municípios. As aldeias Tapi'itãwa, Tapiparanytãwa, Myryxitãwa (que foram abertas no ano de 2008), Tapiparanytãwa, ficam no município de Confresa. E a aldeia Akara'ytãwa, no município de Santa Terezinha (MT), mas hoje já está reconhecida no município de Confresa (MT). As aldeias Towajaãtãwa, Wiriaotãwa I, Wiriaotãwa II e Inataotãwa, pertencem ao município de Porto Alegre do Norte, uma cidade vizinha de Confresa.

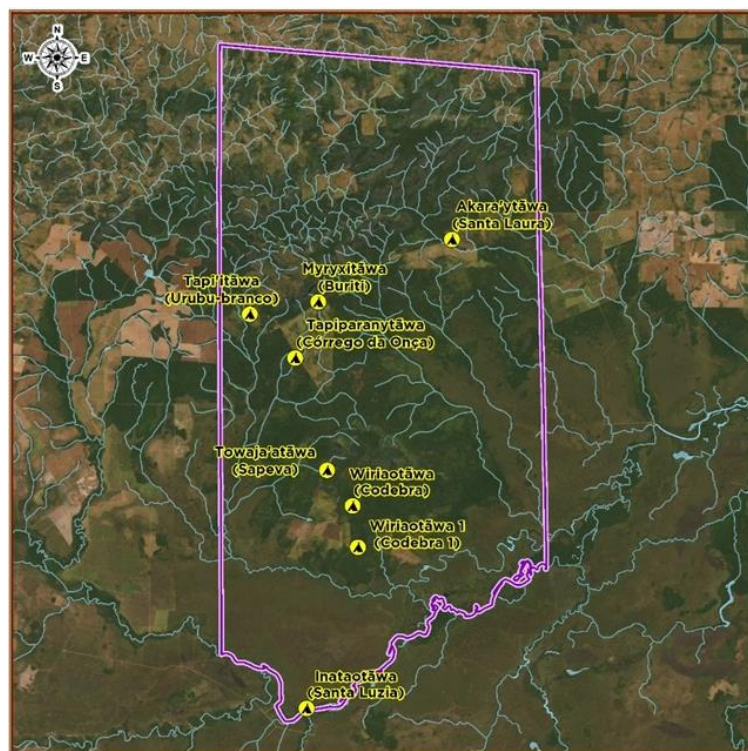


Imagem: 34 – Mapa da Terra Indígena Urubu Branco (Google, 2022)

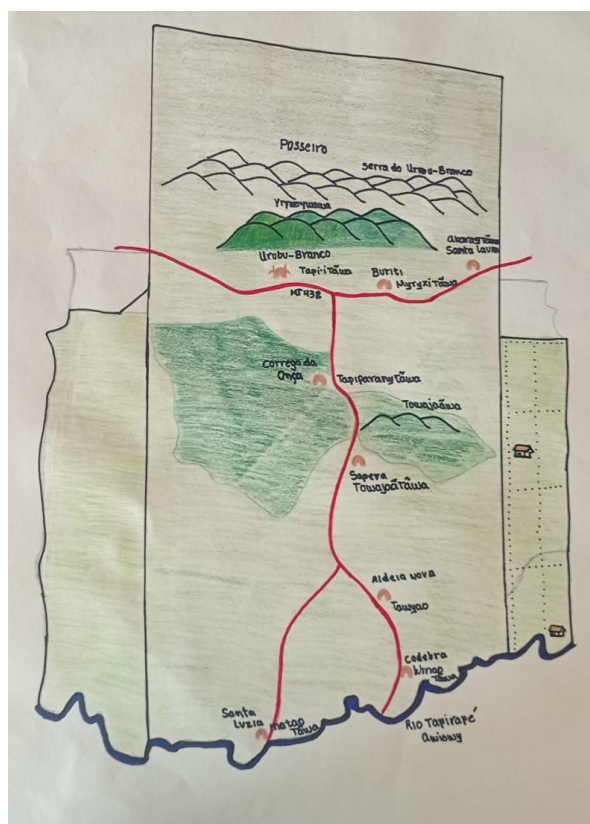


Imagem: 35 – Mapa da Terra Indígena Urubu Branco (Desenho: Waeramy Claudinei Tapirapé, 2022)

A Terra Indígena Urubu Branco é demarcada e homologada, possuindo 167.533 hectares.

O povo Apyãwa é um povo forte, que continua mantendo a sua língua viva para se comunicar, preservando a sua cultura tradicional e acreditando na sobrevivência do povo e por isso, continua valorizando os seus costumes, aquilo que os antigos Apyãwa faziam, olhando para as futuras gerações, ensinando aos jovens, o que faz parte da cultura e faz bem para o povo. Os antigos sobreviventes, os anciões, vão morrendo e levando o seu conhecimento junto, então, no tempo das festas, é importante a participação dos jovens, pois é só nos rituais que são praticados os ritmos das danças e das músicas, por exemplo, o que ajuda a fortalecer a língua tradicional e a cultura inteira, e dessa forma, os conhecimentos do povo Apyãwa vão sendo repassados de uma geração a outra, contando as histórias, os pais para seus filhos e as avós para seus netos.

Hoje em dia, os jovens estudam na escola, aprendendo a ler e a escrever a sua própria língua materna. Na escola, estudam sobre a língua portuguesa e outras disciplinas; a história é passada, e registrada pela escrita. As crianças estudam sobre a história do povo, porque só assim eles podem conhecer a cultura que foi vivenciada pelo povo Apyãwa.

Nos dias atuais, a população do nosso povo chega a 1.016 pessoas, de acordo com registro do Polo Base de Confresa.

Na história contada pelo povo Apyãwa, diz-se que os antigos moravam aqui na região, ocupando a atual Terra Indígena Urubu Branco e foi nessa região que o povo Apyãwa sofreu ataque dos Kayapó, enquanto outros membros das comunidades saíam da aldeia para pescar o peixe. A pessoa que saía, passava o dia na beira do rio, para comer peixe. Enquanto isso, os Kayapó atacavam outras pessoas que ficavam na aldeia. Quando os outros estavam voltando para a aldeia, naquele momento, eles viam as pessoas mortas, espalhadas no local e choravam pelas mortes dos parentes.

É por isso que o resto do povo se refugiou em outro local, para evitar a morte, e mesmo assim os Kayapó iam atrás, para atacar novamente e acabar com o que sobrou, mas havia outra pessoa querendo ajudar o povo Apyãwa, conhecido como Lúcio da Luz. Em sua fazenda, as pessoas se refugiavam dos Kayapó, e graças ao Sr. Lúcio da Luz e dos seus parceiros, é que o povo Apyãwa se recuperou dos ataques Kayapó. Depois, o Sr. Lúcio é quem cuidava do povo; ele comprava a roça e a plantação de outras pessoas e na sua fazenda, o povo passou algum tempo, até que os agentes do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) vieram atrás do povo e os levaram até a foz do rio Araguaia, para cuidar. Na foz do rio Araguaia, o povo Apyãwa vivia

junto com os Karajá, outro grupo indígena, e nesse lugar, a população Apyãwa diminuiu mais ainda, porque as pessoas eram infectadas pelas doenças, não aguentavam e morriam. Por esse motivo, o povo Apyãwa se separou do povo Karajá e abriu uma aldeia só para eles com cinco casas, e mesmo assim valorizava a sua cultura, festas e outros costumes. Na aldeia, a população que era de 48 pessoas, foi aumentando. Naquela região, foram abertas três aldeias, Orokotãwa, Majtyritãwa, e outra na beira do rio, pertencente ao município de Santa Terezinha. E, hoje em dia, só a aldeia Majtyritãwa é ocupada pelo povo, pois duas aldeias foram abandonadas.

A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. Existem diferenças dialetais entre os vários grupos Kayapó decorrentes das cisões que originaram tais grupos, mas em todos eles a língua é uma característica de maior abrangência étnica, levando ao reconhecimento de que participam de uma cultura comum. A família Karajá, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê e se divide em três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. As línguas faladas são totalmente diferentes umas das outras, os conhecimentos e a organização social também são bem diferentes, apesar de que ambas pertencem ao mesmo tronco linguístico Jê.

Depois de muito tempo, o povo Apyãwa recuperou a terra, com muita luta. Temos terra demarcada em duas regiões do estado de Mato Grosso, como a Área Indígena Tapirapé-Karajá, em 1983, e a Terra Indígena Urubu Branco, em 1993. Recuperamos a nossa área tradicional e estamos aqui na Terra Indígena Urubu Branco, abrindo setes aldeias em locais diferentes, como Tapi'itãwa, Tapiparanytãwa, Towajaãtãwa, Wiriaotãwa I, Wiriaotãwa II, Myryxitãwa, Akara'ytãwa e Inataotãwa.



Imagem: 36 – Tapi'itãwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2017)

## 2.1 MITO DE ORIGEM

### 2.1.1 Narrativa em língua materna

#### **Xanepaãwera kome'oãwa, Apyãwa/Tapirapé**

Nym, a'e ramõ mĩ awaxewetekwera gỹ ikome'o xereparagetã Apyãwa ramõ: Mani'ytywera gỹ py ro'õ rake'ẽ apat 'ota tenone'ã xika, a'e pe. Mani'ywa wyra wi ro'õ raka'ẽ itori apata, a'e pexe ro'õ raka'ẽ i'yimi i'ari mõi. A'e ro'õ raka'ẽ amaewy'arorok 'yna. Ywyroare ro'õ raka'ẽ ika axetyroga, mani'ywa wyripe. A'e ro'õ raka'ẽ mawej aapakatokato irekawo wetyma, mani'ywa wyripe. A'e ramõ ro'õ raka'ẽ ywy ewy'arorok 'ota akawo, Mani'ytywera gỹ, 'ã ro'õ raka'ẽ emamyn xepe apapata 'ota.

\_ A'ã! Ka pã 'arã pã! axawo.

\_ A'e pa mĩ 'yg xane xi'ỹj'ii ypytopokoeteo pe! axawo Mani'ytywera gỹ apapata axaopepe 'ota yna 'arã rexaka. 'Ã apapata 'ota iexaka 'arã nyn:

\_ A'ã! Ka xowe pa 'ãra arewi pã! axawo Mani'ytywera gỹ, iexaka 'ota 'arã apata. Apapawire ro'õ raka'ẽ Mani'ytywera gỹ i'amytyimi wetywera. A'e ramõ ro'õ raka'ẽ Mani'ytywera gỹ py 'ã ipari akawo. 'Ã akawo a'e gỹ ixexa py apata, natywi we ro'õ raka'ẽ a'e ramõ 'awã mõi. 'Ã aparire amymyjna akawo ywyete ropi, ywy iexakã. A'era ro'õ raka'ẽ emamyn

ataãwa ropi ienowi aawo peywyri Apirape agỹ xe'emy'yja. A'e ro'õ raka'ẽ a'e gỹ 'yj ywyroari ranõ, i'arimõ ro'õ raka'ẽ ka ywy.

\_ A'ã! Ma'e papa 'yme 'yj wã! axawo Mani'ytywera gỹ apika aawo akwapa ee ienopa.

\_ Ma'e xe'eg my'yja papa wã? Axawo. A'era mõi ro'õ raka'ẽ ienokatmatari aawo opa ix'e'emy'yja i'ari mõi, Apirape agỹ retyma arimõ. A'e ro'õ raka'ẽ akome'o irota weta agỹ we.

\_ Ma'e xe'emy'yja pã wi 'yj wã? Axawo.

\_ Ma'e tã ke pã 'yj! axawo ixope eta agỹ. Axe'apeãpa, xanereta agỹ mõi ke pa 'yj ranõ, axawo. Ara'ẽ aawo opa ienopa ix'e'emy'yja. Eixanami akaj mĩ xane xipat emanyn 'ywy wi ranõ, axawo. Emanyn 'y amõi agỹ ityni ranõ, axawo axaopeope Mani'ytywera gỹ. Pexe mi tapeinop axawo irota weta agỹ ikaty, waty agỹ, awaxã gỹ.

\_ Xã, epa tanã ix'e'emy'yja, peapyakã ee ranõ! A'era ro'õ raka'ẽ iapyakã ee opa, ka ywyroãre xe ro'õ raka'ẽ ix'e'emy'yj yna Apirape agỹ. Ixe'emy'yj ro'õ raka'ẽ 'yna.

\_ Xane mõi xe ro'õ ke 'yg yj wã? Axawo axaopeope.

- Pexe mĩ xi'ak! axawo axaopeope Mani'ytywera gỹ. Ao'i'i xepe ke py pe'ak axawo. Ma'e pewaroo ke 'yg yj axawo axaopeope. I'aka imanawo irekawo ywy ee.

\_ Kwãp! wajpyjxe ro'õ 'ywykwãra, Apirape agỹ kaãwa.

\_ Maryn pa 'ã areretyma pemogoj iĩ arewi wã? Axawo ixope Apirape agỹ!

\_ Pemogojewi iĩ areretyma areree kwi! axawo Apirape agỹ, Mani'ytyweragy we.

\_ A'ã, xã ranõ! axawo Mani'ytywera gỹ, xane agỹ mõi ke 'y 'yj xexawa pã 'y 'yj xanereta agỹ mõi wã! axawo.

\_ Pexe xirapariĩ kwi! axawo Apirape agỹ we. A'era mõi ro'õ raka'ẽ i'ywykaj irekawo.

\_ Ara'ak ka! Axawo ixope. Ara'apap ka penetyma penowi, tapepat kwi, axawo ixope. Emanyn karae are arapat ranõ! Axawo ixope imapy'atyraka, 'ã imamarakãta a'egy ranõ. A'e ro'õ raka'ẽ, Apirape werapat awaxa agỹ, waty agỹ, ixewetekwera agỹ apapata ewiri ranõ. A'e ro'õ raka'ẽ apapapawire 'ã akawo aparagetãwo axaope. Nyn karae are arapat ranõ, axe tanã karae arapat araxe'itee, e'i ro'õ raka'ẽ Mani'ytywera gỹ axekome'owo Apirape agỹ we.

\_ Axe pawã! Axawo.

\_ 'Ypytomawe'ymoo pe raka'ẽ xikwawiĩ wã! axawo axaopeope.

\_ Taaryn! Pexe a'era mõi xipariĩ! axawo. 'Ã akawo axapyri. 'Ao hewi axetyroga, awyraroete iapawo axeope. A'e pe py ro'õ raka'ẽ axapyri ika ranõ. 'Yg ro'õ raka'ẽ Mani'ytywera gỹ, 'yg ro'õ raka'ẽ Apirape agỹ. Emanyn ro'õ raka'ẽ xixamanyyk xerekawo. A'erẽ amymyjna a'egỹ 'yna ranõ, ywyete ropi, ka'ã ropi, pe aawo awaema Kawaro'i agỹ we ranõ.

A'e, Kawaro'i agỹ ro'õ raka'ẽ aka ywytyty ywyja pe axekwaroga. A'e ro'õ raka'ẽ mĩ a'egỹ kwe hewi apeiri irekawo wakope emoywa re. A'e ro'õ raka'ẽ mĩ Kawaro'i agỹ awypejkato'i imoapa axewe emoywa wyrã. Emoywa ro'õ raka'ẽ mĩ Kawaro'i agỹ a'o akawo. A'e ro'õ raka'ẽ mĩ iytyty ixope akwãpa emoywa, a'e ro'õ raka'ẽ mĩ ymy'iwe apapat i'owo.

'Ywyraywyja pe ro'õ raka'ẽ a'egỹ ika. A'e ro'õ raka'ẽ Mani'ytywera, Apirape agỹ ramõ aa imamarakata 'ywyraywyja wi.

\_ Pepapat, kwi! axawo ixope. A'era mõ ro'õ raka'ẽ imapaparakãri 'ywyraywyja wi. Ka ro'õ raka'ẽ imapaparakapawire irota a'egỹ wetyjme ranõ, wewiri. 'Ã akawo a'e wi ranõ. A'e wi xowe ro'õ raka'ẽ iopa aawo Kawaroo agỹ ranõ. Emanyn we ro'õ raka'ẽ a'egỹ ika axekwãroga 'ywyraywyja pe ranõ.

A'e ro'õ raka'ẽ eta agỹ amapaparakãt aawo a'egỹ ranõ, 'ywyraywyja wi. Imapaparakapawire re xowe ro'õ raka'ẽ irota a'egỹ wetyjme ranõ. A'era mõ ro'õ raka'ẽ maapyt etyma axaee. 'Yg amõ, 'yg amõ, maapyt ro'õ raka'ẽ a'era etyma, 'yg a'e pe akawo.

A'erẽ ro'õ raka'ẽ iwaemi aawo Tawaopetywa gỹ we ranõ, tawaatyjpe ro'õ raka'ẽ ika a'egỹ. A'e ro'õ raka'ẽ a'egỹ weraã wetyjme ranõ, irapata. A'e wi xowe ro'õ raka'ẽ ia awaema Parany agỹ we xe ranõ. A'egỹ xowe ro'õ raka'ẽ 'y remeywyri, a'e ro'õ raka'ẽ aparypyrera ma'e agỹ 'ot a'egỹ iraãwo axepyrirapata ranõ. Axekwe ro'õ raka'ẽ awaema aawo Xakarepera gỹ we ranã, 'yryapyripe ro'õ raka'ẽ ika ranõ. Axe tanã ro'õ raka'ẽ a'egỹ rakenã ropi itowi xakare, a'era ro'õ ixokã py a'egỹ rerapamatãta ixowi xakare. A'erẽ xe ro'õ raka'ẽ a'egỹ irapari aawo eta agỹ, tyinãwa wi, xakare xokã re xe. Ikwejkwerire xowe ro'õ raka'ẽ iowi Awajky agỹ rano, ywykwaripe we a'egỹ ranõ. Emanyn ro'õ raka'ẽ 'ã xixat Apyãwa ramõ, a'e mĩ emanyn maragetã kwaãpara akome'o maragetã pe.

Emanyn xepe ro'õ raka'ẽ 'ã xinyyk xereawo, a'e mĩ epe maragetã pewara aka xanereka pe axeapawo Tataopãjpe karoãpe, exanami; Mani'ytywera, Apirape, Kawaro'i, Kawaroo, Tawaopetywa, Parany, Xakarepera, Awajky, epegỹ maxirõ mĩ 'ã axeapa akawo Tataopãjpe, gỹ karoãwa ramõ, te'yjpe. Tataopãjpe karoãwa a'e ramõ mĩ iapaãp Takãwyterpe xe. Emanyn a'era mõ xaneparagetã pe xanepaãwera, xane Apyãwa ramõ.

## 2.1.2 Narrativa em língua portuguesa

A origem do nosso povo Apyãwa é contada pelos nossos sábios "Awarao Timóteo Tapirapé, inmemoria", para os jovens dessa forma: O nosso povo vivia em grupos, que moravam em lugares diferentes uns aos outros. O grupo Mani'ytywera morava embaixo da terra. Sabemos que havia em cima do grupo de Mani'ytywera, um pé de mandioca "mani'ywa".

Então, o grupo de Mani'ytywera também estava fazendo rachar a terra junto com as raízes de mandioca.

O povo de Mani'ytywera arrumava a sua casa e tirava a terra da sua casa em cima da mandioca, com a intenção de abrir mais o espaço, porque o pé de mandioca “mani'ywa” estava em cima das pessoas Mani'ytywera. Por isso, é que o nome desse grupo ficou conhecido como Mani'ytywera, porque o grupo morava embaixo de um pé de mandioca e estava vindo rachando a terra até sair. Quando os Mani'ytywera saíram do fundo da terra para fora, ficaram assustados ao ver o brilho do sol, vendo o clarão imenso se abrindo:

- Ah! Estranharam o clarão do dia que eles viram pela primeira vez.

O grupo de Mani'ytywera dizia:

- Nós estávamos habitando no lugar onde nunca se viu o brilho do dia, sempre ficávamos na escuridão. Vamos vendo o dia tão claro!

Depois que saíram todas as pessoas, o grupo de Mani'ytywera jogou terra em cima do buraco, até tampar todo o lugar onde viviam e assim começou a surgir o primeiro povo Apyãwa na terra, pelo grupo de Mani'ytywera, que depois ficou habitando na superfície da terra, sem outro grupo do povo, além deles. Quando os Mani'ytywera saíram todos, depois de alguns dias, fizeram o reconhecimento do espaço, conhecendo a superfície da terra dia após dia, caminhando nas florestas. E nesse momento o grupo foi ouvindo o barulho do grupo de Apirape, perto de uma das trilhas abertas por eles. O grupo de Apirape também morava em uma casa bem ampla no fundo da terra, como do grupo de Mani'ytywera.

Quando algumas pessoas do grupo de Mani'ytywera estavam caminhando numas das trilhas, ouviram o barulho de conversa e se assustaram.

- Ah! Quem está ficando aqui?

Diz-se que um grupo de Mani'ytywera, quando eles ouviram uma conversa bem baixinho, foram se aproximando aos poucos, em cima. Quando eles foram bem em cima, ali então ouviam bem a conversa dos Apirape, cuja voz saía do fundo da terra. Quando voltaram para a sua casa, eles contaram para o seu grupo Mani'ytywera, que ouviram uma conversa, que o barulho saía da terra. E eles imaginaram:

- Será que não é um dos nossos parentes que está habitando ali, como nós habitávamos assim também?

Assim, eles contaram para o grupo e disseram:

- Vamos pessoal, vocês vão ouvir! E eles foram junto com as suas esposas e seus filhos, para ver o local onde estava o outro grupo.

Quando os Mani'ytywera ouviram as conversas dos Apirape, ouviam as conversas saindo do fundo da terra, mas imaginaram que ali estaria mesmo um dos parentes deles. Os Mani'ytywera disseram:

- Vamos tirar, vamos!

Ficavam com medo de encontrar outros bichos, porque não sabia se ali tinha um. E os Mani'ytywera disseram uma aos outros:

- Vamos ter que tirar só um pouquinho, talvez esteja outro bicho! Quando cavaram a terra bem em cima de onde saia a conversa, viram um buraco grande e os Apirape falaram para os Mani'ytywera:

- Por que vocês vieram nos invadir, abrindo a nossa casa? Não pode derrubar a nossa casa, nos deixem em paz.

Os Mani'ytywera se assustaram:

- Ah, já sabíamos que ali estava um nosso parente!

Então, ao ver que ali estava um grupo de parentes deles, abriram mais buraco para tirar todos que estavam lá. Depois que terminaram de abrir o buraco, os Mani'ytywera perguntavam para os Apirape, se poderiam tirá-los de lá. E os Mani'ytywera falaram para os Apirape:

- Foi desse jeito que nós saímos também.

Dessa forma, os Apirape saíram do fundo da terra com suas esposas, filhos, avôs e avós. Depois de saírem todos, os Mani'ytywera levaram o grupo para morar junto com eles na sua aldeia, e ali cada grupo contou a sua história para o outro grupo. Depois que o grupo de Apirape saiu, também fez o reconhecimento do território, andando pelas matas, mas junto com os Mani'ytywera. Até que num dia como esse, passou no lugar onde estava o grupo chamado Kawaro'i, que habitava no oco da árvore chamada de ywytytyo. Eles comiam o fruto emoywã e estavam varrendo embaixo da fruteira, deixando limpinho para poder colher a fruta. Também caía muita fruta emoywã, e todas as manhãs, bem cedo, o grupo Kawaro'i saía do oco de ywytytyo para comer o fruto emoywã.

Depois que o grupo Kawaro'i também foi encontrado, eles foram levados para a casa. Quando já haviam sido encontrados três grupos, Mani'ytywera, Apirape e Kawaro'i, demoraram muito tempo sem achar mais outro grupo, até que acharam o grupo de Kawaroo, que também habitava dentro do oco de um pau. E aqueles grupos que já tinham saído na terra, chegavam falando para eles saírem do oco do pau e eles também saíram e se juntaram com outros grupos. Ao encontrarem um grupo, sempre tinham que contar a sua história uns para os outros, e assim convenciam outros grupos a saírem junto com eles.

Depois de achar os Kwaroo, foi encontrado o grupo de Tawaopetywa. Dizem que esse grupo habitava embaixo da tawaawa “uma planta nativa da floresta”. Então, as pessoas foram tirando o grupo de Tawaopetywa bem cedinho, e dizem que havia tawaawa em cima da moradia dos Tawaopetywa.

Havia também o grupo dos Parany, que habitava no final do rio Parany. Após esse grupo ser encontrado, também foi convidado a se juntar com outros grupos na aldeia.

Em seguida o grupo de Xakarepera foi encontrado, o qual habitava no final do rio, num buraco, onde havia o jacaré Xakare, logo na saída do buraco, mas desta vez tinha de matar o jacaré para fazer a retirada das pessoas do buraco. Então, só depois fizeram sua retirada e, novamente, as trouxeram para sua casa, onde os grupos haviam se juntado. Enquanto isso, os outros continuavam procurando outros grupos, porque ao encontrarem outros grupos, a esperança de encontrar mais pessoas era muito motivadora. Por isso, continuavam procurando por outros grupos

Até que um dia acharam o grupo dos Awajky, que estava morando no fundo da terra ywyroãre. E como tem sido feito com outros grupos, também retiraram as pessoas da terra. Depois de todos os grupos se juntarem numa aldeia só, eles se reuniram para abrir uma aldeia maior, onde todos construiriam a casa para sua moradia, porque haviam se juntado muitas pessoas. Por isso, todos tinham de construir as suas casas. E atualmente, nós continuamos mantendo a regra de organização na aldeia, da forma como um dia foi criado pelos nossos ancestrais, as casas construídas em fileira e aldeia nos dias atuais são abertas em forma de quadrado, que antigamente eram redondas.

E aqueles grupos que surgiram na terra, também já vieram com os nomes de onde saíram, mas também receberam esse nome para o seu grupo de Tataopãwa, “o ritual que até hoje realizamos e fortalecemos”, e os nomes são esses: Mani’ytywera, Apirape, Xakareperi, Kwaro’i, Kwaroo, Tawaopetywa, Parany e Awajky, nomes que foram mantidos nos rituais de Tataopãwa, até hoje.



Imagem: 37 – Takãra/Tataopãwa “O ritual de alimento/Oferenda de alimento” (Foto: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2019)

A realização de Tataopãwa sempre é feito no terreiro Takãra, “Casa cerimonial/Casa dos homens”, onde as mulheres levam os alimentos para o grupo dos seus esposos e para o seu próprio grupo também. Na cultura Apyãwa, a participação de todos os casais é fundamental, levando a comida para esse ritual, pois é a forma da regra do próprio ritual.



Imagem: 38 - Tataopãwa “O ritual de alimento/Oferenda de alimento” (Foto: Taxiro’i Enilde Tapirapé, 2022)



Imagem: 39 – Tataopãwa/'Ipirã “O ritual de alimento/Oferenda de alimento” (Foto: Kassio Korapa'io Tapirapé, 2022)

A base alimentícia principal desse ritual, no primeiro dia, é o peixe com farinha, o que as mulheres Apyãwa preparam para servir no ritual. Os homens pescam o peixe para o ritual.



Imagem: 40 – Tataopãwa/'Ipirã “O ritual de alimento/Oferenda de alimento” (Foto: Kassio Korapa'io Tapirapé, 2022)



Imagem: 41 – Tataopãwa/Kawi “O ritual de alimento/Oferenda de alimento” (Foto: Kassio Korapa’io Tapirapé, 2022)

A base alimentícia principal desse ritual, no segundo dia, é **Kãwi** de arroz, ou com amendoim, a bebida tradicional que as mulheres Apyãwa preparam para esse ritual, enquanto os homens tiram o mel de oropa na floresta, para o ritual, com o qual as mulheres adoçam os **Kãwi**.



Imagem: 42 – Tataopãwa/Kawi “O ritual de alimento/Oferenda de alimento” (Foto: Kassio Korapa’io Tapirapé, 2022)

## 2.2 O POVO APYÃWA E A PANDEMIA DA COVID-19

Em meados de 2020, nós, Apyãwa, tivemos de enfrentar mais uma doença infecciosa na aldeia, quando o mundo inteiro foi impactado com esse vírus que chegou contaminando muita gente, chamado de coronavírus (Covid 19).

Para evitar a possível entrada dessa doença nas aldeias, a comunidade decidiu fazer duas porteirosas logo na divisa da reserva, uma no sentido oeste, na estrada que liga para o município de Santa Terezinha; e outra no sentido do município de Confresa, cercada e trancada para fazer uma tentativa de controle da saída do pessoal da aldeia para a cidade, e entrada de pessoas de Confresa para a nossa terra. Também fizeram muitas reuniões para orientar a população de como se cuidar da doença, mas mesmo assim algumas pessoas da comunidade se dispuseram a frequentar a cidade, sabendo que a doença contagiosa era bem perigosa à sociedade, e essas pessoas queriam sair a qualquer custo, muitas vezes saíam em outros caminhos, escondidos, abrindo trilho para a passagem de moto. A comunidade não tinha proibido a saída, estando permitida para atender às necessidades, no caso de fazer compras de insumos alimentícios e remédios. Os carros que faziam o frete da cidade para o pessoal até a aldeia, só traziam a feira até a porteira, e de lá, cada pessoa trazia as suas compras de motos. Vendo que ali que não havia acontecido o controle de saída como previsto, também tivemos de mudar de lugar para fazer a barreira sanitária, e outra porteira foi fechada também a alguns quilômetros à frente da aldeia, até porque outra porteira ficava mais longe da aldeia, e ali umas quatro pessoas foram escolhidas pela comunidade para serem responsáveis de controlar os tráfegos naquela estrada, as quais encontraram muitas dificuldades, pressionadas por outros que lutavam para sair por ali.

Então, fizemos a tentativa de impedir a entrada dessa doença na Terra indígena Urubu Branco, pela segunda vez, e tivemos de montar uma equipe de combate à frente para fazermos barreira sanitária a alguns quilômetros da primeira aldeia “Tapi’itãwa”, para a tentativa de fazer o controle da saída e entrada de pessoas das aldeias à cidade de Confresa. Já nessa ocasião, muitas pessoas se voluntariaram por conta própria para trabalhar na barreira sanitária, na qual também fiz parte, sem medir esforços nas dificuldades que encontramos ali. Nesse trabalho, também estavam os enfermeiros, agente de saúde, Aisan (Agente Indígena de Saneamento), AIS (Agente Indígena de Saúde), trabalhando de plantão, e todos os dias trocávamos de plantonista. Ali, trabalhávamos com as nossas próprias sortes, porque não havia EPIs (equipamento de proteção individual) adequados para os voluntários, apenas luvas, máscaras,

álcool e cloro, para passar borrifando nos carros da SESAI que atuavam nas aldeias, fazendo atendimento hospitalar com os pacientes, e de motos que saíam. Isso acabou controlando um pouco a entrada rápida de Covid na nossa aldeia.

Também, uma vez por semana, a equipe passava em todas as casas para orientar as famílias, para identificar as pessoas com sintomas de Covid, para encaminhar ao atendimento médico. E fazíamos o que era possível para dar atendimento à comunidade: a equipe saía da aldeia para a cidade, e fazia o saque dos benefícios de algumas pessoas que naquele momento não tinham coragem de sair de casas, nos dias de receber Bolsa Família, aposentadorias, e até para alguns assalariados. Tudo isso nos trouxe muita responsabilidade e foi muito tenso ao mesmo tempo, muito risco de sermos assaltados, tudo isso passou pela cabeça, porém tudo dava certo, todos os dias naquele momento.

Até alguns dias para frente, nós começamos a receber algumas doações de produtos alimentícios pela FEPOIMT (Federação dos Povos Indígenas de Mato Grosso), também por outras ONGs que se sensibilizavam e recursos financeiros através de alguns conhecidos Apyãwa para a compra de remédios e, de pessoas das universidades que apoiam as causas indígenas também recebemos algumas doações. Neste difícil momento, foram muito importantes as contribuições de raizeiros da nossa comunidade, que também não mediram os seus esforços para ajudar o povo, usando os seus conhecimentos tradicionais no preparo de remédios caseiros, que foram de suma importância para nós. Entre os parentes de outras aldeias, de outros povos, fazíamos as trocas de conhecimentos sobre os remédios tradicionais, passando as receitas nas redes sociais, para podemos tentar ajudar uns aos outros, de qualquer forma.

Algumas famílias se organizavam para sair da aldeia para acampar em outros lugares, como muitas pessoas fizeram para a beira do rio Awiowy, também conhecido como rio Tapirapé. A família toda se mudava, mas como algumas pessoas da família ainda frequentavam as suas casas para acompanhar as suas criações que deixaram para trás, assim facilitaram o contágio da doença para outros que estavam nos seus acampamentos. Todas as dificuldades encontradas, misturadas com o medo, fizeram com que cada família se organizasse para sair do centro da aldeia para outros lugares diferentes, para se refugiar das doenças contagiosas. E dentro de alguns dias depois, retornavam para aldeia, porque algumas pessoas tiveram apresentado o sintoma da doença, e precisaram voltar para aldeia, para fazer o tratamento com o médico.

Nesses momentos de pandemia, foi até necessário fazer os isolamentos de pacientes em um lugar, e para isso a comunidade decidiu ceder a escola como espaço de isolamento, até por falta de outro espaço, já que não tinha outra opção, sendo esta a mais adequada. Nesse local,

também trabalhava a equipe que ficava na barreira sanitária, para fazer vigia no local aos pacientes e a equipe de saúde que trabalhava ali, dia e noite.

Para além disso, o povo Apyãwa fez uma organização entre si, que foi a iniciativa de trabalhar na roça de toco, sendo que cada grupo cerimonial se organizava nos trabalhos comunitários para produzir os seus próprios alimentos, e esse momento de atividade também foi um resgate histórico que o povo fez, até porque esses tipos de atividades comunitárias estavam ficando adormecidos, não mais sendo praticados na comunidade. A primeira remessa de colheita dos produtos já foi realizada pelos grupos **Wyraxiga** e **Araxã**, em ambas as partes, tendo sido distribuída para a comunidade, também entre os grupos. Na roça, foram plantadas banana, melancia, abóbora, milho, entre outros produtos. Também teve a organização só das mulheres, na qual elas produziram batata doce, cujo resultado foi muito bom, e também repartiram entre elas.



Imagem: 43 - Barreira sanitária (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)



Imagem: 44 - Barreira sanitária (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)



Imagem: 45 - Visita domiciliares dos agentes de saúde (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)



Imagem: 46 - Barreira sanitária (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)



Imagem: 47 – Isolamento das pessoas com Covid (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)



Imagem: 48 – Isolamento das pessoas com Covid (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2020)

### **3. POLÍTICA LINGUÍSTICA DO POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ**

A visão que nós temos a respeito da preservação da natureza é fundamental para que ela seja bem cuidada, para ela continuar contribuindo para a realização das festas, das músicas, dos rituais do nosso povo, que são fatores praticados diretamente na oralidade. Isso, há muito tempo, está sendo feito pelas sociedades indígenas, porque nós sabemos muito bem que a natureza nos oferece bastantes coisas importantes, que são ligadas diretamente com a realização da nossa cultura, como um exemplo bem claro que a gente vê na nossa comunidade Apyãwa: da natureza nós tiramos os materiais necessários para a realização das festas, os alimentos tiramos delas também para a festa e para o sustento da família e usamos outros materiais necessários para outras atividades Apyãwa.

Todos esses conhecimentos estão ligados à manutenção de língua materna do nosso povo, que nós usamos para nos comunicarmos entre nós na aldeia, ou em qualquer espaço onde estivermos, e também para nomear determinadas coisas. Para isso continuar acontecendo na comunidade, sempre tivemos de realizar as nossas atividades tradicionais, porque só assim os conhecimentos se movimentam no povo, se tornando ainda mais ativos, presentes no seu devido lugar e espaço. Assim, nós temos de manter respeito em nossos conhecimentos, cada um fazendo a sua contribuição em relação às práticas comunitárias na sociedade Apyãwa, para que continuemos praticando as nossas tradições, em reconhecimento de ser um povo originário do nosso país Brasil. É muito importante ressaltar que os conhecimentos estão acompanhando os movimentos dos seus realizadores, no caso aqui, é o povo Apyãwa que faz os conhecimentos acontecerem nas vivências cotidianas.

E se os conhecimentos ainda são usados nas comunidades Apyãwa, é porque houve a preocupação de se valorizar essas atividades milenares, para que nos dias atuais nós continuemos mantendo a movimentação de saberes no povo, dentro das nossas comunidades. É porque teve pessoas se especializando em determinado conhecimento tradicional, para que hoje essas pessoas sejam uma das colaboradoras de ensino em conhecimento na aldeia. Há conhecimentos que só podem ser praticados nas festas tradicionais, nos rituais, na Takãra (casa cerimonial, casa dos homens), de acordo com a nossa tradição, realizada no seu tempo e no seu espaço. Então, sabemos dos muitos saberes que não são praticados de qualquer jeito, ou por qualquer pessoa, em qualquer lugar, como das outras atividades que acontecem no dia a dia. Todos os conhecimentos têm o seu modo de ser usado, o tempo que pratica; as práticas acontecem nos seus devidos espaços e somente pelas pessoas autorizadas, que são aquelas pessoas que dominam bem suas realizações. Todos os conhecimentos merecem ser respeitados, do modo que nós Apyãwa sabemos a realização, porque assim o seu uso é mais valorizado e

fortalecido, mas sabemos que mesmo sendo realizados, alguns conhecimentos têm perdido as suas características, devido à falta de sua movimentação por seus realizadores. Alguns estão perdendo a sua função nas práticas e seus espaços de realização, devido à substituição por outros saberes ocupando o seu espaço, como na maioria das vezes acontecem com sociedades minoritárias que estão em contato assimétricos com outras sociedades.



Imagem: 49 – Takãra/Tapi'itãwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2015)

Pelo que sabemos, muitas das coisas nós aprendemos na Takãra, principalmente os homens, através dos ensinamentos dos sábios, nos tempos das festas tradicionais, nos rituais, ou de outras atividades culturais da comunidade Apyãwa. Já as mulheres começam a aprender as suas atividades femininas em casa, com as mães, com as mais sábias da família. Mas também, ambas partes são responsáveis pelos ensinamentos dos filhos (as), tanto os pais de família, quanto as sábias e os sábios, que são os professores tradicionais da família. E tudo que se passa naquele momento de ensinamento, todas as atividades são feitas nas práticas, as explicações são feitas na oralidade, para que os aprendizes acompanhem observando tudo o que acontece no evento, naquele exato momento de ensinamento. Nessas ocasiões, não se usa escrita para transcrever os conhecimentos, por isso é muito importante a participação ativa, para poder acompanhar e observar, bem, aquilo que é ensinado.

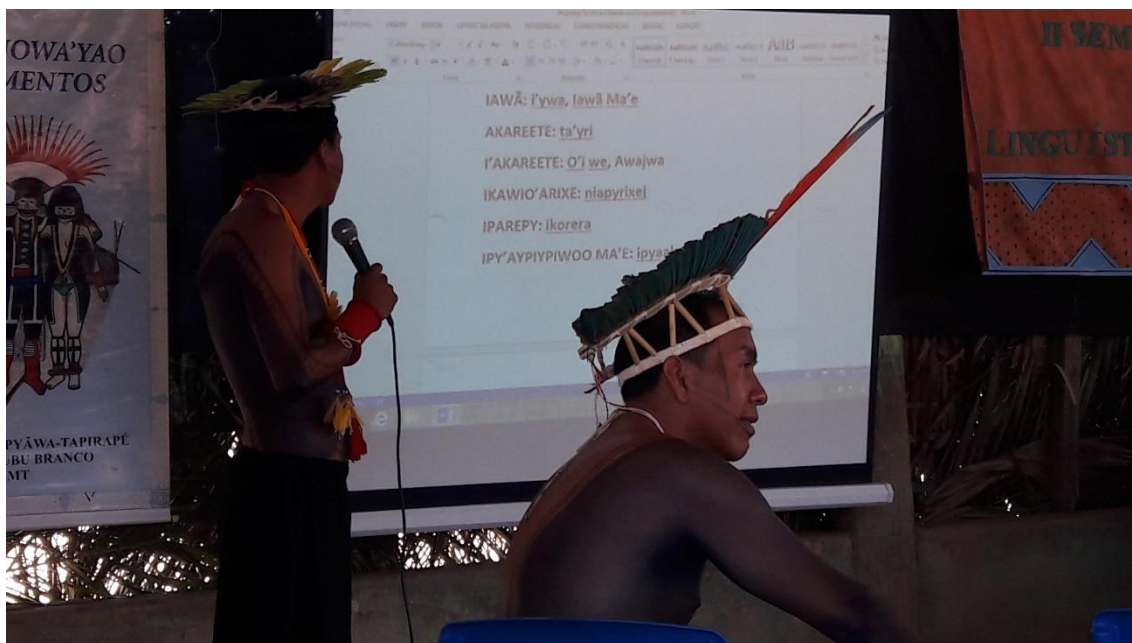


Imagem: 50 – Seminário de Política linguística “Tapi’itãwa” (Foto: Waraxowo’i Maurício Tapirapé) - 2015



Imagem: 52 – Seminário de Política linguística “Tapi’itãwa” (Foto: Waraxowo’i Maurício Tapirapé) – 2015



Imagem: 53 – Seminário de Política linguística “Tapi’itãwa” (Foto: Waraxowo’i Maurício Tapirapé) - 2015



Imagem: 54 – Seminário de Política linguística “Tapi’itãwa” (Foto: Waraxowo’i Maurício Tapirapé) – 2015

Considerando esta situação, está sendo feita a nossa política linguística dentro da nossa aldeia, na comunidade, para tratar dos assuntos linguísticos do povo Apyãwa, em especial, as mudanças que estão sendo notificadas no uso da língua materna, com algumas palavras totalmente substituídas em português, e outros saberes tradicionais que vão cedendo espaço para saberes da sociedade não indígena.

E para trabalhar isso na comunidade Apyãwa, o professor Ieremy’i (Xawapare’ymi Josimar Tapirapé), teve a iniciativa de trabalhar por meio de atividades escolares com os seus alunos/as na sala de aula. Por ele ter percebido as mudanças ocorridas na aldeia, deram o passo de iniciar o trabalho com a nomeação de alguns produtos de maira, para substituir as palavras maira por palavras da língua materna Apyãwa. Aos poucos, isso foi ganhando o seu espaço e as palavras criadas sendo reconhecidas e usadas por algumas pessoas da comunidade. No início, o trabalho não foi fácil, porque muitas pessoas ainda não entendiam bem o porquê, e para que serviriam essas palavras criadas, mas com o tempo, esse modo de trabalho foi se fortalecendo pela ação dos professores, e mais pessoas foram entrando nessa corrente de trabalho, até chegar na realização de oficinas e seminários de políticas linguísticas, onde ganhou mais a sua

potencialidade, tendo mais colaboradores dispostos a discutir a questão linguística e sociocultural da comunidade. E com a realização deste trabalho, o professor Ieremy'i foi premiado, pela Fundação Victor Civita, como Educador Nota 10, por estar mostrando o potencial do seu trabalho, não só para o seu povo, mas para outras sociedades. Dessa forma, essas mudanças culturais acontecem e o trabalho dos professores Apyãwa continua sendo feito pelas políticas linguísticas, onde todos participam discutindo os assuntos mais importantes da comunidade.

A seguir, como exemplos, duas listas. A primeira, com algumas palavras criadas para substituir palavras maira; e a segunda, com palavras que já constavam na língua materna:

**Maira xe'ega – Apyãwa xe'ega**

|                          |                                |                        |
|--------------------------|--------------------------------|------------------------|
| <b>Bacia:</b> xapexiga   | <b>Calendário:</b> xaykwaapãwa | <b>Pote:</b> 'yryro    |
| <b>Balinha:</b> eiryta'i | <b>Cama:</b> mytemekwäwa       | <b>Ponte:</b> 'yaapãwa |
| <b>Banheiro:</b> xaokäwa | <b>Caneta:</b> paraxiryna      | <b>Prato:</b> xapexigi |

**Apyãwa xe'ega – Maira xe'ega**

|                                 |                                      |                                    |
|---------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------|
| <b>Aka'oma'e:</b> bêbado        | <b>Ikywerima'e:</b> letra i          | <b>Mayga:</b> remédio              |
| <b>Akygyro:</b> capacete, cocar | <b>Ipajpama'e:</b> rastelo, ciscador | <b>Maygaretyma:</b> posto de saúde |
| <b>Aky'ima'e:</b> letra ípsilon | <b>Itako'i:</b> cimento              | <b>Ma'ea ygäwa:</b> litro          |



Imagem: 55 – Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa” (Foto: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2011)

As mudanças vêm adentrando aos poucos nos conhecimentos, ou seja, na comunidade Apyãwa, devido também à ocorrência de casamentos interétnicos, casal formado com Apyãwa, Iny (Karajá), Bakairi, Kayabi, Avá Canoeiro e também com os Maira (não indígena). Esse é um fator que levou alguns conhecimentos a se modificarem na sua realidade, dos devidos usos, principalmente no uso da língua materna, com a mistura linguística que já vem ocorrendo há muito tempo, como Tapirapé (2020, p.68) aponta na sua pesquisa:

As crianças dos casais formados com pessoas de outras etnias, de modo geral, desde pequenas têm contato com as duas línguas utilizadas pelos pais para se comunicarem, porque cada um fala com a criança na sua língua materna. E, muitas vezes, desde pequenas, essas crianças convivem simultaneamente com as três línguas. Além de duas línguas indígenas, têm o português, que é usado na comunicação entre os pais. Esse fato acontece mais com os casais formados pelos Apyãwa com Iny ou Javaé, visto que os homens dessas etnias dominam bastante o português e esta é a língua usada pelo casal para comunicação mútua. Também pode contribuir para isso o fato de que a Língua Iny e a Língua Apyãwa pertencem a troncos linguísticos diferentes. Como sabemos, o Karajá e o Javaé são línguas do Tronco Macro-Jê e o Tapirapé é uma língua do Tronco Tupi, Família Tupi-Guarani. Ao contrário disso, os casais formados com os Kaiabi muitas vezes se comunicam exclusivamente na língua Apyãwa, porque são línguas muito parecidas. Afinal, as duas línguas são Tupi-Guarani e, o que tenho visto, é que isso ajuda a aprender a língua Apyãwa com muita facilidade, pois os Kaiabi, em pouco tempo, falam fluentemente a nossa língua.

Quando os casais são formados assim, entre povos diferentes, praticamente os filhos vão aprender as línguas faladas pelos pais, além do português que será usado pelos casais no dia a dia para se comunicarem na presença da criança. A criança aprende a língua dos pais no convívio deles entre a família, através do uso da língua materna para se comunicar com os filhos, e o português é aprendido ouvindo os pais falando. Todos os casais que são formados com a outra etnia, que são Tapirapé com outro povo, dominam e entendem muito bem as línguas maternas faladas na oralidade, mas isso acontece, desde que os pais ensinem os seus filhos no uso das suas línguas maternas também. Para todos os que moram por aqui, na Terra Indígena Urubu Branco, a língua materna dominante é a do povo Apyãwa, falada frequentemente pela população, independente de outras línguas faladas. E os casais que são formados com os maira (não indígena), tem essas situações que ocorrem nos dias atuais na comunidade, sendo que a maioria dos pais só ensina os seus filhos a falarem o português, como se fosse a única língua falada, e como se o pai, ou mãe, não soubesse falar na língua materna para ensiná-la aos seus filhos. Todos esses processos de aprendizagem passam pela responsabilidade dos pais, de não poder ensinar aos seus filhos nos conhecimentos do seu povo, e só apenas ensinam em um

conhecimento. Então, muitas das vezes, o responsável de mudar as estruturas das línguas, até mesmo do conhecimento de outras atividades comunitárias, começa a partir do encontro de um conhecimento a mais dentro da comunidade, e desde que um só vai aceitando não manter o seu conhecimento se submetendo às substituições de saberes do seu povo.

Quando os conhecimentos dos casais se movimentam de forma equilibrada na família, ou seja, o conhecimento do pai sendo ensinado para os filhos da mesma forma que o conhecimento da mãe, já é uma outra história, pois a partir do que as crianças aprendem através dos ensinamentos dos pais, dois conhecimentos diferentes sendo administrados a elas, ou até mesmo mais de um, até porque tem o português é uma grande responsabilidade para saber conduzir, de saber usar no seu momento, para não submeter na mudança de estrutura do outro saber. O léxico da língua é o que mais sofre nessa questão, por ela ser substituída por outras palavras que não sejam da própria língua materna, muita das vezes. E assim os próprios falantes acabam colaborando com a extinção da sua língua materna, por não saberem valorizar a sua própria identidade, da forma como deveria ser respeitado o seu uso na comunidade.

Por mais falantes da língua materna que tenha na comunidade, se não souber administrar o uso, ou então, não souber valorizar o valor dos conhecimentos que temos na nossa cultura Apyãwa e não os movimentar na comunidade, praticamente o conhecimento corre grande risco de desaparecimento. E sabemos muito bem que ao longo do tempo os conhecimentos estão em constante mudança, nas estruturas fonológicas, e outros apontamentos que linguisticamente são apresentados, de acordo com estudos linguísticos pelos próprios falantes, pelos professores Apyãwa.

E por meio do desenvolvimento sustentável da nossa política linguística dentro da aldeia, junto com a comunidade, nós, como o povo Apyãwa/Tapirapé, sempre buscamos um meio de ensino para lutar pela qualidade da educação. Os métodos que utilizamos nas oficinas, ou nos seminários, são: discutir as criações de novas palavras entre os professores, socializar a criação de novas palavras com a comunidade; ensinar os conhecimentos na sala de aula, avaliar a situação de uso da língua em relação aos processos de formação de novas palavras, observar; pesquisar, incentivar o uso das novas palavras; contribuir e compartilhar a responsabilidade de trabalhar o uso da nossa língua materna na escola e na comunidade. Como resultados, esperamos envolver todo o povo Apyãwa nas atividades, defendendo a vida da nossa língua, pois essa política linguística foi aceita pela comunidade Apyãwa com muito sucesso na oralidade e na escrita para fortalecer o uso da nossa língua materna, evitando a entrada da língua portuguesa na comunidade.

Todos os assuntos abordados pelas discussões nas oficinas, ou nos seminários, foram feitas para valorizar o uso dos conhecimentos Apyãwa na comunidade, para que essas práticas continuem sendo movimentadas pelas pessoas na aldeia. Por isso, a importância de realização dos seminários sempre vem ganhando a sua potencialidade, no intuito de fortalecimento cultural Apyãwa. O evento realizado na aldeia, sempre tratou da realidade da nossa comunidade Apyãwa, os rituais, festas, danças, língua materna, músicas, como todas as atividades comunitárias. E sempre é fundamental discutir sobre as nossas realidades, para podemos continuar usando os nossos saberes, de acordo com a prática.

### 3.1 LÍNGUA MATERNA E OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS APYÃWA

Sabemos que o Brasil é multilíngue e multiétnico, onde se localizam diferentes culturas, conhecimentos, organizações, línguas faladas, tradições e muito mais. E a nossa comunidade é umas delas.

Para nós, a língua materna é a base de tudo, é uma identidade muito importante, na qual nos identificamos como “o povo Apyãwa”, porque todas as comunidades indígenas do Brasil têm as suas identidades, diferentes umas das outras. Para a nossa comunidade, a língua abrange o que nós usamos nos dias atuais: nomes, histórias, músicas, rituais e festas, comidas, trabalhos, pinturas corporais, remédios medicinais, desempenhando uma função muito importante, porque através dela nós expressarmos os nossos conhecimentos, trocamos as ideias, e a usamos para a nossa comunicação.

Por isso, é fundamental a valorização e fortalecimento do uso da língua materna, para que sempre continue sendo usada pelo povo Apyãwa. Vários outros conhecimentos se valorizam, e se movimentam entre as pessoas da comunidade, ganhando mais força, porque através da língua se atualizam as histórias, as músicas, os nomes, e outros conhecimentos que são do nosso povo.

Sem ter uma língua, não saberemos nos comunicar com outros, identificar coisas da nossa região, ou até mesmo expressar os nossos conhecimentos, compartilhá-los aos próximos. Então, a comunidade Apyãwa sempre está articulando pela valorização dos conhecimentos tradicionais.

### 3.2. EDUCAÇÃO TRADICIONAL APYÃWA

Dentro da cultura Apyãwa, há muitas regras importantes, que têm de ser respeitadas, cujo uso é da nossa responsabilidade, como a população geral da comunidade. Isso nós sabemos muito bem, porque a cultura não é de uma pessoa só, todos nós somos os donos dela. Então,

nós temos de trabalhar a respeito disso junto com os alunos dentro da sala de aula e não esquecendo que a educação das crianças, bem como a nossa, começa a ser ensinada dentro de casa junto com os pais, avós, tios, com a família em geral. Também esses conhecimentos tradicionais do nosso povo têm de ser fortalecidos, na escola, o espaço onde também somos ensinados, para que esta não venha a substituir as práticas dos pais, o papel dos pais, que já vinha acontecendo culturalmente. Com isso, não quer dizer que nós somos contra o ensino que vem sendo feito na sala de aula, até porque a escola vem fazendo um papel muito importante, ajudando os pais nos aprendizados dos filhos, onde a maioria das crianças, os jovens Apyãwa, vêm se preparando para o mundo Apyãwa tradicional e para as relações interculturais dos Apyãwa com a sociedade não indígena. Sabemos também que, na escola, os conhecimentos são organizados em escrita, onde também os alunos trocam as ideias para conhecer as experiências dos colegas nas discussões sobre as atividades estudadas.

Tudo o que, até hoje, a escola ensina para os Apyãwa é voltado às realidades das comunidades, porque se preocupa em atender às necessidades e dificuldades encontrada na comunidade, por isso, nesse sentido, nós ganhamos mais um aliado forte, os professores Apyãwa, que trabalham na valorização de conhecimentos tradicionais. E tudo o que as crianças e os jovens vêm estudando na sala de aula junto com os professores Apyãwa, só vem organizando as várias experiências que ganharam junto com os pais, e na família. Nós discutimos parte dos conhecimentos Apyãwa, focando mais nos respeitos familiares.

Então, nós fazemos a troca de experiências com a presença de alunos que eu tenho em casa, como sobrinhos/as e irmãos mais novos. Essa experiência que eu estou fazendo durante a minha pesquisa por meio de debate junto com o a minha família, é no sentido de incentivo para aprendermos juntos. Fazendo com que aconteça essa política, posso envolver a nossa geração familiar a participar de uma política sustentável.

Aqui eu vou deixar relatado o ponto de vista e conhecimento que ouvi da minha família voltada ao respeito que temos de ter com as pessoas. Conforme a discussão feita em casa com a minha família, eu consegui recolher essa informação, que transcrevi logo abaixo:

Para que a educação Apyãwa continuem sendo ativa na comunidade, dentro de casa, em cada família, a responsabilidade está na mão de cada um, mas de modo geral todo mundo colabora com o próximo, através da troca de ideias, com diálogo, para enriquecer ainda a experiência do outro, e o conhecimento também de forma geral. Então, desde a infância, os pais das crianças têm de se preocupar com a educação dos filhos, para que desde o começo venham conhecendo as regras de sua cultura, conforme a nossa cultura oferece para nós. E a responsabilidade do ensino das crianças é dos pais de família, dos sábios da família, porque a

partir deles é que nós, jovens, construímos a nossa experiência, o nosso conhecimento. Por isso, nós temos de saber aproveitar o nosso momento de aprendizagem junto com os conhecedores tradicionais, para melhorar e fortalecer as nossas atividades culturais, as nossas práticas culturais do dia a dia. Em busca dessa continuidade, é que os nossos pais, os nossos anciões, nos ensinam nossos costumes, para conhecer as nossas regras, tudo o que a gente tem de saber por direito, porque é da gente. Assim, temos de saber respeitar os nossos pais, respeitando a decisão deles, a demanda que eles têm por nós, e não ultrapassando o que eles fazem por nós, porque eles é que decidem as coisas por nós, os filhos. Dessa forma, nós só temos de continuar cumprindo a decisão dos pais, quando eles decidem alguma coisa por nós, ou mandam a gente fazer uma coisa; e na família, nós também temos direito de orientar os nossos pais e resolver outras questões por eles, para contribuir na construção de vida. Com essa sabedoria, a gente tem de agir dentro da lei Apyãwa, tendo consciência de usar tudo o que a gente aprende com a família, dando valor ao nosso conhecimento, dos contribuintes que colaboram com a gente. Essa maneira de ensinamento, a gente pratica na vida desde a infância até a vida de adulto, e com essa modalidade de experiência, nós crescemos na organização como uma sociedade Apyãwa e nos tornamos mais sábios, respeitados na comunidade também.

Assim, a gente consegue manter a nossa família organizada, procurando praticar melhor a nossa aprendizagem, porque sabemos que só na prática a gente aprende melhor o conhecimento, mais do que só ouvir o conselho dos pais, dos avós, através das histórias. Essa responsabilidade está em nossas mãos, todos como Apyãwa, para valorização de conhecimento, e até mesmo no sentido de respeitar as regras de uso dos nossos costumes. Iniciamos o uso delas dentro de casa com a família, usando-as na comunidade também, da forma como aprendemos. Abaixo, transcrevi algumas dessas regras de respeito, que nós Apyãwa conhecemos de xe'ekerere:

TABELA 01: REGRAS DE RESPEITO NA FAMÍLIA

|                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Respeito entre a mãe, o pai e filhos/as. | A criança tem de saber respeitar os pais, ouvindo seus conselhos sem interromper a fala, ou respeitando a demanda (respeitando a decisão dos pais, ou seja, atendendo o pedido, quando os pais pedem aos filhos). Também não podem brincar com os pais, eles sempre têm de ser respeitados pelos filhos. Os pais também tem de manter respeito com os seus filhos, assim, eles aprendem a respeitá-los ainda mais, vendo os pais fazendo por eles. “Dessa forma, nós, Apyãwa, aprendemos junto com os nossos pais, os conhecimentos deles”. |
|                                          | Os irmãos têm de ter o maior respeito entre si, não podem brincar entre eles, ou seja, fazendo brincadeira de mau gosto um ao outro.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

|                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Respeito entre as irmãs e os irmãos.    | Não podem se deitar numa rede uns aos outros, principalmente com as irmãs e sobrinha. Com os sobrinhos também não pode, porque todo mundo merece um pouco de respeito. Isso, culturalmente, é muito ruim para o povo Apyãwa. Mas nós Apyãwa temos certas brincadeiras que fazemos, sem tocar numa outra pessoa, através da fala, oralmente.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Respeito entre o cunhado e a cunhada.   | Cunhado entre o cunhado tem certas brincadeiras para fazer, mas também sempre respeitando um ao outro e que não pode ser direto, porque tem de ter limite para isso, conforme a regra e o costume que temos. Também com a cunhada é dessa forma. Quando nós usamos uma coisa do nosso cunhado, ou da nossa cunhada, devemos usar com cuidado, isso também nós fazemos como uma forma de respeito, o mesmo eles têm que fazer com a gente.                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Respeito entre a sogra, genro e a nora. | O respeito com a sogra e com o sogro é bem valorizado ainda, por isso com eles o genro e a nora não podem brincar, porque isso não é permitido, isso é muito ruim, é falta de respeito e falta de educação. Por isso, o homem não conversa com a sogra, mas com a nora até que conversa, trocando as ideias. Com o genro que a sogra não fala, mesmo que ela precise do serviço dele, mas fala com a sua filha, ou com a neta/o, para que eles passem o recado. Isso, até hoje, é usado na nossa comunidade, é muito forte o uso dessa regra. O homem tem mais intimidade de conversar com o homem, nesse caso com o sogro. Mas a troca de conversa é sempre em seriedade, fora de brincadeira, até o tom de voz muda, |
| Respeito aos anciões (avó e avô).       | Os anciões (avó e avô) merecem muito respeito antes de tudo, porque eles são orientadores, historiadores, a biblioteca viva da família, aconselhadores, construtores da vida, das experiências, detentores de conhecimento em geral do povo Apyãwa. Tudo isso nos torna como uma pessoa responsável e respeitada na nossa sociedade. Na conversa, nós não podemos interromper os anciões, e sempre damos ouvido a eles.                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Respeito às pessoas adultas/os.         | Sempre devemos respeitar as pessoas para não magoá-las, porque na nossa cultura sempre devemos valorizar o próximo. Isso é muito bom para a nossa educação, os jovens respeitando as pessoas adultas. É fundamental manter o respeito entre outros, porque isso pode te dar um retorno, ser respeitado também.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Respeito com a comunidade.              | Fazer uma coisa sozinha, ou decidindo uma coisa fora da participação da comunidade, não é bom para nós, porque nós, Apyãwa, temos o costume de socializar os assuntos entre nós. O desrespeito à comunidade enfraquece a sua força política, entre outros problemas. Também pode estragar a imagem da pessoa dentro da comunidade, porque gera a desconfiança, e isso não é bom. Por isso, o respeito é muito bom, para ser visto como uma pessoa respeitada na comunidade, educada, pessoa de boa postura, de personalidade e ser um bom exemplo.                                                                                                                                                                     |

Fonte: Pesquisa de Campo do autor, Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2022.

Essa pesquisa me trouxe uma experiência rica, com muitas regras e conhecimento, e que chegou a contribuir para a nossa nova geração dentro de casa, na família também. E junto com os meus pais, irmãos, irmãs, pela colaboração de todos, hoje eu consigo praticar esse conhecimento dentro de casa, respeitando os meus pais, irmãos, irmãs, sobrinhos, avós e cunhados, respeitando a decisão de todos, conforme a demanda da nossa cultura. Todos os conhecimentos a gente aprende praticando ativamente na família, porque só usando é que nós percebemos o fortalecimento de conhecimento. Também já vim aprendendo a respeitar o próximo há muito tempo, por isso já vinha conhecendo algumas regras desse conhecimento, cujo uso é muito importante para nós Apyãwa, por isso, durante o nosso aprendizado é fundamental ser acompanhado pelos pais.

Tudo o que aprendi até agora junto com os pais, avós, enfim, isso está me fazendo enxergar a realidade da minha comunidade, abrindo ainda mais a minha visão para acompanhar o movimento do povo Apyãwa. Isso cada vez mais está me enriquecendo, me fortalecendo também, e me aproximando ainda mais nas atividades comunitárias, nas quais eu percebo que é a solução para melhorar a minha aprendizagem, melhorar a minha experiência junto com as outras pessoas da comunidade. Assim, eu sempre busco me aproximar das pessoas da comunidade, para interagir com elas e, por meio de minhas perguntas, aprofundar o meu conhecimento através dos conhecimentos de outras pessoas. E assim eu continuo observando, pesquisando a organização do meu povo Apyãwa, convivendo sempre junto com eles na aldeia, para nos ajudar nos momentos difíceis, ou nos momentos de alegrias. Assim, nós vivemos nas aldeias, um dependendo da colaboração do outro.



Imagem: 56 – Oficina de confecção de arcos e flechas em Tapi'itãwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2014)



Imagem: 58 – Oficina de confecção de arcos e flechas em Tapi'itãwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2014)



Imagem: 59 – Preparação de mandioca em Tapi'itãwa (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2014)



Imagem: 60 – Alimentando filhote de papagaio na aldeia Wiriaotãwa (Foto: Kanio Dijalminho Tapirapé, 2017)

#### **4. ESTUDO SOBRE AS PALAVRAS FEMININAS E MASCULINAS**

Nesta pesquisa, me propus a trabalhar uma parte dos conhecimentos Apyãwa - Tapirapé codificados no léxico, com o propósito de registrar as diferenças das palavras que são somente pronunciadas pelos homens e pelas mulheres, na oralidade, e este tema foi uma oportunidade para trabalhar por meio das atividades escolares só com os alunos de 1º ano do ensino médio (também tem as 2ª e 3ª turmas do ensino médio), para expor e fazer as trocas de experiências de vida que nós temos na nossa comunidade, cujos usos estão sendo modificados aos poucos, na oralidade, pelos seus falantes. A partir do estudo na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, nas escolas anexas, e nas Universidades (Universidade Federal de Goiás e Unemat), a pesquisa sobre a língua materna foi conduzida e focada nas palavras distintas do povo Apyãwa por meio de seminários e oficina, pois nós estamos detectando a falta de uso de algumas delas na comunicação oral das pessoas. O que mais me chamou a atenção, é que a partir dos trabalhos realizados se pensa reativar o seu modo de uso pelas pessoas, na aldeia, para, a partir disso nós construirmos uma nova visão ao respeito de valorização e o fortalecimento dos conhecimentos e também motivando as pessoas a usarem as palavras distintas da língua. Por isso, é muito importante se trabalhar as diferenças do léxico das palavras Apyãwa na sala de aula, além de também se ensinar as palavras nas práticas orais. Sabemos que poucas pessoas estão usando as palavras conforme se usava antigamente, considerando o uso das diferentes palavras entre os homens e as mulheres. E enquanto o seu uso constante na oralidade era mais favorecido, as palavras sempre eram pronunciadas adequadamente pelos seus falantes, no caso, pelos homens e pelas mulheres, e os conhecimentos dessas práticas eram mais usados pelas pessoas da comunidade, tanto pela juventude quanto pelos adultos, e não se usavam de formas variáveis, ou substituídas, com as misturas das palavras masculina e feminina, especificamente, certas palavras se pronunciavam apenas pelos homens e pelas mulheres, corretamente, da forma apropriada, conforme a regra cultural Apyãwa.

Então, de acordo com que já vem sendo discutido, os professores, juntamente com a comunidade, têm papel fundamental na educação das gerações mais novas da população conforme o seu conhecimento, para ensinar tradicionalmente, o uso das palavras na oralidade, e além disso, também ensinar o léxico das palavras Apyãwa na teoria, as palavras escritas, nas escolas Apyãwa. E sempre buscando a orientação junto com os professores tradicionais do povo Apyãwa, dentro da aldeia, e após levar esse conhecimento para a sala de aula, juntamente com os alunos, para fazer o seu registro. Também sempre é fundamental participar das atividades comunitárias, que são executadas diretamente nas práticas junto com a comunidade, em coletividade, e após o trabalho ser feito, é fundamental executar as atividades escolares na sala

de aula junto com os estudantes, por meio do ensino. Por isso, nessa modalidade de ensino e aprendizagem, na sala de aula, o trabalho é voltado à realidade do povo Apyãwa, na qual os conhecimentos estão sendo fortalecidos, se trabalhando os saberes tradicionais, pelos professores e pelos estudantes. É importante refletir bastante politicamente nessa situação que nós estamos presenciando nos dias atuais, tanto que continuei promovendo as atividades por meio de oficinas e seminários na comunidade em prol do fortalecimento dos saberes, para valorizar a importância dos conhecimentos tradicionais, sabendo os valores significativos culturais que temos na comunidade. Com essa forma de ensino, a escola está contribuindo para o povo Apyãwa, quando se trata de registro dos conhecimentos em escrita, e a escola hoje é um espaço fundamental que temos na comunidade, dentro da aldeia, para se trabalhar também os conhecimentos milenares Apyãwa, nesse espaço, através das pesquisas, com os registros. Assim, é importante refletir bastante, que os professores venham a fortalecer ainda mais esse trabalho nas escolas, orientando a juventude na valorização dos saberes tradicionais.

Historicamente, sabemos muito bem que somos um grupo social da oralidade, mas também sabemos que temos alguns traçados, os grafismos sendo utilizados nos artesanatos, na pinturas corporais, que consideramos como a nossa escrita, porque sabemos fazer a leitura e os significados delas, então, entendemos que todos os conhecimentos se ensinavam diretamente nas vivências, e não se pensavam em trabalhar isso nas escolas, com as escritas, como nos dias atuais, pois, no passado, todos os ensinamentos aos aprendizes acontecia no momento exato das atividades comunitárias, aprendendo a partir das observações. Para isso, o papel dos pais é fundamental para acompanhar de perto os processos de aprendizagens dos/as filhos/as, para orientar naquilo que sabem, transmitindo as experiências de vida. E a partir do momento em que a escola começa a fazer parte da comunidade tradicional, também se pensa em documentar os saberes na escrita, para que assim também atendam à necessidade do povo local, o que é extremamente importante, conforme indica o RCNEI (1998, p.85):

É importante que os professores se engajem em diferentes tipos de pesquisa, sem esquecer dos projetos voltados para sua prática, que investiguem o que se passa em suas escolas, as pedagogias ali em construção, fora e dentro do espaço da sala de aula, para que possam agir refletidamente no processo construção da educação que suas comunidades desejam. Nesse sentido, um olhar etnográfico sobre a sala de aula poderia ser desenvolvido como parte da formação continuada do professor índio ou não-índio. Ou seja, a etnografia poder um instrumento possível para o trabalho de observação e reflexão dos professores indígenas. Esse trabalho parte da prática, enfatiza a reflexão sobre essa prática, constrói teoria e volta para a prática. Por exemplo, se a pedagogia indígena enfatiza o aprender e o trabalho individual através do olhar e do fazer, pode-se estabelecer como meta um levantamento das estratégias da pedagogia

indígena e, a partir daí, uma discussão interpretativa, para então tomar decisões sobre o que vai ou não ser incorporado à escola, bem como de que forma se darão essas incorporações nas diversas disciplinas. É importante considerar que disciplinas de conteúdo e disciplinas de metodologia podem, muitas vezes, estar combinadas em uma só. Um ponto relevante a ser considerado é que muitas vezes o professor índio está mais interessado em sua formação como aluno do que em sua formação como profissional do ensino de outros, dada a situação de pouca escolaridade em que a maioria ainda se encontra. Essas outras expectativas podem, muitas vezes, representar fases na profissionalização do professor. Nessa produção e reflexão sobre a prática, seria interessante contemplar a comparação com a prática em salas de aula de outras escolas indígenas e também de escolas não-indígenas. Saber o que se faz fora, para a confirmação e para afirmação de novas soluções pedagógicas para a escola indígena.

E para iniciar a execução das atividades na modalidade de ensino e aprendizagem escolar, sempre são inseridas pessoas sábias/os, que são especialistas em conhecimentos tradicionais, em meio ao trabalho de pesquisa, para orientar no uso dos conhecimentos, ou seja, para explicar sobre os significados e o uso dos conhecimentos nas práticas culturais do povo Apyãwa, para ensinar e acompanhar nos trabalhos, com os seus ensinamentos e, com certeza, mostrando as suas habilidades de como sabe, entende, explica e como tem guardado os conhecimentos sem a escrita, e mostrando sua experiência de vida, no intuito de reativar os usos adequados das atividades milenares do povo em outras pessoas da comunidade, ou seja, atualizando os saberes e motivando os jovens no uso das palavras distintas que existem na língua materna. As informações importantes sobre os conhecimentos são coletadas diretamente com os entrevistados, e desde o momento em que acontecem as entrevistas, já começa o ensino, para que os próximos possam fortalecerem os diversos usos dos conhecimentos da forma apropriada.

É fundamental convidar sábios para a sala de aula com o propósito de colaborar com a sua experiência como professor, e conduzir a aula com os seus ensinamentos, incentivando os jovens a continuar valorizando as suas práticas culturais, no uso da língua materna e tantos outros saberes, para continuarmos o uso dos conhecimentos tradicionais na comunidade, especificamente o uso correto das palavras distintas femininas e masculinas. Mas também, muitas das vezes, não é necessário trabalhar na sala de aula, é importante também explorar outros espaços de ensino para mostrar os valores significativos aos estudantes, o que temos em conhecimento, pois todas as modalidades de ensino são válidas, tal como ela é conduzida, desde que a comunidade local reconheça o objetivo de trabalho, se é necessário ou não. Para o povo Apyãwa, não há um único espaço para ser usado como local de ensino, existem vários outros

espaços do uso exclusivo para as práticas culturais, onde ocorre o ensino-aprendizagem dos povos indígenas, conforme traz o RCNEI (1998, p. 23):

Todas as sociedades indígenas dispõem de seus próprios processos de socialização e de formação das pessoas, mobilizando agentes para fins educacionais. Os momentos e atividades de ensino-aprendizagem combinam espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros; são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas. Essas formas de educação tradicional podem e devem contribuir na formação de uma política e prática educacionais adequadas, capazes de atender aos anseios, interesses e necessidades diárias da realidade atual. Tais conhecimentos não são incompatíveis com os conhecimentos da escola contemporânea

Então, de acordo com o que vivemos nos dias atuais, os pesquisadores Apyãwa sempre estão buscando se atualizar com os conhecimentos, por isso, sempre estão buscando pesquisar o seu próprio conhecimento, através das entrevistas junto com os sábios tradicionais. É importante escolher um tema contextual voltado à realidade da comunidade Apyãwa, para se trabalhar nele, e pesquisar na comunidade, detectando os problemas que estão afetando os modos de usos dos saberes, buscando um resultado positivo que também será uma grande vantagem na valorização dos conhecimentos para o povo Apyãwa, sendo que os jovens também têm a oportunidade de se preparar como conhecedores do nosso próprio saber. Nos dias atuais, através da execução de pesquisa, também estamos ganhando mais experiências em nossos conhecimentos, acompanhando os desenvolvimentos culturais do nosso povo, nas aulas que envolvem a pesquisa, e a leitura bibliográfica, a partir das quais também são atualizados os materiais registrados na forma escrita, com as nossas práticas culturais e as tradições do povo, e para conhecermos um pouquinho mais a importância de cada saber, o valor de cada conhecimento do povo Apyãwa, temos a oportunidade de fazermos a leitura de materiais documentados que são frutos das pesquisas de outras pessoas da comunidade.

E através dos trabalhos, as práticas de alguns conhecimentos tradicionais estão sendo reativados para a nossa realidade, especialmente as palavras femininas, que foram mais atingidas pelas mudanças de usos das próprias mulheres Apyãwa, por muitas palavras sendo substituídas pelas outras que não são para o uso apropriados delas, tanto por palavras masculinas, ou até mesmo da língua portuguesa. No Seminário de Educação e Pesquisa Apyãwa, promovido pela Unemat e pela Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, o ancião Wario Tapirapé sempre vem colocando que o fato de não haver professoras nas séries iniciais, ajuda

o deslocamento das marcas de fala femininas, porque as crianças pequenas não ouvem a fala das mulheres, ouvindo mais o modo de falar dos professores homens na sala de aula. Além disso, os jovens vêm acreditando que essas palavras que hoje estão sendo menos usadas, são palavras específicas das anciãs, por isso, as mulheres mais novas não as usavam também. Nesse caso, as palavras femininas são enfraquecidas pelas próprias mulheres. De acordo com estudo feito por mim, ao decorrer da pesquisa e na observação, desde alguns tempos atrás, deu pra perceber que houve mudança no uso das palavras, como a palavra feminina *a'i*, substituída com *ari*, a palavra é expressa pelas mulheres, como por exemplo “ah, sim, ou de é expressada por lembrar de uma coisa”, mas também é substituída pela palavra *ui*, *aiaiai*, em português. E outras palavras também foram deixadas de ser pronunciadas por algumas mulheres, como: *rapy*, *kã*, *ki'ĩ*, *ke'ẽ*, *a'i*, *xeropy'i*, *xetotyri*, *api*, *xaxe*, *koxa'iraweri*, *kotatay*, *konomiy*, que são palavras femininas, a identidade própria das mulheres Apyãwa. Essas palavras são do uso apropriado das mulheres Apyãwa, que fazem parte da identidade feminina Apyãwa, culturalmente, mas elas foram deixadas de ser usadas pelos jovens por algum tempo. Essas palavras: *xeropy'i* “meu tio paterno”, *xetotyri* “meu tio materno”, *api* “tia, irmãs da mãe”, *xaxe* “tia paterna”, *koxa'iraweri* “cunhada”, e as duas últimas palavras “*kotatay*, *konomiy*”, se referem aos gêneros da/o filha/o que a mulher tem, para a mãe ser chamada “mãe da menina”. Ultimamente, estas palavras vêm ganhando o seu potencial de uso na comunidade. Então, esse saber precisa estar mais fortalecido novamente nas falas femininas e para isso precisa ser trabalhado como atividades escolares também, para o ensino de práticas e com os registros delas também na escrita. As palavras, *rapy*, *kã*, *ki'ĩ*, *ke'ẽ*, são uma das partes que complementam outras palavras para darem os sentidos da comunicação enuciada, os significados, e logo abaixo trago alguns exemplos na tabela:

TABELA 02: PALAVRAS DE USO DAS MULHERES

|                              |                                                                                 |
|------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| Ma'e pa rapy                 | “O que foi/o que é”<br>Fala de mulher para mulher, ou para homem                |
| Xerexemi'o 'ym aãpa iryna kã | “Eu estou fazendo comida para nós”<br>Fala de mulher para mulher, ou para homem |
| Exarapy äwo ke'ẽ             | “Venha aqui”<br>Fala de mulher para mulher, ou para homem                       |
| Maryn pa ki'ĩ                | “O que foi/o que é”<br>Fala de mulher para mulher, ou para homem                |

Fonte: Pesquisa de campo do autor, Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2022.



Imagem 60 - Desenho da Koxamy'i mostrando as falas apropriadas entre uma mulher e um homem, 2022.

E essas palavras são usadas de acordo com o que as mulheres vão falar de alguma coisa, se comunicando, ou transmitindo algumas informações para outra pessoa. Isso não são apenas palavras, mas fazem parte das identidades próprias das mulheres Apyãwa, pelos que sabemos culturalmente. Por isso, é necessário discutir sobre elas, para ativar o uso das palavras distintas femininas, enquanto algumas pessoas idosas usando na comunidade. Esse saber é um dos fatores de empoderamento feminino, fortalece as mulheres Apyãwa culturalmente falando na língua materna, porque esse saber também é um dos conhecimentos milenares que temos. Como bem sabemos, estas palavras correm o risco de ficarem adormecidas na oralidade das mulheres Apyãwa, por falta de serem usadas pela maioria, sendo que poucas pessoas adultas as usavam nas suas falas.

A grande maioria das mulheres vem começando a usar as palavras femininas, depois de muitas discussões feitas por meio das oficinas e de seminários, pela comunidade, sendo ainda considerado pouco o número de mulheres Apyãwa praticando as palavras femininas na oralidade, publicamente, enquanto que também outras só estão usando pelas redes sociais, como na maioria das vezes acontece o uso desse saber pela via WhatsApp, enquanto que essas mesmas pessoas não falam com essas palavras em público “presencial”. Mas penso que isso vai progredindo, com uso das palavras distintas nas falas femininas. Pela observação que temos feito, me parece que as mulheres se sentem mais à vontade de pronunciar as palavras distintas

nas redes sociais, mais do que publicamente. Poucas pessoas usam as palavras femininas em público, embora o uso nas redes sociais seja em número maior. Então, essas mudanças vêm acontecendo ao longo do tempo, até chegar na era digital em que hoje nós estamos. As palavras femininas foram as que sofreram mais as mudanças, na oralidade, por não serem faladas as palavras distintas pelas pessoas mais jovens na aldeia, mas já sentimos que o uso dessas palavras vai ser reativado na comunidade, porque tem jovens falando, e dessa forma acreditamos que vão incentivando outras pessoas também. São uma das coisas que não se via, e que hoje novamente estão sendo atualizadas em outras pessoas mais jovens.



Imagem: 61 – Mensagem de texto na via WhatsApp (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2022)

Algumas palavras da língua materna são substituídas por outras línguas, como a língua portuguesa, e um dos exemplos bem claros é *a'i* pelo “*ah, não/aiaiai*”. Assim então, algumas palavras foram perdendo o seu potencial de uso na comunidade, na oralidade, sendo substituídas

sem ter necessidade, pelos próprios falantes da língua materna. Apesar de que poucas palavras foram substituídas da sua forma original, acabam mudando também a estrutura de outras palavras na oralidade, bem como a sua pronúncia fica bem diferente em meio à língua materna. Ao perceber isso acontecendo na comunidade, é que os próprios pesquisadores Apyãwa, juntamente com a comunidade, fizeram com que se discutisse sobre o seu uso na aldeia.

Culturalmente, temos algumas palavras para se dirigir ao chamar os tios, tias, os familiares em geral, para não chamar pelo nome próprio da pessoa diretamente. São umas das palavras de respeito e até mesmo palavras carinhosas para chamar as pessoas da família, porque no costume Apyãwa, é fundamental ser mantido o respeito entre a família, mas também ter esse mesmo respeito com a comunidade. Então, aqui abaixo trago essas palavras respeitosas e carinhosas que se falam pelas mulheres Apyãwa, para fazer o seu chamado às pessoas.

TABELA 03: PALAVRAS DE USO DAS MULHERES PARA CHAMAR SEUS PARENTES

|              |                                                                                                                                                     |
|--------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Xeropy'i     | Meu tio “Irmão do pai”                                                                                                                              |
| Xetotyri     | Meu tio “Irmão da mãe”                                                                                                                              |
| Xey'yra      | Minha tia “Irmã da mãe”                                                                                                                             |
| Xaxe         | Minha tia “Irmã do pai”                                                                                                                             |
| Koxa'iraweri | Forma respeitosa e carinhosa de chamar a cunhada, e só mulher pode usar entre elas.                                                                 |
| Kotatay      | Quando uma nora tem filha, é chamada pelo nome kotatay, se referindo ao menino, “mãe da menina”; os familiares também podem chamá-la por este nome. |
| Konomiy      | Quando a nora tem filho, é chamada pelo nome konomiy, se referindo o menino, “mãe da menina”; os familiares também podem chamá-la por este nome.    |
| Mireri       | Forma de chamar a menina bebê                                                                                                                       |

Fonte: Pesquisa de Campo do autor: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2022.

Essas palavras contribuem para a construção da identidade feminina Apyãwa. E todas as vezes que saem os resultados das atividades, que correspondem à necessidade da nossa comunidade, com a discussão feita por todos membros, é que vale a decisão tomada, porque o momento de discutir é fundamental para fazer as trocas de experiências, para discutir sobre assuntos como a valorização e o fortalecimento do uso das palavras masculinas e femininas, para que assim nós possamos fazer um bom trabalho na nossa comunidade, com a articulação de todos por um objetivo só, e de dar uma oportunidade de aprendizagem aos conhecimentos que ali apresentam uma dificuldade por parte dos falantes que não puderam usar as palavras adequadas pelos seus enunciadores, ou seja, pelos falantes homens e mulheres, por não usarem as palavras que devem ser usadas por cada gênero.

E por meio da pesquisa, além das práticas na oralidade das pessoas, nós estamos trabalhando e buscando uma forma de resgatar e fortalecer o uso das palavras distintas entre os falantes das palavras masculinas e femininas, para alcançarmos um maior número de pessoas volte a se comunicar nas palavras que somente as mulheres falam, assim como também os homens. Por isso, é muito importante se mobilizar e tratar dos assuntos na comunidade, enquanto ainda temos algumas pessoas falantes usando as palavras distintas na aldeia, o saber que só estava sendo pronunciada pelas pessoas mais adultas, e que através dos estudos podemos aprofundar a conhecer e encontrar mais formas de trabalhar sobre o conhecimento, e assim, podermos encontrar uma solução que possa contribuir diretamente para seu uso no dia a dia. E com apoio dos professores locais, também poderemos trabalhar no registro dos léxicos das palavras distintas que existem na língua materna Apyãwa. Para alguns pontos, facilitamos as modalidades de ensino e aprendizagem àqueles que aprendem lendo os materiais registrados pelos pesquisadores, mas também temos consciência de não deixar as outras pessoas não letradas, fora dessa articulação, aquelas pessoas que movimentam os conhecimentos só na oralidade, ser ter acesso à escrita.

O trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa e a observação na aldeia Tapi'itãwa, onde também fui coletando as informações sobre o conhecimento, diretamente com as pessoas entrevistadas, com a minha avó Taparawoo Tapirapé, e com a minha mãe Regina Eirowa Tapirapé, especificamente sobre as palavras masculinas e femininas, com as palavras distintas que existem na nossa língua materna Apyãwa. E após a coleta, foi executada uma atividade escolar para os alunos da primeira turma do ensino médio, para discutimos a importância dos conhecimentos que temos culturalmente, especificamente nas palavras que somente os homens, ou as mulheres podem pronunciar nas suas falas, e também foi apresentado o léxico das palavras escritas para os estudantes identificarem as diferenças, visto que é muito importante mostrar a parte escrita aos jovens também, para que desta forma entendam e compreendam as diferenças das palavras distintas. Discutimos sobre as consequências que vêm acontecendo e que vêm afetando os nossos conhecimentos diretamente, mudando as estruturas dos nossos saberes milenares, que são os bens maiores da nossa ancestralidade.

Antigamente, esse saber não era papel das escolas ensinarem aos jovens, sobre as atividades comunitárias, sobre os conhecimentos milenares do povo, até porque os conhecimentos eram aprendidos dentro de casa junto com os pais, avós e avôs, e a partir da convivência com a família, de modo geral. Os pais têm um papel muito importante de ensinar os seus filhos/as, pois é com eles que as crianças passam a sua infância até na fase de adolescente. Desde então, já começam as primeiras interações verbais com os filhos, ensinando-

lhes as diferenças das palavras apropriadas, e as crianças observam os comportamentos dos seus pais, daquilo que fazem, e, assim, começam praticando o que acontece na família, através das imitações, ou começam a falar o que ouvem os pais falarem. Quando a criança é do gênero feminino, a mãe é a responsável por ensinar as atividades femininas, assim como também do gênero masculino, o pai é o responsável pelo ensinamento, mas isso não impede nada que os pais juntos não sejam responsáveis pela educação dos seus filhos, ou seja, todos da família participam das aprendizagens das crianças.

Borges (2004, p. 108) define a língua do povo Iny – Karajá no tronco linguísticos Macro-Jê, que tem semelhança com os saberes Apyãwa, nos processos de aprendizagens e fortalecimento do conhecimento, tem línguas maternas diferentes da nossa, que é do tronco linguístico Tupi Guaraní.

Os pais Karajá estabelecem a diferenciação na fala, conforme as normas para cada sexo. Desse modo, a mãe, a tia e a avó, que formam o grupo doméstico feminino, conversam com suas filhas, sobrinhas e netas na fala feminina, enquanto que com seus filhos, sobrinhos e netos falam na masculina. O mesmo ocorre com os pais, tios e avós, grupo doméstico masculino, que usam as formas femininas ao se comunicarem com as meninas e as masculinas quando conversam com os meninos. Esse procedimento objetiva mostrar às crianças, desde cedo, essa diferenciação entre as falas da mulher e do homem. Assim, os grupos domésticos feminino e masculino constituem-se em referências linguísticas para as meninas e os meninos, nessa ordem.

Então, a construção de experiência da criança se inicia muito cedo a partir da convivência com a família, dentro de casa, nos lugares onde convive. Em narrativas historicamente contadas pelos sábios da comunidade, os Apyãwa começavam a interagir com as crianças ainda no ventre da mãe, com as formas carinhosas de conversar com os filhos/as, se mantendo conectados à criança e assim, o conhecimento Apyãwa era adquirido, mas nos dias atuais, é difícil ver uma cena como essa na aldeia, da mesma forma como acontecia no passado.

A partir do momento em que nós estamos entrando nas universidades, passa a ser uma grande oportunidade estar trabalhando nos conhecimentos tradicionais do povo Apyãwa, para que assim possamos fazer uma boa troca de experiência no contexto intercultural de trabalhar com os registros de conhecimentos, no sentido de conduzir a pesquisa e utilizar as ferramentas necessárias para registrar as informações coletadas pelas entrevistas junto com os conhecedores das histórias, saberes tradicionais. Com essas modalidades de trabalhos na comunidade, a Educação Escolar Indígena faz o seu papel no fortalecimento cultural, desde que também os seus usuários saibam usar o espaço escolar para trabalhar de um modo voltado à nossa realidade como indígena. E com essas modalidades de ensino e aprendizagens, também por meio das

atividades comunitárias, especialmente, o povo Apyãwa ganha mais um espaço de ensino para a produção de material didático com os documentos específicos do povo para o ensino e aprendizagem dos seus jovens nas escolas, um instrumento de espaço que também nos trouxe uma grande oportunidade de trabalhar em nossos próprios conhecimentos, também conduzidos pelos próprios professores Apyãwa.

O nosso objetivo por meio deste trabalho é continuar contribuindo para a nossa comunidade Apyãwa em relação ao fortalecimento dos nossos conhecimentos, para continuarmos valorizando as nossas práticas culturais, línguas, festas, rituais e outros conhecimentos milenares do nosso povo. Através das nossas discussões feitas junto com a comunidade Apyãwa durante algumas oficinas e por seminários feitos antes da pandemia da “COVID 19”, nós apresentávamos as nossas propostas, como trabalhar os saberes tradicionais, e começar a executar as atividades por meio das nossas políticas linguísticas, dentro da nossa Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, que sempre abraçou a causa da comunidade por necessidade também, para nós trabalhamos juntos, e continuar fortalecendo a nossa escola por uma escola específica e diferenciada, para atender à necessidade da comunidade, de acordo com o desejo e a realidade do povo. Antes mesmo de iniciar a execução do ensino nas práticas escolares para a nossa realidade, é fundamental que nós sejamos preparados antes de entrar para a sala de aula, ou seja, para poder compartilhar o conhecimento correto com os estudantes, para discutir melhor os assuntos abordados e até para saber responder aos que vão estar participando das atividades.

De acordo com a nossa tradição Apyãwa, sabemos os significados dos nossos saberes que são as nossas identidades como um povo indígena, como das atividades aqui apresentadas, línguas, rituais, festas, alimentação típica do povo, histórias. E também sempre tivemos as preparações nos usos de instrumentos Apyãwa (desde a confecção de instrumento até o seu uso), como dos artefatos *ywyrapara* e *o’ywa* “arco e flecha”, *yropema* “peneira”, que também são nossas identidades, e com os artefatos também sabemos identificar o gênero das pessoas, pois esses instrumentos também são de usos pessoais de cada gênero Apyãwa, tal como confeccionados para os seus usuários apropriados. Todas as informações coletadas através das entrevistas, que são ligadas em palavras distintas na tradição Apyãwa, devem ser atualizadas, valorizadas e fortalecidas entre os membros da comunidade, para serem movimentadas na comunicação oral da população da aldeia, e só assim poderemos considerar que a língua materna está sendo usada no seu lugar apropriado pelas pessoas certas na comunidade Apyãwa, da qual nos orgulhamos de nos identificar como pertencentes. Nessa direção, Tapirapé e Cruz

(2019, p. 169-70) apontam, em pesquisa de graduação, pela Unemat, sobre a fala masculina e feminina entre os Apyãwa-Tapirapé, que:

Há expressões linguísticas distintivas das falas masculina e feminina que são usadas nos enunciados cotidianos, como são os casos dos termos de parentesco referenciais e vocativos. Outras expressões, verbos, interjeições e partículas discursivas são usadas entre pessoas do mesmo sexo, como entre homens quando se reúnem no terreiro da Takãra (Casa dos homens), quando praticam atividades conjuntas, como pesca, caça e elaboração de artefatos. As marcas da fala feminina são correntes nas interações entre elas, assim como são correntes as marcas de ambas as falas quando há interação entre indivíduos de sexos opostos.

Então, a pesquisa foi realizada para fazer a transcrição do saber a respeito das palavras distintas que falamos na comunidade. E a proposta por meio deste trabalho é documentar os conhecimentos para o uso dos professores Apyãwa em sua sala de aula, para se discutir e incluir os jovens nos debates através das atividades escolares, além das práticas culturais, reconhecendo que algumas palavras já estavam sendo substituídas por outras palavras sem necessidade nenhuma, e por isso é fundamental a motivação dos jovens nos usos das palavras masculinas e femininas, que voltem a ocupar o seu espaço nas falas da comunidade Apyãwa, de acordo com a nossa tradição.

Para aprofundar ainda mais sobre os conhecimentos em relação ao uso das palavras distintas na comunidade Apyãwa, tive a oportunidade também de conversar com as pessoas mais próximas, como o professor Taroko Edimundo Tapirapé e com o professor Demilson Makarore Tapirapé, 34 anos de idade, colegas de trabalho na mesma escola, para me ajudar a buscar mais palavras que temos na nossa língua materna, com quem eu sempre tenho respeito. Então, a partir dessa pesquisa também tivemos a oportunidade de trocarmos as experiências, com a relação aos espaços e de alguns conhecimentos específicos sobre a fala das mulheres e dos homens. E conforme a nossa educação funciona dentro da aldeia para especializar jovens em conhecimentos tradicionais, as novas lideranças na comunidade estão se reduzindo, por conta que as pessoas estão substituindo o conhecimento ancestral por outros saberes, ou até mesmo misturando o uso das palavras masculinas entre as palavras femininas, na oralidade. Por isso, algumas partes de saber estão perdendo o seu espaço culturalmente, e é fundamental ser discutido com as pessoas mais adultas da família, ou até mesmo tratar o assunto na comunidade, já que o conhecimento não é bem privado de ninguém na sociedade Apyãwa. É por isso que a articulação por meio da política linguística é fundamental ser fortalecida e ser realizada na comunidade, para discutir por meio dela sobre as atividades comunitárias e suas práticas, para

que através deste trabalho venham atualizando outros conhecimentos, e não só a questão linguística.

Quando a pesquisa foi direcionada e pensada nas palavras distintas na comunidade Apyãwa, também não foi possível descartar o uso das palavras masculinas, com as quais a maioria das pessoas está se comunicando, usando as palavras distintas no dia a dia, pronunciando mais vezes nas suas falas, praticando o uso das palavras entre os homens. Ainda assim, as palavras masculinas também estão sendo substituídas, ou sendo misturadas entre as palavras femininas, como umas delas, a palavra **apexakat**, que seria a fala correta, e que está sendo falada como **apaxi**, já sendo substituída. Nem todos fazem essa confusão com a mistura das palavras, mas é válido refletir sobre seu uso adequado, no fortalecimento dos conhecimentos ancestrais. O uso das palavras acontece diariamente na comunidade, através da comunicação entre os próprios falantes da língua materna Apyãwa. Então, foi fundamental também registrar as palavras distintas que são de uso apropriado dos homens Apyãwa, com as quais se comunicam na sociedade local, indicando as identidades própria dos homens, no mundo Apyãwa:

TABELA 04: PALAVRAS DE USO DOS HOMENS PARA CHAMAR OS PARENTES

| Formas de chamar pessoas das famílias “Palavras masculinas” |                          |
|-------------------------------------------------------------|--------------------------|
| Xerowyragi                                                  | Meu tio “irmão do pai”   |
| Xetotyragi                                                  | Meu tio “irmão da mãe”   |
| Xey’yragi                                                   | Minha tia “irmãs da mãe” |
| Xaxe                                                        | Minha tia “irmãs do pai” |
| Xeryke’yri                                                  | Meu irmão                |
| Koxa                                                        | Minha irmã               |
| Xerekawiara                                                 | Meu sobrinho             |
| Xekoxamemyra                                                | Minha sobrinha           |

Fonte: Pesquisa de campo feita pelo autor: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2022.

Todas essas palavras apresentadas na tabela, temos na nossa língua materna para fazer o chamamento do parentesco mais próximo na família, as palavras ainda são ativas, mas é difícil mesmo se ouvir da primeira pessoa pronunciando-as na oralidade. No caso, as palavras **xerowyragi**, **xetotyragi**, **xey’yragi**, **xeryke’yri**, **xerekawiara**, **xekoxamemyra**, dificilmente são pronunciadas pela primeira pessoa, mas é fácil ouvir a terceira pessoa falando essas palavras, como **nerowyra** “seu tio”, **netotyra** “seu tio paterno”, **ney’yra** “sua tia materna”, **neryke’yra** “seu irmão (fala masculina)”, **nerekawiara** “seu sobrinho (Fala masculina)” e **nekoxamemyra** “sua sobrinha (fala masculina)”. Então, ainda que esse saber seja conhecido pelos falantes da

língua materna Apyãwa, não estão sendo usadas pelas primeiras pessoas. A maioria das pessoas está se dirigindo ao chamar os seus parentescos mais próximos pelos nomes próprios das pessoas, diretamente, e deixando de valorizar os modos respeitosos e carinhosos de chamar os tios, tias, irmãos, sobrinhos/as, pelas palavras que temos na língua materna. E as palavras **xaxe** e **koxa**, são uns dos saberes que estão sendo mais usados pelos Apyãwa, que estão ganhando o seu potencial no uso na oralidade, um dos resultados discutidos por meio dos seminários e pelas oficinas. A palavra **xaxe** é “tia”, e **koxa** é “irmã”. Ambas as palavras, até então, não eram usadas há um bom tempo pelos seus falantes, mas a partir das discussões na comunidade, todas as que não estavam sendo usadas, foram colocadas como pautas principais dos eventos, para se discutir a partir da sua modalidade de uso na comunidade.

Essas variações de língua falada demonstram a identidade própria do homem e da mulher Apyãwa, através das palavras distintas que têm. Segundo Biderman (2001, p. 14): “Vale a pena insistir no fato de que as categorias lexicais variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos categoriais”. É tão necessário que o conceito das palavras seja compreendido pelos seus falantes, para que sejam usadas de acordo com a ação social da comunidade, valorizada e fortalecida na oralidade. Todas as línguas têm a sua variação, mas que seja usada de acordo com a necessidade, de uma forma mais apropriada.

TABELA 05: Palavras que só os homens podem pronunciar nas suas falas – “Palavras masculinas”

| Palavras que só os homens podem pronunciar nas suas falas – “Palavras masculinas” |                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| Aoxekato kwi                                                                      | “Tudo bem”          |
| Maryn pawã                                                                        | “O que é/O que foi” |
| He – Ea’ygapy e                                                                   | “Experimenta”       |

Fonte: Pesquisa de campo do autor: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2022.

Entre as outras palavras, também existe uma forma adequada de se comunicar especificamente com certas pessoas, com as falas se dirigindo às pessoas, como são eles; **kwi**, **wã**, que são as utilizadas entre os homens. Cada palavra tem o seu papel muito importante na língua, com dão os seus sentidos e significados, de acordo com que é falado, como a palavra **kwi**, que traz os seus sentidos e significados ao ser complemento em outras palavras, como: **aoxekato kwi** “tudo bem”, **ao’i’i kwi** “está muito pouco”, **axemaxerekakato ‘ã wekawo kwi** “eu estou me organizando, ou preparando”, **awi ekwe xaã kwi** “nós vamos daqui”, e assim ela se segue com outras palavras, sempre na fala de um homem para outro homem. De acordo com a forma que a palavra **wã** é falada, os sons na pronúncia vão se diferenciando, porque puxa mais fonemas e dá o sentido, como por exemplo, **ma’e pawã** “o que é/o que foi”, **a’eo wã** “não/uma

palavra de negação”, *a’e pa maryn wã* “e daí”, e de acordo com a forma como ela é usada, vai mudando o sentido da palavra. E para direcionar a palavra de um homem para se referir à mulher, é usada a palavra *he*, mas na junção com outras palavras, o fonema /h/ perde o seu espaço de permanecer na frase, ao não ser pronunciado, como por exemplo; *ea’ygapy* e “experimenta”, e também poderia ser “Testa/Imita/Desenhe”, o sentido muda de acordo com o que se fala, e na escrita ela é apresentada junto com o grafema h: “*he*”, sozinho. Também tem outras palavras que só os homens podem usar, conforme a tabela abaixo:

TABELA 06: Formas de se chamar, ou se comunicar com o cunhado - “Palavras masculinas”

| Forma de chamar, ou se comunicar com o cunhado - “Palavras masculinas” |                                                                                                                                                                                                               |
|------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Akerawera                                                              | Forma respeitosa de se chamar entre os cunhados                                                                                                                                                               |
| Konomirowa                                                             | Quando o homem tem filho, é chamado pelo nome <b>konomirowa</b> , se referindo ao pai do menino, os familiares também podem chamá-lo por este nome. (A palavra pode ser pronunciada pelo homem e pela mulher) |
| Kotatarowa                                                             | Quando o homem tem filha, é chamado pelo nome <b>kotatarowa</b> , pelos os familiares, se referindo ao pai da menina. (A palavra pode ser pronunciada pelo homem e pela mulher)                               |

Fonte: Pesquisa de Campo do autor: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2022.

| Forma de chamar a sogra - “Palavras masculinas” |                                                                                                              |
|-------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Xaryja raweri                                   | Forma respeitosa de chamar a sogra, mas o genro não se dirige diretamente à sogra para chamar com esse nome. |
| Xeraxa                                          | Minha sogra                                                                                                  |

Fonte: Pesquisa de Campo do autor: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2022.

| Forma de chamar o sogro - “Palavras femininas” |                                                                                                               |
|------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tamõja raweri                                  | Forma respeitosa de chamar o sogro, mas o genro não se dirige diretamente ao sogro para chamar com esse nome. |
| Xeratyowa                                      | Meu sogro                                                                                                     |

Fonte: Pesquisa de Campo do autor: Waraxowo’i Maurício Tapirapé, 2022.

E todas as outras palavras que temos na língua materna Apyãwa, com as quais nos dirigimos às pessoas, têm essa forma respeitosa e carinhosa de serem pronunciadas, até mesmo o tom de voz é modificado pelas pessoas, também sendo demonstração de respeito entre ambas as partes. No início, também não entendia muito bem o sentido de algumas palavras desses pronunciamentos, apesar de ser um Apyãwa, até porque houve substituição e a mistura das palavras. Então, já há muito tempo vinha observando essa maneira comunicativa que vem acontecendo na minha presença, dentro da família, o porquê dessa forma de pronunciar as palavras, com os cunhados, com o sogro. Por que, culturalmente, Apyãwa tem esse costume de direcionar essa comunicação entre o cunhado e o sogro, respeitosamente, com tom de voz

modificado na oralidade, que é tão diferente de falar com o tom de voz normal. As palavras, por si só, pronunciadas pelos seus falantes, já trazem a identidade própria dos gêneros masculino e feminino na sociedade Apyãwa. Como vem acontecendo com a forma respeitosa de se chamar entre os cunhados, com o uso da palavra **akerawera**, sendo que nos dias atuais a maioria se chama pelos nomes próprios, o que não acontecia no passado.

E foi através das discussões que a comunidade foi entendendo o conceito e a finalidade das nossas atividades por meio da política linguística, o quanto é importante se trabalhar numa perspectiva voltada à nossa realidade, e como isso contribui para o fortalecimento da experiência, diretamente na atualização de algumas das nossas práticas culturais. E muita gente da nossa comunidade Apyãwa vem participando do trabalho por meio das atividades próprias das políticas linguísticas, as atividades sempre sendo conduzidas pelos participantes das oficinas e dos seminários, para fazer as trocas de experiências, e para continuar explicando as atividades, e assim chamando a atenção dos outros que ainda não participam diretamente das atividades.

Até o momento em que estamos com atividades conduzidas, muitas palavras na língua materna foram ativadas na oralidade, com as pessoas retomando o uso daquelas palavras que estavam inativas por algum tempo, e estão voltando a se conectar aos poucos com o saber milenar do povo. E por meio de tantas outras atividades comunitárias e acadêmicas, também temos feito outras discussões voltadas à questão cultural nos registros. Porque, os conhecimentos que estão ativos em sábios e sabias das aldeias, são fundamentais serem registrados, pois essas pessoas sempre foram a nossa referência sobre os nossos conhecimentos, e é por isso que eles são orientadores e professores tradicionais culturalmente, conduzindo as práticas dos nossos saberes através da explicação que faz aos seus jovens para conquistar os interesses de algumas pessoas. E para podermos entender melhor as nossas próprias atividades comunitárias, culturalmente, sempre buscamos entender melhor através da pesquisa, entrevistando as pessoas que conhecem as nossas realidades.

Com esse objetivo, os professores Apyãwa sempre contribuíram para a comunidade, e eles contribuíam com a sua experiência como os profissionais da educação. Então, as trocas de experiências se faziam entre ambas as partes, e só assim também podemos entender melhor o que nós tínhamos de aprender junto com a nossa comunidade, através da contribuição dos professores tradicionais da comunidade, que fazem ação diretamente nas vivências, pensando na movimentação das tradições.

Por outro lado, tivemos outras experiências em outros meios de trabalhar a questão dos conhecimentos, por meio do Projeto Extraescolar, que também visa ao fortalecimento dos

saberes, tornando os nossos conhecimentos cada vez mais fortalecido em nossa realidade Apyãwa. O trabalho realizado por meio do Projeto Extraescolar também tem trazido um resultado bom para a comunidade Apyãwa, pois as atividades comunitárias nessas ocasiões foram focadas nas alimentações tradicionais, caçadas tradicionais, práticas “voltadas aos conhecimentos masculinos”, as atividades femininas e com as práticas de outros conhecimentos tradicionais, mas lembrando que em nenhum momento o uso da língua materna foi descartado. Em todas as atividades realizadas na comunidade, é fundamental lembrar que a língua materna sempre foi uma parte de conhecimento importante para encaminhar a forma de trabalhar adequadamente.

Todos os trabalhos que vem sendo realizados com a participação conjunta da comunidade foram extremamente importantes para o fortalecimento e valorização de conhecimentos Apyãwa, sobre os quais várias outras tradições são ligadas diretamente. E como bem sabemos, as aulas sobre os nossos conhecimentos tradicionais junto com os demais membros do povo Apyãwa, são fundamentais serem feitas coletivamente, no âmbito de educação dos jovens, são muito importantes, e também observamos várias outras atividades dos homens, as quais são praticadas nas caçadas, nas pescarias, nos trabalhos de roça, que também vem sendo modificados pelos seus praticantes. Essas práticas também são discutidas na comunidade, que também trazem a identidade própria dos homens Apyãwa, pelas experiências. Aprender todo mundo junto, de forma coletiva, faz parte do costume Apyãwa, assim, cada um contribui para o próximo, sendo fundamental para enriquecer mais o nosso aprendizado, tendo mais oportunidade de melhorar a nossa experiência, de aprofundar ainda o nosso conhecimento, o que já conhecíamos. Dessa forma, acreditamos que nos prender melhor em nossas práticas culturais, é garantir o uso dos saberes para mais tempo, ou seja, fortalecer. Para podemos aprender melhor as atividades comunitárias, é preciso sermos muito prestativos com as atividades, participando ativamente com muita atenção, de tudo o que acontece na aldeia, do que é realizado na comunidade.

Há profissionais de educação atuantes em ambas as partes, tanto homens quanto mulheres, na sala de aula, nas escolas, que podem muito bem contribuir com a sua experiência, em relação ao conhecimento masculino e feminino, para, a partir da escola também contribuir para as aprendizagens dos estudantes.

Assim estava sendo realizado o meu trabalho por meio das atividades escolares dentro da sala de aula entre os estudantes, para podermos discutir a importância do uso das palavras masculinas e femininas, discutindo as consequências que hoje enfrentamos, e acreditamos que com essa política linguística nós temos mais chance de retomamos a usar o que estava sendo

menos empregado, e que o conhecimento precisa ser mais valorizado e fortalecido tradicionalmente. E todas as atividades comunitárias precisam ser trabalhadas na sala de aula junto com os estudantes, para conhecermos ainda mais o ponto de vista dos estudantes também. Para isso, a roda de conversa é necessária na sala de aula, a partir do que se trabalha na escola. E a partir dessas trocas de experiências todos contribuem um com o outro, com o objetivo de incentivar outras pessoas na comunidade, a partir das atividades escolares e comunitárias.

É assim que os Apyãwa preparam os seus filhos para o seu modo de viver, para conhecer a realidade da sua comunidade, da forma simples de viver, tradicionalmente, de acordo com a educação, nos trabalhos familiares, ou nos trabalhos comunitários.

## 5. AS PALAVRAS DISTINTAS E SEU ENSINO

Para trabalhar este tema com os estudantes de ensino médio, tive de fazer a pesquisa juntamente com as pessoas que sabem do conhecimento Apyãwa, para junto com elas coletar as informações que eu estava buscando para registrar, por isso, o meu foco foi nas palavras distintas masculina e feminina. Então, tive o tempo de me preparar para depois ministrar a minha aula de acordo com o que fui planejando, para trabalhar juntos com os estudantes da 1ª primeira turma do ensino médio. Então, nessa pesquisa eu tive a oportunidade da contribuição da minha avó, Taparawoo Tapirapé, 77 anos de idade, moradora da aldeia Towajaatãwa, e da minha mãe, Regina Eirowa Tapirapé, 57 anos de idade, moradora da aldeia Tapi'itãwa. Todas as palavras que foram me falando, as informações a respeito do tema, fui transcrevendo para apresentar as listas das palavras aos estudantes, quais delas são usadas, e por qual faixa etária de pessoas são faladas na maioria das vezes.

Conforme os entendimentos das minhas entrevistadas, também percebem que houve mudanças no uso das palavras pelas próprias falantes, com as juventudes não usando as palavras de acordo como deveria ser, como citado anteriormente. Devido a essa ocorrência acontecendo, outras palavras vêm ocupando o espaço, levantando algumas hipóteses para essa mudança de uso das palavras distintas. Então, a partir disso, nós fomos discutindo juntamente com os estudantes, para entendemos melhor a função de cada palavra distinta, em que momentos são usadas, por quem e para quem. Tudo isso foi discutido na sala de aula, através das experiências de cada estudante.

No dia 23/05/2022, eu iniciei o meu trabalho junto com os alunos da primeira turma do ensino médio na sala de aula sobre o tema “AS PALAVRAS MASCULINAS E FEMININAS”, na Escola Indígena Estadual “Tapi'itãwa”, na qual tenho feito a pesquisa para buscar as informações necessárias sobre o conhecimento, e contando com a colaboração de algumas pessoas da família, pela sua experiência de vida. Também tive a oportunidade de compartilhar a minha experiência com os estudantes, que são os meus alunos/as na sala de aula. Inicialmente, expliquei a atividade que nós iríamos trabalhar, para que os estudantes se preparassem e tirassem as suas dúvidas antes de realizar o trabalho, o qual foi realizado nessa aula sobre as palavras distintas que existem na língua materna Apyãwa, que são a identidade própria da comunidade, conforme a cultura permite o seu uso adequado entre os homens e as mulheres. Fazer a explicação das atividades e informar como seria o encaminhamento na sala de aula para os estudantes facilitou muito o nosso trabalho para que a nossa atividade fosse realizada com a participação dos estudantes, pois a contribuição de todos ajudaria bastante os grupos a

trabalharem na transcrição das palavras distintas. Essa atividade inicial nós trabalhamos entre dois dias, a contextualização e explicação do tema abordado no ensino.

Até no dia 24/05/2022, com a participação de todos os estudantes na sala de aula, nós já estávamos começando fazer o levantamento das palavras distintas, explicando a função de cada palavra, o sentido nas falas, por quem é falada, porque, assim, os estudantes vão adquirindo outra experiência, conhecendo como as palavras são usadas, em que sentido são expressadas.

Outras experiências vêm se multiplicando com as nossas práticas como professor atuante em sala de aula, da forma como nós buscamos e desejamos aprender culturalmente, enriquecendo as nossas experiências por meio de ensino. Por isso, o trabalho na sala de aula também é muito importante para desenvolver e compartilhar os conhecimentos em atividade escolar, para darmos mais oportunidade de expressar e movimentar a nossa experiência e os nossos conhecimentos através das discussões junto com os estudantes Apyãwa. Essa metodologia de ensino e aprendizagem que trabalhamos no ensino médio, por meio das atividades nas aulas presencias e nas etapas intermediárias, nas quais os estudantes têm a oportunidade de pesquisar os nossos próprios conhecimentos, seja os que ainda estão sendo praticados para fortalecer, e os que não estão sendo mais praticados, busca, através das pesquisas, alguma forma de reativá-los.

Nessa atividade, foi necessário ir fazendo a leitura por palavras, para que fossem organizados e contextualizados os significados delas, também. E então, continuamos o nosso trabalho, cada um contribuindo da maneira como eles entenderam e interpretaram a atividade, colocando uma ideia a mais no trabalho. Entre os dois dias, as atividades foram mais para fazer o levantamento das palavras distintas faladas entre os homens e mulheres com os mesmos sentidos, mas com formas diferentes de se escrever. Foi necessário ir fazendo as explicações delas também, para que os estudantes entendessem bem a parte escrita.

É importante trabalhar os conhecimentos próprios da comunidade nas escolas juntamente com os estudantes, para que eles mesmos percebam o quanto os saberes tradicionais mudaram desde o seu contexto milenar. Por isso, temos de trabalhar o conhecimento com eles, desta forma começando a incentivar também, enriquecendo ainda mais a nossa identidade, como um ser Apyãwa, e também sempre respeitando a decisão dos estudantes, pontos de vistas que trazem na discussão, ouvindo as ideias abordadas por eles, a respeito da realidade da nossa comunidade Apyãwa. Essa experiência foi superprodutiva, a partir das experiências dos estudantes, sentindo que eles estão buscando conhecer mais os saberes e se interessando em aprofundar mais o seu conhecimento sobre o nosso tema estudado. Através desse trabalho, nós mesmos estamos nos orientando também para fazer a pesquisa e nos motivando para valorizar

a nossa cultura, para continuarmos fortalecendo o que é da nossa comunidade Apyãwa. Por isso mesmo, é fundamental entrevistar os sábios/as Apyãwa, sempre que possível, para adquirir mais informação nos assuntos abordados, como eu fiz para a minha pesquisa, antes mesmo de trabalhar o tema na sala de aula. E assim sempre realizamos as nossas atividades junto com os estudantes, para alcançamos o nosso objetivo através da pesquisa, como já estão sendo revelados alguns resultados delas por meio dos materiais didáticos e até mesmo nas produções elaboradas pelos alunos e alunas.

Para isso, sempre me preparo com antecedência para trabalhar com os alunos, para explicar a atividade e até mesmo para responder às perguntas dos estudantes, porque estes sempre têm algo para perguntar, e isso nós já sabemos, então, é fundamental que a preparação do professor seja feita antes mesmo de entrar na sala de aula, porque o trabalho será avaliado pelos estudantes também, a forma como são aplicadas as atividades para eles, no ensino. Isso me fortalece mais no trabalho, enriquece ainda o meu conhecimento, a experiência que tenho e que tenho buscado cada vez mais, para aprender mais conhecimentos através da pesquisa/entrevista, e na discussão junto com os estudantes, para entender um pouco mais da nossa realidade, de que forma a comunidade se organiza para fortalecer o nosso saber. Essa vontade de aprendizado que está me guiando para fazer a pesquisa e trabalhar com estudantes, fortalece a maneira como as atividades estão sendo aplicadas na sala, incentivando os jovens, e para me manter focado na minha aprendizagem também, juntamente com quem trabalho diretamente.

E durante os dias 25, 26 e 27/05/2022, nós continuamos a nossa atividade em relação ao tema “Palavras masculinas e femininas”, dividindo-o em partes, ou seja, separando as palavras masculinas das femininas, a forma como as palavras são pronunciadas, para saber um pouco mais do conhecimento dos alunos/as também, para entender como cada um dos estudantes pensa sobre o nosso tema. Isso foi feito para avaliar a participação dos estudantes, não avaliando somente a escrita deles, mas também o interesse de participação na atividade cultural, ou seja, para acompanhar as práticas deles fora da escola, como é que cada um praticaria as falas, especificamente o uso das palavras distintas que temos na nossa língua materna Apyãwa.

Essa atividade também não foi feita com intenção de julgar os falantes Apyãwa por não estarem usando as palavras distintas em número maior de pessoas, mas sim para registrar as diferentes formas lexicais e motivar a reflexão e o resgate do uso na comunidade. Ela foi realizada para debater sobre a importância das práticas delas, para trocar ideias, e como incentivo aos jovens para sua conscientização. É muito importante saber o conhecimento que

os jovens têm sobre o tema, trocando as ideias principais em relação ao tema estudado. Essa oportunidade gerou um grande aprendizado crítico e produtivo.

Cada estudante teve o exercício para fazer, que foi a elaboração de ilustrações com situações de uso envolvendo falantes dos gêneros masculino e feminino, da forma como entenderam, usando as suas palavras, expressando o seu sentimento, o seu ponto de vista na atividade. A atividade foi feita na língua materna, como sempre venho trabalhando com eles na sala de aula. Realizando essa atividade, a escrita foi feita na língua materna e, depois, foi comentada oralmente também, para ver as diferenças de ideias que trouxeram para apresentar, para mostrar na ilustração, como se escrevem e como são faladas oralmente as palavras distintas. Assim, todos contribuíram para a experiência da turma, repassando outras experiências para outras colegas da sala, porque além de ilustrar, também fizeram frases pra mostrar o modo de se expressar por meio das falas, o que funcionou muito bem como atividade escolar para os participantes na sala de aula.

Através dessa pesquisa, o tema foi abordado por meio da atividade escolar para abrir as nossas visões em relação à nossa própria cultura, que foi especificamente tratada pelas palavras distintas Apyãwa e nós mesmos estamos nos despertando sobre a falta do uso dela, e avaliando quem são falantes dessas palavras, que ainda usam as palavras adequadamente, assim conhecendo a riqueza do nosso saber, culturalmente. Por isso, nós ainda continuamos praticando muitos dos nossos conhecimentos, porque a escola tem feito um papel muito importante de trabalhar o saber Apyãwa na sala de aula, para que nós asseguremos algumas das nossas tradições, ou até mesmo voltemos a realizar algumas que já não são mais realizadas pela nossa comunidade. Para isso, eu estou me esforçando bastante para alcançar o meu objetivo, para que por meio dos meus trabalhos, contribuir com os jovens, compartilhando o meu conhecimento, a minha experiência de vida, para que voltem a valorizar muito mais a nossa realidade através do incentivo, afirmando a nossa identidade por meio do uso da nossa cultura, conforme a nossa realidade, pois essa atividade está revelando várias ideias incentivadoras, os pontos positivos dos jovens a respeito da nossa língua materna.

Trabalhando desta forma com os jovens, na escola, além do que os pais já fazem, nós vamos alcançar o nosso objetivo, ou até mesmo se aproximar do objetivo, tornando os jovens como um dos grandes conhecedores da nossa cultura. Através dessa pesquisa também nós estamos nos auto avaliando, analisando as práticas dos jovens nas falas, para que nós, jovens, voltemos a praticar as atividades comunitárias ativamente na oralidade, respeitando e valorizando o seu modo de uso. Porque na maioria das vezes nós, jovens, sempre somos criticados, porque os sábios entendem e avaliam os jovens pelas participações deles, de acordo

com o que veem no comportamento, então, eles é que organizam o nosso conhecimento, transmitindo o saber para nós.

Assim, estou em busca de melhorar a minha prática pedagógica e aprendendo cada vez mais, pesquisando, compartilhando e entrevistando os sábios, ouvindo as experiências dos estudantes na sala de aula, coletando o conhecimento deles para a minha formação de experiência também. O resultado da pesquisa vai estar à disposição de todos, com as informações que consegui registrar até o momento, voltadas às palavras distintas Apyãwa.

O produto pedagógico resultou num catálogo ilustrado com vinte e seis (26) situações de uso das palavras masculina e feminina, elaborado junto com os estudantes, , o qual permite mostrar a identidade linguística própria do nosso povo Apyãwa, com palavras especificamente usadas pelos homens e mulheres , que na nossa língua se chama **akoma'e xe'egã** e **koxy xe'egã** (as falas masculina e as falas feminina), as quais fazem parte da nossa cultura tradicional, e acredito que é uma maneira muito eficiente de ajudar as crianças em fase de alfabetização na escola e nas famílias também, pois, ao mesmo tempo em que elas aprenderão, ensinarão outras pessoas a usarem as palavras também. E para facilitar ainda mais o ensino, também estarão adquirindo através da escrita e da oralidade, as palavras masculinas e femininas Apyãwa. O produto será disponibilizado para todas as escolas Apyãwa, bem como para outras comunidades que se interessem pela metodologia utilizada para o ensino de palavras distintas da língua Apyãwa.



Imagem: 62 – Estudantes de ensino médio (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2022)

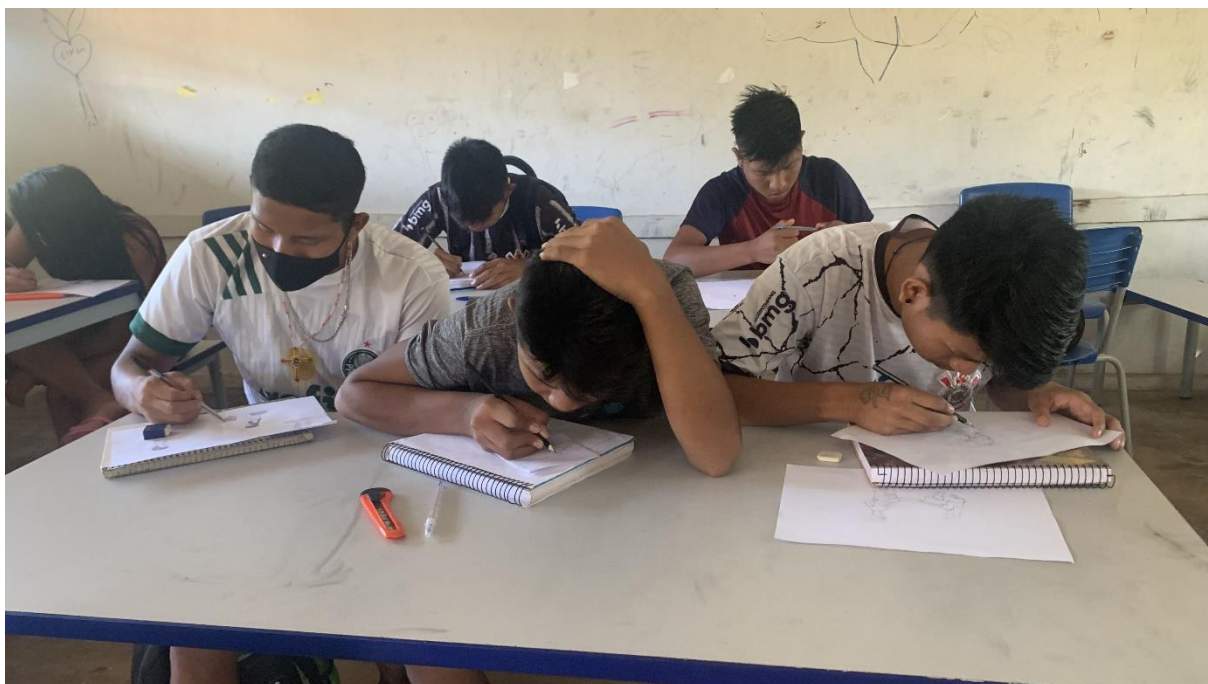


Imagem: 63 – Estudantes de ensino médio (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2022)



Imagem: 64 – Estudantes de ensino médio (Foto: Waraxowo'i Maurício Tapirapé, 2022)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a nossa cultura e tradição podem ser fortalecidas quando elas estão sendo ativadas e atualizadas de acordo com o movimento de uso dos integrantes da nossa comunidade Apyãwa, que são realizadores de conhecimentos nas práticas, que são falantes da nossa língua materna, o que nós percebemos claramente. Nós enxergávamos que algumas palavras tradicionais do nosso povo Apyãwa estavam em risco de desaparecerem, por elas não estarem sendo usadas pelas juventudes, ou até mesmo sendo substituídas por outras palavras não indígenas, “o português”. Vendo essa situação acontecendo dentro da aldeia Apyãwa (Tapirapé), tivemos de tomar a iniciativa de trabalhar isso na escola também, por meio das escritas e continuando o trabalho pela política linguística dentro da aldeia, onde também nós tivemos a liberdade de articular os conhecimentos e a situação da língua materna da nossa comunidade. E envolvendo todos, fizemos uma proposta de produzir material pedagógico próprio da comunidade para trabalhar o tema em coletivo, além de trabalhar só nas escolas Apyãwa, levando o assunto principal na discussão da comunidade, no processo de fortalecimento do uso das palavras distintas, até porque isso sempre foi apontada na discussão maior, no seminário pela comunidade. Por meio das atividades escolares, estamos trabalhando para amenizar essas situações que ocorrem nas aldeias Apyãwa, e estamos percebendo muito bem que a nossa política linguística está sendo bem focada no que está acontecendo na nossa comunidade, porque os professores e pesquisadores Apyãwa estão levando em consideração a realização de seminário para discutir aspectos socioculturais dentro desse evento, onde é debatida a nossa realidade. As informações colocadas, ou até mesmo adquiridas através das experiências de outras pessoas experientes da comunidade Apyãwa, sempre são bem vindas a contribuir para a nossa pesquisa, nos permitindo construir uma visão bem mais ampla acerca de todos os nossos conhecimentos tradicionais.

O trabalho está sendo direcionado mais na motivação das gerações mais novas que precisam ter o domínio do uso das palavras Apyãwa, para as práticas e regras culturais que geralmente exigem as palavras. Por isso, os processos de fortalecimentos culturais também foram exigidas na comunidade, para que por meio dos usos das nossas falas, pudéssemos excluir as palavras de língua portuguesa que estão substituindo as palavras tradicionais do povo, e para usar ainda mais a nossa língua materna. Dessa forma, por meio das pesquisas e nas atividades escolares, nós estamos atendendo à nossa necessidade, que é muito importante socializar na comunidade. Para que aquelas palavras ganhem o seu espaço na língua materna Apyãwa, é muito importante que os adolescentes, crianças e de outras fases, também utilizem as palavras distintas do seu gênero, para poder fortalecer seu uso, com o objetivo de manter a identidade

viva de cada gênero, onde todas as palavras Apyãwa ganharão os seus valores significativos, no ponto de vista da comunidade. A partir daí, a comunidade começa a usar as palavras, com o objetivo de fortalecer as práticas culturais. E daí também eu tomei iniciativa de trabalhar esse tema na escola, juntamente com os estudantes do ensino médio, no intuito de publicar um livro, voltado à nossa realidade”, como a língua materna Apyãwa.

Assim, conforme os trabalhos são feitos nas aldeias, ou nas escolas Apyãwa, as pessoas da comunidade sempre acompanham as atividades, participando ativamente do trabalho, percebendo a importância da nossa política linguística, e no decorrer da realização de trabalho nas práticas, ou seja, nos seminários, nas discussões, nós, estudantes da língua Apyãwa, também ganhamos novas experiências, através da transição de conhecimento das pessoas mais sábias da comunidade, como o tema relacionado no contexto Apyãwa, entendido também como sustentabilidade cultural. Por meio disso, a nossa política veio ganhando a sua força e conquistando mais a confiança dos próprios Apyãwa. Consideramos que o nosso trabalho no contexto Apyãwa representa um papel importante, através do diálogo com a comunidade em diferentes temas, no sentido de transmitir os conhecimentos tradicionais de forma contextualizada. Sendo assim, trocamos os conhecimentos com diálogo, um tendo o maior respeito pelas experiências do outro, para o fortalecimento dos nossos valores socioculturais e da nossa tradição em geração como um povo indígena.

O produto pedagógico produzido durante a pesquisa tem por objetivo contribuir para os trabalhos dos professores/as na sala de aula, de modo a fortalecer o uso das palavras distintas Apyãwa, na comunidade. Neste processo, pretendo adentrar e conhecer um pouco mais o mundo do trabalho dos professores Apyãwa, a partir das suas colaborações. Apesar de eu ter trazido o resultado da minha pesquisa escrita, também sempre vou estar preparado para aprender novas experiências através das práticas pedagógicas dos colegas professores Apyãwa, e com a colaboração dos estudantes, assim como todos Apyãwa. Portanto, todos colaboram com o conhecimento, já que nós trabalhamos voltados ao fortalecimento e na valorização dos saberes Apyãwa. Então, o resultado de pesquisa sempre vem a contribuir no âmbito do fortalecimento nas práticas culturais, que acontece através dos movimentos da comunidade, de acordo com a nossa realidade, das atividades comunitárias.

Dessa forma, mais um trabalho será disponibilizado aos profissionais da educação, para que seja usado nas aulas ministradas nas escolas Apyãwa, que, como sempre, são abertas à discussão dos diversos assuntos abordados, para continuar construindo novas práticas pedagógicas com demais aspectos.

## **CONSULTORES NATIVOS**

Awarao Timóteo Tapirapé (In Memoriam).

Regina Eirowa Tapirapé, 57 anos de idade, moradora da aldeia Tapi'itãwa.

Taparawoo Tapirapé, 77 anos de idade, moradora da aldeia Towajaatãwa.

## REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001.

BORGES, Mônica Veloso. **Diferenças entre as falas feminina e masculina no Karajá e em outras línguas brasileiras: aspectos tipológicos**. (UFG / PG-UNICAMP) 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN. 9394/1996.

BRASIL. Referencial curricular para as escolas indígenas. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi'awyga. **Takãra: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2020.

TAPIRAPÉ, Koxamaxowoo; CRUZ, Mônica Cidele. Notas sobre a fala masculina e feminina entre os Apyãwa-Tapirapé. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Brasília: Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2019, v. 11, n. 2.

Logo abaixo segue “O Produto Pedagógico”



APYĀWA XE'EGA  
AKOMA'E XE'EGA  
KOXŶ XE'EGA

## XE'APEĀWA

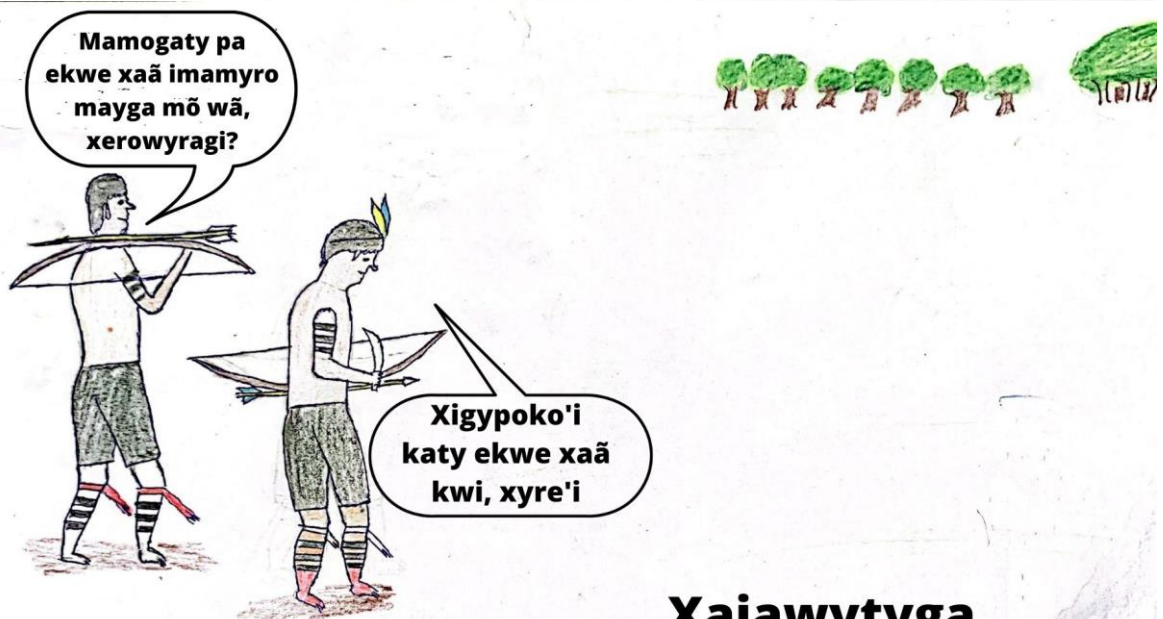
'Ā temo'mara ywyrabe pe iapapyra kwee wetepe araapa irekawo axema'ema'e agŷ ramō, aranowa'yao pe axema'ema'e agŷ ramō, xema'eājpe, ia'yga kwee irekawo ywyrabe xiga pe, ikwaxiāta ywyrabe pe ipype imanawo xerexe'ega. 'Ā te'omara re kwee xe'apeāwa, xema'eājpe temimagy pyra ramō iapaāp, Apyāwa apito'ākwera axema'ema'e agŷ xema'eāwa ramō, xerexe'ega magyāwa re ixema'eāwa ramō. A'era kwee 'ā araapa te'omara pe inoga xerexaope akoma'e xe'ega, koxŷ xe'ega ne. Maryn kwakaj axema'ema'e agŷ ramō araapa irekawo axapa pe, 'ā ywyrabe pe ikwaxiāta irekawo, pitywera remimagetā ryma ramō, ixema'eājpe.

A'era kwakaj emiga re arama'ēwo 'ā arakwaxiāt wetepe Apyāwa xe'ega apyrepyrera inoga xerexaope, imagetāpyra ramō, xema'ājpe temimagypyra ramō. Xe'ega renone xowe kwee axema'ema'e ia'ygi inoga āwa axe'ega ma'e agŷ, ipoenokatoākamātāta emanyn xepe xerexaope xe'ega magyāwa ranō, axema'ema'e agŷ we ixema'eājpe. Emanyn a'e ramō kwee xe'apeāwa 'ā xema'eāwa apaāwyma re, gŷ remiexaka ramō inoga ywyrabe pe ranō, Apyāwa xe'exaparemō, xema'eājpe. A'e ramō ekwe 'ā xe'ega apyrepyrera itowi axekwaxiāta ywyrabe imagetā ramō, Apyāwa xe'exaparemō ramō xe. A'e wi xowe ekwe 'ā ee axema'ema'e agŷ ipoenowi imawo xerexe'ega. 'Ā te'omara apaāwa kwee a'e ramō aoxekatoete iapawo pitywera xema'eāwa ramō.

Emanyn te'omara magyāwa re kwee 'ā araxe'apeāwa inoga xerexaope ikwaxiāta Apyāwa ramō xerexe'ega xaparemō, akoma1e xe'ega, koxŷ xe'ega ne, xema'eāwa re aramaēwo ranō. 'Agā magyāwa ekwe aoxekatoete pitywera we xema'eājpe, a'e wi xowe ekwe a'egŷ ima'e aawo wetā agŷ awyrabe ranō, ipype axema'e re, xerexe'ega magyāwa re. 'Ā ekwe 'agā itowi ywyrabe imagetāpyra ramō xema'eājpe xanewe, gŷ remiexaka ramō.



## Mareakeri



## Xajawytyga



**Okareaxowa**

Ma'e pa'e yg  
ere'ojxe'i iryna  
he? Xekoxameri.



Kawi yg ã'ojxeo  
iryna rapy.



## Oparaxowa

Xekywyri,  
eraporaāj ke  
etamakora'yao,  
Marakāyja re ki'i.

A'era pa ekwe he, koxa,  
akakyt weporaāta.  
Araporaāj matarajwii ie  
wetamakora ranō he!

A'e ta'e ekwe  
ma'e ramō  
xemoon?

Netamakora xi  
pawire xowe ekwe  
aramoon ee.

Ma'e ramō tā  
ane erexemoon  
matat?



Xexoo ramō ke  
a'era mō xemoon  
he, koxa!

## Okareaxowa

Ma'e xemoonāwa  
ramō pa erexemooni  
rapy?

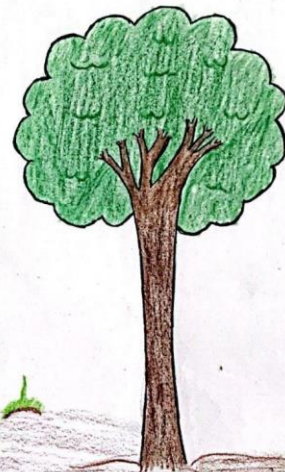
Xakarepyape  
ramō ki'i!



**Korira'i**

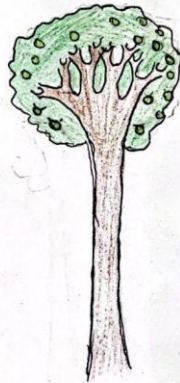
A'i!  
Aoxekato pa amō  
ererixe'ii xewe  
rapy.

Koxā, ka arot  
newe 'ipirā mō  
he.



**Koxamy'i**

Ma'e pa'e yg  
eremanyyki e'yna  
rapy?



Magāwa yg  
amanyyki  
we'yna kā!



## Katoaxowoo

Wetepe ekwe  
axokā iraāwo  
'ipirā.



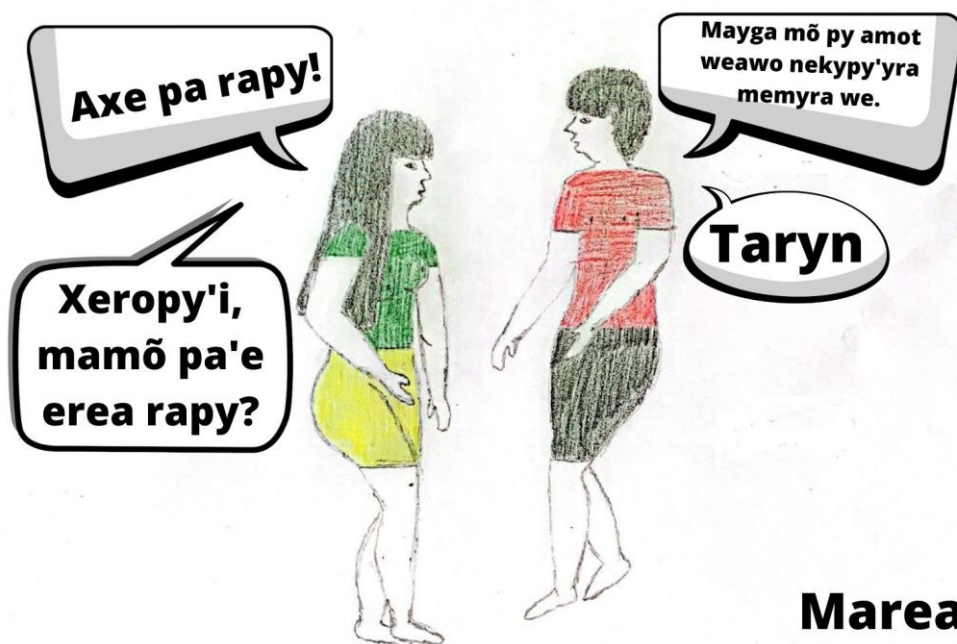
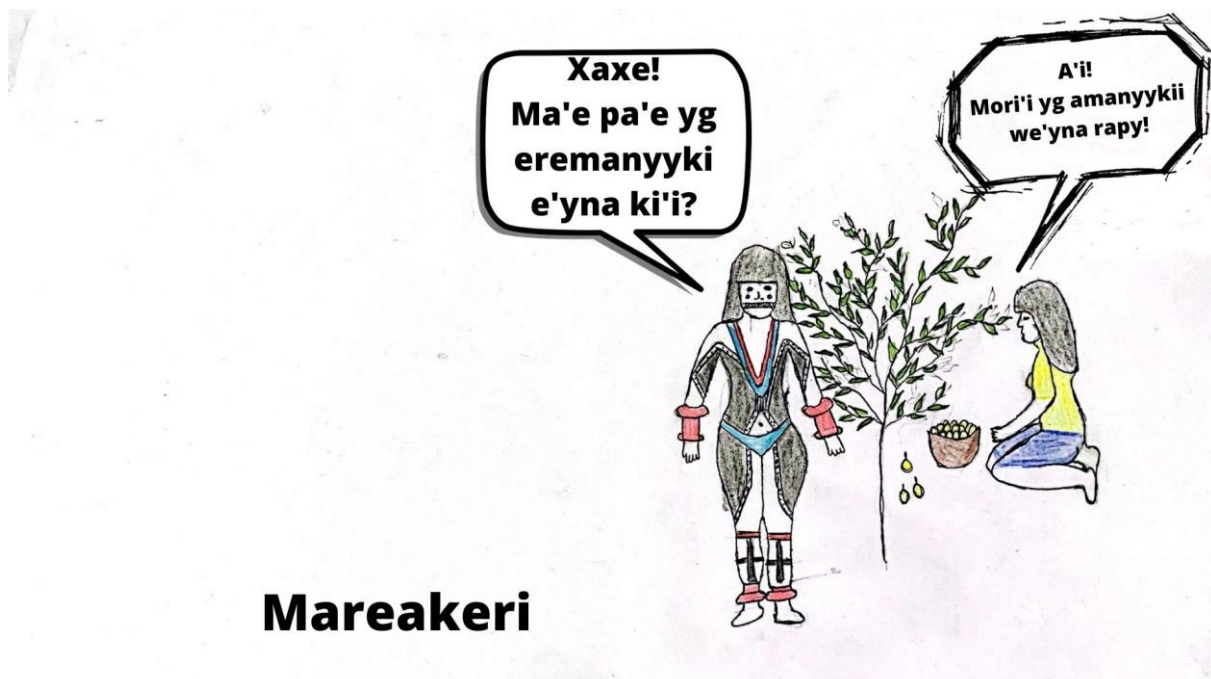
Axe'apeāwixe'ii  
akaj we'yna  
wexekakawyma re  
ra'e kwi.

Taraājxe'ii  
wexemiāra mō  
wexekawiāra  
we ne.



Aoxekato ka  
ererorixe'ii xewe  
tokonare mō kwi!

## Koria



Akeraweri,  
maryn pa yg  
erexari e'yna  
wã?

Maryn pawã!  
Axepe'e ii yg wexata  
we'yna kwi.

**Koxaera**

Mamogaty ta'e ekwe  
erea ekawo?  
Ejxagato ke eawo  
ekawo, xyre'i.

Api, ataãra  
mõ py aã  
wekawo.

**Oparaxowa**



**Mareakeri**





## Koxaera



## Mareakeri



## Katoxowoo



## Tamakorawy

Netamakora  
yg aāpa iryna  
newe kā!



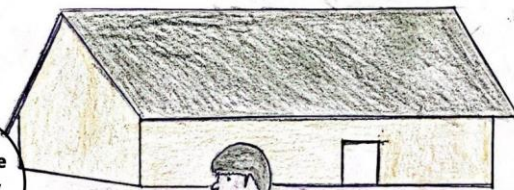
Api, ma'e pa'e  
yg ereapa'i  
e'yna he?



## Kamoriwa

Nami, exe'egapy  
examōj'i we kwi, aa  
pā ekwe ka pe.

Xeramōj, erea pa xe  
ekwe ka pe xeropy  
agy rewire?



Marygato roke  
ekwe kwi, nami.  
Niwaxaj wexayxay  
ramō kwi!

## Xajawytyga

